

UNEMAT

PROFLETRAS

MESTRADO

# UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Carlos Alberto Reyes Maldonado

## PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

Rede Nacional

UNIDADE CÁCERES

# UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso  
Carlos Alberto Reyes Maldonado



PROFLETRAS

Rede Nacional

### PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Av. Santos Dumont - s/n - Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem  
Cidade Universitária - Bairro DNER - CEP 78.200-00 - Cáceres-MT  
Tel. (65) 3224-1307

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Mestrado Profissional em Letras –  
PROFLETRAS**

**MARILEY TEIXEIRA SANTOS FRANÇA**

**UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO ENTREVISTA: CONHECENDO A CIDADE  
DE TESOIRO – MT SEGUNDO O OLHAR DE SEUS MORADORES**

**CÁCERES – MT  
2019**

MARILEY TEIXEIRA SANTOS FRANÇA

**UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO ENTREVISTA: CONHECENDO A CIDADE  
DE TESOIRO – MT SEGUNDO O OLHAR DE SEUS MORADORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. José Leonildo Lima.

CÁCERES – MT

2019

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

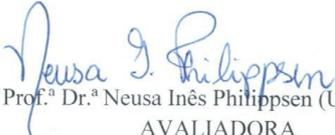
F814u	<p>FRANÇA, Mariley Teixeira Santos. Uma Experiência com o Gênero Entrevista: Conhecendo a Cidade de Tesouro-MT Segundo o Olhar de Seus Moradores / Mariley Teixeira Santos França - Cáceres, 2020. 174 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020. Orientador: José Leonildo Lima</p> <p>1. Sociolinguística Variacionista. 2. Entrevista. 3. Narrativa. 4. Produção Textual. I. Mariley Teixeira Santos França. II. Uma Experiência com o Gênero Entrevista: Conhecendo a Cidade de Tesouro-MT Segundo o Olhar de Seus Moradores: . CDU 81'1:316.6(817.2)</p>
-------	---

MARILEY TEIXEIRA SANTOS FRANÇA

GÊNERO ENTREVISTA: CONHECENDO A CIDADE DE TESOIRO –MT  
SEGUNDO O OLHAR DE SEUS MORADORES

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. José Leonildo Lima (UNEMAT)  
ORIENTADOR

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neusa Inês Philippsen (UNEMAT)  
AVALIADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)  
AVALIADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Landivar de F. Barbosa (UNEMAT)  
SUPLENTE

APROVADA EM 27/09/2019

Dedico este trabalho à minha mãe, Iracy Teixeira da Silva (*in memoriam*), minha base, minha inspiração, meu exemplo de vida. Mesmo ausente fisicamente, senti sua presença, seu carinho, sua força e seu cuidado, desde a realização do exame de acesso ao mestrado até sempre, a ela devo a pessoa que sou e mais essa conquista.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por nos capacitar e dar forças para a realização deste trabalho.

Aos queridos alunos, minha gratidão por não medirem esforços para o desenvolvimento deste projeto e sempre me receberem com um sorriso no rosto.

À diretora da escola XV de Outubro Ana Paula Ribeiro Messias, pelo apoio total e incentivo.

À Coordenadora Daniele Suares Lima Torres pelo incentivo de sempre e especial ajuda com os alunos e pais, a fim do sucesso desse trabalho.

A todos os professores e funcionários da escola, que colaboraram direta ou indiretamente para o desenvolvimento das atividades.

Aos professores de Geografia, Mídia Silva Góes e de História, Agnaldo Almeida Sodré, que aceitaram prontamente em participar comigo deste projeto, trabalhando interdisciplinar, realizando pesquisas com os alunos para a coleta de dados sobre o município.

Em especial, à professora Áurea Batista Neta Oliveira, professora regente da turma que muito me ajudou: com os alunos, na diagramação do livro e com incentivos nas horas difíceis usando sua frase inesquecível: “Calma! Vai dar certo!”.

À professora Dra. Sandra Raquel Cabral Hayashida que ministrou a disciplina de Ensino da Escrita, Didatização e Avaliação e generosamente ajudou-me a pensar o projeto e colocar no papel toda a ideia, do início ao fim, minha eterna gratidão.

À professora e nova amiga mais “SUPIMPA” de todas, Nilse Maria. “Uai, menina, você não vai desistir não!”. Obrigada, por não me deixar desistir!

Às coordenadoras do Mestrado Profissional em Letras – Profletras/UNEMAT – CÁCERES - MT, Prof<sup>a</sup>. Dra. Vera Regina M. e Silva e Prof<sup>a</sup>. Dra. Maristela Cury Sarian, que sempre acreditou em nosso trabalho e apoiaram nas horas difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Leonildo Lima, por ter me auxiliado e orientado no decorrer de todo o processo, pelas valiosas orientações, incansáveis sugestões, paciência e conselhos.

À minha banca, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT – SINOP - MT) e Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues Universidade Federal do Pará – UFPA, pelos apontamentos pertinentes na qualificação, que engrandeceram este trabalho.

Aos entrevistados, que generosamente contribuíram com suas histórias para a realização desse trabalho: Wilson, Valdecina, Valdomiro, Eudes, Arleny, Guilherme, Dimas,

Lourivaldo, Valter, Tutinha, João Antônio Ayres, Gelmary, Jovanildo, Jonas Santos, José Moraes, Dona Maria, Almerindo, Aldemir Magalhães e Padre Wender.

Aos meus filhos Leonardo Teixeira França e Lorenzza Teixeira França, pelo apoio, incentivo, ajuda e compreensão nos momentos difíceis, meu amor eterno.

Ao meu esposo, Simião dos Santos França, pela grande paciência, tolerância, compreensão, colaboração e estímulo.

A toda a minha família que apoiou e torceu por mim, em especial aos meus irmãos Marízia Teixeira dos Santos e Jonaldo Teixeira Santos, que corroboraram em todos os sentidos, inclusive financeiramente. Meu amor e gratidão eterna.

Ao meu pai Jonas Santos Silva, que me ajudou sempre com suas orações e dizia: “Não esquece de vir me falar que vai viajar para estudar, porque fico orando por você até que volte”.

À minha mãe Iracy Teixeira da Silva (*in memoriam*), minha maior incentivadora, heroína e orgulho em toda a vida.

À minha cunhada Erma França e sobrinha Lecy França, que me acolheram em suas casas e me alimentaram em Cáceres - MT durante todo o mestrado, minha gratidão e carinho.

Ao meu sobrinho Jhean Pedro, por emprestar seu tempo, seus lindos dedos e digitar meus textos.

Aos colegas de jornada: Fátima, Luciana, Marta, Márcia, Dionila, Marcos, Queila, Jusciléia, Flávia, Gislaine, Neanderson, Daniela, Nicéia e Cléia, pelos inesquecíveis momentos de trocas, aprendizado, cooperação e amizade, nos tornando a família #T4forever.

À Luciana Lana, sem você não teria conseguido realizar meu sonho, que se tornou seu também, minha vitória é sua vitória. Eternamente grata.

À Secretaria do Profletras, na pessoa da inesquecível Brenda.

À Secretaria de Estado de Educação - SEDUC, que me concedeu a licença para qualificação profissional.

Na convivência, o tempo não importa.  
Se for um minuto, uma hora, uma vida.  
O que importa é o que ficou deste minuto,  
desta hora, desta vida...  
Lembra que o que importa  
... é tudo que semeares colherás.  
Por isso, marca a tua passagem,  
deixa algo de ti...  
do teu minuto,  
da tua hora,  
do teu dia,  
da tua vida.  
(Mário Quintana)

## RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa do curso de pós-graduação *stricto sensu* do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, que teve como finalidade o desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica em Língua Portuguesa, o qual foi realizado com uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual XV de Outubro, na cidade de Tesouro, Mato Grosso, no segundo semestre de 2018. Teve como objetivo principal desenvolver as competências linguísticas e discursivas dos alunos, por meio do gênero entrevista. Diante disso, este trabalho está fundamentado sob a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, no tratamento do uso das variedades linguísticas apresentadas nas entrevistas e da Linguística Textual, em relação ao trabalho com o gênero textual, a produção escrita e os recursos linguísticos e discursivos; das teorias sobre o gênero entrevista, no tocante à estrutura e organização do gênero; Desta forma, o estudo foi norteado por meio de leituras, pesquisas, análise de diversos tipos de entrevistas, aulas de campo, vídeos, palestras, produções de textos, assistir e ler entrevistas veiculadas na TV, em revistas, Blogs, jornais e rádios, com a finalidade de levar os alunos a conhecerem o gênero, sua constituição e funcionamento. Com as pesquisas realizadas, os relatos e histórias dos entrevistados, os alunos fizeram a retextualização da fala para a escrita e escreveram narrativas que contam suas histórias e a história do município de Tesouro, e, dessa forma, puderam conhecer, visitar e registrar as memórias relatadas por seus moradores para comporem o produto final do projeto o livro intitulado “História e cidade: esse lugar é um Tesouro!”. Portanto, a partir deste trabalho e dos estudos realizados percebemos que é de suma importância trabalhar a leitura e a escrita, de forma que despertem o prazer nos alunos, explorando a oralidade, e nos momentos oportunos refletir sobre as regras gramaticais dentro das suas produções de textos. Para esse fim, utilizamos o gênero textual entrevista, trazendo uma importante interação com a comunidade, utilizando os espaços, que não o escolar, e planejando situações nas quais os conhecimentos linguísticos e discursivos com os quais o sujeito opera nas práticas sociais, mediadas pela linguagem, resultassem em sua finalidade maior, que é o ensino. A mudança nos estudantes foi perceptível, e na escola, visível. O trabalho com a oralidade e a variação linguística possibilitaram-nos romper paradigmas cristalizados referentes ao ensino de Língua Portuguesa. Desconstruímos conceitos nos alunos, na escola e, principalmente, em nós enquanto fazer pedagógico.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. Entrevista. Narrativa. Produção Textual.

## RESUMEN

El presente trabajo es el resultado de una investigación del curso de posgrado stricto sensu del Programa de Maestría Profesional en Letras - PROFLETRAS, que tuvo como objetivo desarrollar un proyecto de intervención pedagógica en lengua portuguesa, el cual se llevó a cabo con una clase de octavo grado de Primaria de la Escuela Estatal XV de Octubre, en la ciudad de Tesouro, Mato Grosso, en el segundo semestre de 2018. Su objetivo principal era desarrollar las habilidades lingüísticas y discursivas de los estudiantes a través del género de la entrevista. Por ello, este trabajo se basa en la perspectiva teórica de la Lingüística Textual, con relación al trabajo del género textual, la producción escrita y los recursos lingüísticos y discursivos; de las teorías sobre el género entrevista, con respecto a la estructura y organización del género; de Sociolingüística Variacionista, en el tratamiento del uso de las variedades lingüísticas presentadas en las entrevistas. Por lo tanto, el estudio se guió a través de lecturas, investigaciones, análisis de varios tipos de entrevistas, clases de campo, videos, conferencias, producciones de texto, viendo y leyendo entrevistas transmitidas por televisión, revistas, Blogs, periódicos y radios, con la finalidad de que los alumnos conozcan el género, su constitución y funcionamiento. Con las investigaciones realizadas, los informes y las historias de los entrevistados, los estudiantes hicieron la retextualización del discurso del habla para el escrito y escribieron narraciones que cuentan sus historias y la historia de la municipalidad de Tesouro, y, así pudieron conocer, revisar y registrar los recuerdos reportados por sus residentes para componer el producto final del proyecto, el libro titulado "Historia y ciudad: ¡este lugar es un tesoro!". Por lo tanto, a partir de este trabajo y de los estudios realizados nos dimos cuenta de que es de suma importancia trabajar la lectura y la escritura, de forma que despiertan el placer de los estudiantes, explorando la oralidad y, en los momentos pertinentes, reflexionar sobre las reglas gramaticales dentro de sus producciones de textos. Para este fin, utilizamos el género textual entrevista, trayendo una interacción importante con la comunidad, utilizando los espacios distintos, o sea, no escolares, y planificando situaciones en las que el conocimiento lingüístico y discursivo con los cuales el sujeto opera en prácticas sociales, mediado por el lenguaje, resultaran en su mayor propósito, que es la enseñanza. El cambio en los estudiantes fue notable, y en la escuela, visible. El trabajo con la oralidad y la variación lingüística nos permitió romper paradigmas cristalizados relacionados con la enseñanza del portugués. Deconstruir conceptos en los estudiantes, en la escuela y, principalmente en nosotros mientras hacemos pedagogía.

**Palabras-clave:** Sociolingüística Variacionista. Entrevista. Narrativa. Producción textual.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 UNIVERSO DA PESQUISA</b> .....	15
1.1 A Cidade de Tesouro .....	15
1.2 A Escola XV de Outubro .....	23
1.3 A Turma .....	25
1.4 O Projeto Político Pedagógico da escola .....	27
<b>2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA</b> .....	29
2.1 Linguagem: meio de interação entre os falantes.....	29
2.2 Variação Linguística: diferentes modos de fala em uma comunidade linguística.....	31
2.2.1 Tipos de variação linguística .....	34
2.3 A Linguística Textual.....	37
2.4 Gêneros textuais: dinamismo no ensino-aprendizagem .....	43
2.5 Entrevista: o gênero que pressupõe outras formas de interação .....	46
<b>3 PRÁTICA E TEORIA: ESPAÇOS QUE SE COMPLEMENTAM</b> .....	53
3.1 Projeto de intervenção: explicações iniciais .....	53
3.2 Sequência metodológica: uma forma de construir a aprendizagem .....	56
3.3 Retextualização: um processo dinâmico .....	59
3.4 Pesquisa e oralidade: conceitos em construção.....	63
3.5 Performance e autoavaliação: formas de praticar a teoria e ressignificar a si.....	66
3.6 Interdisciplinaridade: ampliando a forma do saber/aprender.....	71
3.7 Tesouro pelo olhar de seus professores autores.....	74
3.8 A pesquisa <i>in loco</i> como alicerce do saber .....	78
3.9 O trabalho em grupo como forma de desenvolver a habilidade escrita .....	82
3.10 Produzindo conhecimento .....	92
3.10.1 Primeiro grupo: A lenda do apertado da hora.....	92
3.10.2 Segundo grupo: Emoções de um pescador.....	94
3.10.3 Terceiro grupo: O cachorro pescador.....	100
3.10.4 Quarto grupo: Três pedras de diamante e um sonho.....	103
3.10.5 Quinto grupo: Fecha nunca .....	105
3.11 Glossário: o registro das memórias de um povo .....	109
3.12 Produto final: uma outra oportunidade de aprendizagem .....	111
3.13 Avaliando nossa prática pedagógica .....	112

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	122
<b>ANEXOS</b> .....	128

## INTRODUÇÃO

A motivação para desenvolvermos um projeto de intervenção envolvendo a população de Tesouro – MT tem íntima relação com a nossa própria história. De origem humilde, filha deste pequeno município e a permanência durante toda a vida nesse lugar nos fez perceber que Tesouro é mais que o lugar em que vivemos: é a nossa história e o chão em que nossas raízes e frutos permanecem e se perpetuam.

Filha de ex-garimpeiro e com um histórico familiar aquém do mundo da escrita, o contato com os livros nos foi apresentado pelo olhar da escola, despertando durante o Ensino Fundamental o gosto pela leitura, e durante nossa vida acadêmica e profissional o senso de responsabilidade pela importância em apresentar leitura e escrita ao estudante.

Assim, a motivação por desenvolvermos a prática a que nos propusemos no 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual XV de Outubro teve origem na nossa própria realidade e interligou duas razões para nos tornarmos a docente que somos hoje: razão profissional e pessoal.

Apesar da realidade de cidade pequena e dificuldades que enfrentamos na adolescência, ler era imperativo. Assim, a leitura era nosso refúgio e a forma mais real de visitarmos e conhecermos novos mundos. Fruto de uma avidez enorme de leitura, nunca utilizamos critérios para ler, apenas líamos e, desse modo, entranhamos em nós essa prática tão rarefeita, inclusive entre docentes e, buscamos, em nossa prática educacional, desde os primeiros anos, mostrar aos nossos alunos que em tudo necessitamos da leitura. Mostramos que, seja em livros ou um simples recado, lemos e produzimos sentidos a partir da leitura.

Sempre tivemos a concepção de que a educação é o ato de formar o cidadão, de maneira integral, para a vida em sociedade. Não apenas ensinar as disciplinas do currículo escolar, mas tentar, de variadas maneiras, alcançar as mais profundas necessidades de adquirir conhecimento, desde as mais básicas (não supridas em casa, como leitura) até o ato de ensinar e aprender de forma mútua e concretizar o que Freire (1996, p. 142) afirma:

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. [...] Esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre e, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento.

Por meio da educação construímos quem somos de fato. Ao sermos alfabetizados e letrados, um mundo de possibilidades e descobertas se abre, a curiosidade e a vontade de aprender cada vez mais cresce. Assim, a educação nos desenvolve intelectualmente e nos torna pessoas mais críticas quanto ao mundo e a tudo que vivenciamos.

Ao observarmos o quadro geral da educação mato-grossense, percebemos que uma das principais preocupações para o universo educacional é o baixo índice de aproveitamento em produções de textos dos alunos nas séries finais do Ensino Fundamental. Uma das possíveis razões para as dificuldades enfrentadas por professores pode ser a falta de contato e a imersão em práticas educacionais que visem à associação entre leitura e escrita de forma significativa e coerente com a realidade do estudante.

Intimamente relacionada com o nosso histórico pessoal de luta em defesa dos próprios direitos enquanto professora, sabemos que a interação/engajamento com a sociedade é capaz de transformar o conceito do aluno sobre a real motivação de uma metodologia educacional e instigá-lo a produzir outras motivações: afetivas, cognitivas, sociais e pessoais para participar das atividades propostas e propor, também, novas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 20-21),

Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. [...] quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possui sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. Isso tudo determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos linguísticos.

Assim surgiu o projeto “Tesouro segundo o olhar de seus moradores”, que teve como objetivo desenvolver as competências linguísticas e discursivas dos alunos, enquanto promovia prática social entre escola e sociedade e transformava o simulacro da sala de aula em algo real/concreto por meio do gênero entrevista.

O projeto despertou nos estudantes a curiosidade pela história sobre a fundação do município em que moram, assim como a participação nas aulas de Língua Portuguesa, enquanto atribuíam significação e sentido aos conceitos estudados.

Pensamos nesse formato de intervenção por acreditarmos que cabe à escola, a nós professores, planejarmos, programarmos e dirigirmos as atividades didáticas, com o objetivo

de apoiarmos e orientarmos o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir a aprendizagem efetiva e tematizarmos os aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

A realização desse projeto partiu, ainda, de amplo e constante diálogo com estudantes e docentes de outras áreas e despertou inquietações, questionamentos e um grande desafio, além da realidade e história de Tesouro - MT. Contemplou, ainda, conceitos sobre leitura, interdisciplinaridade, produção escrita, respeito e valorização sobre a variação linguística referente ao povo tesourense.

No anseio de encontrar respostas e diante do desafio a que nos propusemos, esta dissertação versa sobre o trabalho desenvolvido com a turma do 8º ano (III ciclo, 2ª fase) do Ensino Fundamental, da Escola Estadual XV de Outubro, localizada no centro da cidade de Tesouro - MT, durante o segundo semestre do ano de 2018. Para discutirmos sobre conceitos e questionamentos didático-linguísticos, este trabalho foi inscrito na perspectiva da Linguística Textual e da Sociolinguística Variacionista, a partir de autores como Koch (2015), Antunes (2003 e 2007), Geraldi (1993), Schneuwly e Dolz (2004), Marcuschi (2004 e 2008), Alkmim (2004), Tarallo (1998), dentre outros.

Esse trabalho está dividido em três capítulos e todas as etapas foram desenvolvidas de forma colaborativa com os alunos, com a professora regente e com a comunidade escolar.

No primeiro capítulo, “Universo da pesquisa”, apresentamos o local, universo de desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, discorremos sobre os fatos históricos da cidade de Tesouro, desde sua descoberta até os dias atuais. Em seguida, apontamos a turma escolhida para o desenvolvimento da proposta e a divisão de grupos a ser realizada nessa turma. Finalizando, descrevemos a escola em que o projeto ocorreu, a Escola Estadual XV de Outubro, e relatamos sobre o seu processo de constituição, sua infraestrutura, localização, clientela atendida, números de alunos atendidos e anos ofertados. Fizemos também uma exposição sobre o Projeto Político-Pedagógico – PPP da escola, tendo em vista que este é um documento fundamental de definição da identidade institucional.

No segundo capítulo, “A construção da proposta”, procuramos fazer uma descrição minuciosa do processo de construção da proposta de intervenção, evidenciando desde a identificação dos problemas em sala de aula, transitando pela inquietação que nos motiva e a problematização dos métodos e conteúdos utilizados para se chegar ao produto final. Abordamos também a fundamentação teórica que sustentou a elaboração da proposta, mostrando as deslocções teóricas e metodológicas que as teorias afetaram e sustentaram o projeto. Demos, pois, visibilidade à construção do projeto de intervenção destacando o que

estava previsto e ficou de fora, o que entrou depois e quais as mudanças sugeridas pela banca. Apresentamos ainda um breve histórico sobre o gênero textual entrevista.

Tratando-se do terceiro capítulo, “Prática e teoria: espaços que se complementam”, apresentamos o desenvolvimento da proposta de intervenção pedagógica, descrevendo a realização das etapas do trabalho até a apresentação de partes de atividades realizadas com os alunos bem como algumas análises das produções relacionadas à teoria. Descrevemos o processo de realização das entrevistas em sala de aula, entrevistas com os moradores e como foram realizadas suas transcrições, retextualizações e como foram criados os textos narrativos dos alunos com os conteúdos das entrevistas. Procuramos também responder às questões: A fala dos tesourenses foi influenciada pelos migrantes baianos? Os garimpeiros da cidade possuem um falar próprio no seu convívio? E, ainda, com as variações linguísticas que apareceram nas entrevistas, fizemos um glossário no final do livro com a apresentação de alguns usos da linguagem, mostrando que língua e variação são inseparáveis.

Por fim, apresentamos a realização do evento de divulgação do produto final desse trabalho: a produção de um livro que conta a história do município de Tesouro - MT, segundo o olhar de seus moradores.

Portanto acreditamos que contribuímos com a produção de leitura e de escrita dos alunos com o desenvolvimento do projeto, pois abordamos a realidade partindo da vivência deles, abstraindo conceitos linguísticos e estabelecendo relações entre a linguagem coloquial e a padrão. Propusemos aos adolescentes muito mais do que conhecer conceitos, mas vivê-los autonomamente por diversas estratégias de aprendizagem. Permitimos que se inserissem em um grupo e um meio social e que participassem de situações com estrutura estimulante, conflituosas, reais, pertencentes à vida da população e do município em geral e percebessem como cada falante ou grupo tem uma forma própria de se expressar e reter a própria linguagem.

Esperamos que esta dissertação, muito mais que fonte de busca e aprendizagem teórica, sirva como exemplo de significação/ressignificação do falar próprio do nosso leitor que, abstraindo a volatilidade da língua, consiga também perceber-se nela e sentir-se representado nesta dissertação e, que, dessa forma, o leitor possa conhecer as memórias registradas pelos alunos do 8º ano/2018 e relatadas pelos moradores da nossa cidade para comporem o livro “História e cidade: esse lugar é um Tesouro!”.

## I CAPÍTULO

### 1 UNIVERSO DA PESQUISA

*A história é dinâmica. Estava estática, porém no momento em que você leu e relembrou, ela deixou de ser estática, ficou dinâmica. Por isso, esse trabalho é de uma importância muito grande, porque está resgatando novamente nossa história.*

*Professora Valdecina Ferreira em entrevista aos alunos no dia 05/09/2018.*

Conhecer e reconhecer a própria história significa resgatar e preservar as próprias tradições e culturas responsáveis pelo nascimento e perpetuação de outras e que atravessam a língua e a linguagem em que nos inserimos e/ou fazemos usos. Trata-se de reconstruirmos conceitos e quem somos enquanto seres humanos e sujeitos pertencentes a um grupo: sujeitos sociais.

#### 1.1 A CIDADE DE TESOIRO

Este trabalho de intervenção pedagógica foi desenvolvido na Escola Estadual XV de Outubro, localizada na cidade de Tesouro - MT, região sul do estado de Mato Grosso, distante 366 km da capital, Cuiabá. Tesouro faz divisa com os municípios de Guiratinga, General Carneiro, Pontal do Araguaia e Poxoréo. A região onde está localizado o município de Tesouro foi ocupada, antes da colonização, pelo homem branco sobre o território do povo indígena da nação Bororo. A ocupação das terras chamadas de leste mato-grossense, território Bororo desde pelo menos o século XVIII, começa a ser disputada por não índios e fazendeiros vindos dos estados de Minas Gerais e de Goiás a partir de 1880. Ao longo do século XIX os índios foram caçados, escravizados e perseguidos pelas expedições militares e pelos fazendeiros. Os índios Bororo fugiam para retornarem às escondidas e revidarem, matando famílias inteiras de fazendeiros e viajantes que encontravam pelo caminho. Segundo o viajante alemão Karl Van Den Steinen

Dizem que nos anos de 1875-1880 os Bororos incendiaram 43 casas, mataram 204 pessoas (134 homens, 46 mulheres, 17 crianças, 7 escravos) e feriram 27 pessoas (11 homens, 6 mulheres, 3 crianças, 7 escravos). Quantos Bororos foram mortos – não se conta. (STEINEN, 1940, p. 572).

Em 1890, dez anos pós-República, o governo brasileiro concluía a Linha Telegráfica de Cuiabá à região do Araguaia, localizada no norte de Mato Grosso, realizada por Cândido Mariano da Silva Rondon. Concluída a Linha Telegráfica e com a estrada carreteira aberta, facilitou a vinda de fazendeiros para a região. Rondon começou um lento processo de aproximação com os bororos, promovendo sua defesa e pacificação. Conseguiu a amizade daqueles índios, aprendeu sua língua e os utilizou na reconstrução das Linhas Telegráficas. No início do século XX, aproveitando a estrada aberta, os padres salesianos saíram de Cuiabá e se instalaram sob o abrigo das Linhas Telegráficas para catequisar os povos bororos, também chamados de coroados ou orientais.

Nas regiões do Rio das Garças, os salesianos aproveitaram do movimento de “pacificação” dos índios bororos e estabeleceram colônias próximas às aldeias. Em 1902 fundaram as Colônias do Sagrado Coração de Jesus do Meruri, no Rio Barreiro, da Imaculada Conceição (1904-1918), às margens do Rio das Garças e a de São José, em 1906, no rio Sangradouro (essa a 70 km de Tesouro).

Em 1920, com o surgimento das corrutelas garimpeiras, os salesianos ampliaram seu território salvacionista. Com o passar dos tempos transformam as novas aldeias dos bororos, as missões, em núcleos urbanos “civilizados” e os bororos em cristãos e trabalhadores nacionais “úteis à Pátria”. Construíram igrejas e colégios nas aldeias, inclusive na aldeia do “Sangradouro”. O colégio era em regime de internato para cuidar da educação dos filhos de fazendeiros e de garimpeiros de “posses” da região, incluindo as “corrutelas” de Tesouro e Cassununga.

Aos poucos, ou pelas armas ou pela fé, os bororos viram sua resistência minar. Uns ficaram sob a tutela da igreja (salesianos), outros se subordinaram a Rondon e depois ao Centro de Proteção ao Índio, criado em 1910. Rondon empenhou-se em demarcar suas terras, preocupou-se em manter a sobrevivência física e cultural de seu povo, uma vez que se reconhecia como descendente de bororo. Um terceiro grupo permaneceu autônomo até ser dizimado.

Vejamos os dados abaixo no relatório dos trabalhos desenvolvidos pelos salesianos enviado à Inspeção Salesiana de São Paulo, pelo padre Jean Doroure, Vigário Delegado da Prelazia de Registro do Araguaia em 1938.

Observamos o aumento impressionante da população, a criação de colégios para atender os “civilizados”, a fundação de vinte novas igrejas, a fundação de vinte e seis novos núcleos urbanos entre cidades e corrutelas.

**(Resumo Comparativo dos Trabalhos Desenvolvidos pelos Salesianos)<sup>18</sup>**

Ano	1925	1938
<b>Superfície</b>	275.000 km <sup>2</sup>	275.000 km <sup>2</sup>
<b>Pessoal Missionário</b>	<b>44 membros:</b> 15 sacerdotes 11 irmãos coadjutores 18 irmãs	<b>43 membros:</b> 18 sacerdotes 08 irmãos coadjutores 19 irmãs
<b>População Civilizada</b>	3.000 habitantes	60.000 habitantes 70% garimpeiros 5% lavradores 25% outras profissões
<b>População Indígena</b>	Uma Tribo: Bororo	Três Tribos: Bororos (30% batizado) Carajás Xavantes
<b>Missão Indígena</b>	Duas	Três permanentes e duas volantes
<b>Paróquias</b>	Duas	Quatro
<b>Igrejas</b>	Cinco	Vinte e duas*
<b>Colégios indígenas</b>	Dois masculinos Dois femininos	Dois masculinos Dois femininos
<b>Colégios civilizados</b>	Um masculino Um feminino	Três masculinos Três femininos Uma escola parochial

Arquivo: Diocese de Guiratinga - MT.

As expedições militares, os fazendeiros, os salesianos e Rondon “amansaram” os bororos, devastaram seu território e abriram novas estradas fazendo ligações terrestres dos não índios do sertão leste de Mato Grosso com Cuiabá, Minas Gerais e Goiás, após com São Paulo e Rio de Janeiro. Do contato de alguns fazendeiros com os índios foi que surgiu a notícia das pedras que brilham, sendo os personagens principais Antônio Cândido de Carvalho, que deu início às explorações em busca de diamantes, mas faleceu antes que fossem encontrados e João José de Moraes Cajango.

O marco inicial da ocupação dessa região é atribuído ao bandeirante Cândido de Carvalho, um dos primeiros fazendeiros a instalar-se e comandar três entradas pelo leste de Mato Grosso e um dos precursores das expedições exploratórias do Rio das Garças em busca de metais preciosos. Em 1897, tornou-se amigo dos índios bororos e um grande propagandista dos campos de excelentes pastagens naturais, das matas de solos férteis e das paisagens deslumbrantes, atraindo, para a região, os fazendeiros, os seringueiros e os garimpeiros, estes últimos, vindos do Nordeste, principalmente migrando do estado da Bahia para essa cidade.

Cândido esteve nessa região, mas não ficou por muito tempo, mesmo assim atraiu para essa região seringueiros, fazendeiros e garimpeiros. Dentre estes, na década de 1980, Cajango (João José de Moraes), que mudou-se para uma fazenda nas cabeceiras do Rio das Garças e sonhou em descobrir uma jazida diamantífera que aumentaria a receita de sua fazenda. Em 1909, Cajango recebeu algumas orientações da existência das ‘pedras que brilham’ de um índio chamado André (nome cristão) e junto com Feliciano Cezilio, líder de um grupo de extratores de borracha vindos da Bahia que chegaram até a fazenda Boa Vista de propriedade de Cajango combinaram uma expedição para o Rio Cassununga, afluente do Rio das Garças.

Os seringueiros resolveram explorar o Rio das Garças e terras banhadas pelo Rio Cassununga em busca de diamante. Cajango foi o cérebro da expedição, fornecendo o roteiro, e Cezilio forneceu mão de obra (com seus homens) e suprimentos. Quando já estavam a ponto de desistir, D. Joana, esposa de Cezilio, ao lavar os pratos na beira do rio encontrou uma pedra brilhante. Assim a primeira zona diamantífera foi descoberta.

Quando Cezilo foi vender seus diamantes em Cuiabá, foi preso pela polícia cuiabana suspeito de ter roubado os diamantes. Tempo depois foi libertado e conseguiu vender os diamantes por um conto e trezentos mil réis. Logo que Cajango vendeu suas pedras em Minas Gerais, e Cezilio em Cuiabá, a notícia se espalhou pelo Brasil.

Assim, Cajango, fazendeiro, colonizador e minerador, foi um dos mais influentes nomes da história do leste mato-grossense em fins do século XIX e começo do século XX. A fazenda de Cajango se estendia pelo território hoje de Guiratinga até a cidade de Alto Garças.

Descobertos os monções (veios diamantíferos) a “cata” dos diamantes tornou-se intensa, determinando a afluência de novos garimpeiros. A procura de diamantes aumentou progressivamente, surgindo assim a “corrutela” de Cassununga. A “corrutela” de Tesouro surgia logo após, com uma população sempre crescente, composta não só de garimpeiros, mas também de outros aventureiros que, desprezando o garimpo, voltaram suas atividades para a agricultura e pecuária, instalando fazendas e nelas criando pequena quantidade de gado bovino.

Em uma pesquisa no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), encontramos referência a esse período:

A beleza daquelas paragens, ainda virgens de qualquer contato humano, expicou-lhe entusiasmo e delas fez grande propaganda, procurando, assim, atrair aventureiros para o povoamento efetivo daquela zona que ele julgava riquíssima em campos pastoris, diamante e ouro. Em resultado da propaganda e das penetrações de Antônio Cândido, criadores, seringueiros e aventureiros de toda a espécie, fixaram-se ali, dando ensejo ao aparecimento

de várias pequenas povoações, como as de Lageado, Cassununga, Tesouro e outras.

No período de 1925 a 1932, o desenvolvimento dos povoados de Tesouro e Cassununga sentiram os efeitos da luta política desenvolvida entre Morbeck e Carvalho e, posteriormente, o aparecimento na região das forças revoltosas de Luiz Carlos Prestes e Siqueira Campos. O conflito armado conhecido como Morbeck e Carvalhinho, teve como líderes o engenheiro baiano Dr. José Morbeck e o comerciante pernambucano Cel. Manuel Balbino de Carvalho. Esse episódio ficou conhecido também como a guerra entre baianos e maranhenses.

Morbeck, sendo baiano e tendo fazenda de criação de gado na região, se aproximou dos garimpeiros, na sua maioria também baianos. Ao enfrentar o Governo, do qual fazia parte, ganhou a confiança e admiração dos garimpeiros, passando a ser seu benfeitor e líder. Sua fazenda ficava na zona diamantífera às margens do Rio das Garças. Dessa forma, passou a controlar os novos povoados e núcleos de garimpeiros que surgiam na região. Durante os episódios de violência mandava seus homens de confiança para colocar ordem nos agrupamentos, e o poder de José Morbeck só crescia.

O governador do estado, Pedro Celestino Correa da Costa, tentava controlar a região por meio da nomeação de delegados especiais do Garças e Araguaia e para dividir o poder entre os dois principais líderes da região garimpeira, Morbeck e Carvalhinho, que eram compadres e sócios, nomeou Carvalhinho como delegado. Carvalhinho, voltou a Santa Rita do Araguaia já delegado, trazendo uma escolta de soldados bem armados. Morbeck, avisado em Cassununga, reuniu alguns homens e na madrugada de 24 de maio de 1925 atacou a delegacia de polícia de Santa Rita do Araguaia. Os homens de Carvalhinho, sem condições de resistir, para se salvarem, se jogaram nas águas do Rio Araguaia, atravessando a nado. Daí por diante os dois grupos foram apelidados de “Morcegos”, homens de Morbeck, porque atacaram de noite e “Cai N’agua”, os homens de Carvalhinho, porque caíram nas águas do rio para se salvarem.

Carvalhinho fugiu para Goiás e depois para Bahia. De Salvador telegrafou para o governador de Mato Grosso que lhe forneceu 300 praças (soldados). Carvalhinho voltou a Mato Grosso em 6 de setembro de 1925. Contratou jagunços, recrutou 300 garimpeiros das corrutelas de São Pedro, Tesouro, Cassununga e Lageado. Os homens de Morbeck, agora eram comandados pelo Cel. Candinho, pois Morbeck se encontrava no Rio de Janeiro a convite do presidente. Carvalhinho partiu para o Rio das Garças na captura das forças

morbequinas, e o confronto ocorreu no Morro da Arnica, próximo a Tesouro. Os homens de Morbeck ocuparam a parte de cima do morro e os de Carvalhinho circulam tomando todas as descidas. Cessaram fogo e esperaram que a fome e a sede obrigassem o grupo a descer e expor-se nas partes difíceis da colina. Os homens de Morbeck se precipitam em uma fuga arriscada e desordenada e sofreu muita baixa, sendo perseguidos pelas tropas de Carvalhinho que de vitória em vitória foram ocupando as principais corrutelas e povoados.

Morbeck retornou do Rio de Janeiro, passando por Goiás no esforço de reorganizar suas tropas. Obteve o apoio do governo federal com dinheiro e armas, dizendo que ia combater a Coluna Prestes que passava por Mato Grosso. Em dezembro de 1925, de novo cercam as tropas de Carvalhinho em Santa Rita do Araguaia e os combates duram até 23 de janeiro de 1926. Depois de batalhas acirradas, as forças de Morbeck perderam força e se dispersaram. A partir de 1926, o novo governador de Mato Grosso, Mario Correa da Costa, tomou o poder na região diamantífera de todo o leste mato-grossense, elevando algumas corrutelas à cidade, fazendo alianças com novos líderes locais e exonerando Carvalhinho do cargo de delegado. Inconformado com sua demissão, Carvalhinho se voltou contra o governador e com seu bando assaltam quartéis, gerando pânico em Mato Grosso. Carvalhinho e seu bando foram perseguidos e fugiram para Goiás onde foram presos e conduzidos à cadeia de Cuiabá. Antes, porém, tiveram que desfilar pelas ruas da cidade para mostrar o poder do governador. Carvalhinho e seus homens permaneceram presos até 1930, ano da “Revolução Getulista”.

O garimpo não foi o único meio de sobrevivência da cidade. Havia, paralelamente, a pecuária e a agricultura. A população cultivava também o milho, o arroz, a mandioca e a cana-de-açúcar, fazendo com que a povoação prosperasse.

Em 1953, pela Lei nº 664, de 10 de dezembro de 1953, de iniciativa do então Deputado Clóvis Hugney, o município de Tesouro foi desmembrado do município de Guiratinga - MT, anteriormente Lageado. Em 1943 a comunidade decidiu mudar o nome da cidade para Guiratinga, que em tupi-guarani significa “garça branca”, ave em abundância na região.

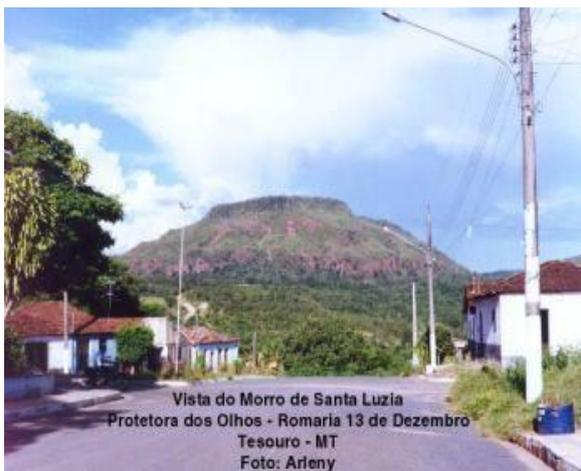
O município de Tesouro - MT possui morros, serras e lindos mirantes, além de um exuberante potencial hídrico. À disposição de sua população, há lindas cachoeiras, ideais ao lazer e ao turismo com paisagens naturais, pouquíssimas exploradas. Além do lindíssimo Rio das Garças, as cachoeiras mais conhecidas e visitadas pela população são Cachoeira do Paulo Afonso, Cachoeira da Fumaça, Cachoeira do Borá, Cachoeira Três Irmãos e Cachoeira do Cipó.

FOTO 01: POVOADO DE CASSUNUNGA ONDE RESIDIU MAIS DE 2.500 PESSOAS



Casas foram abandonadas por famílias de garimpeiros (Foto: Reprodução/ TVCA)

FOTO 02: MORRO DE SANTA LUZIA



Vista do Morro de Santa Luzia  
Protetora dos Olhos - Romaria 13 de Dezembro  
Tesouro - MT  
Foto: Arleny

FOTO 03: CACHOEIRA DA USINA



FOTOS 04 e 05: CACHOEIRA DO BORÁ E CACHOEIRA DA FUMAÇA



Fotos: Rama Chandra.

Como cultura, há no município algumas festividades que se tornaram tradicionais: o Festival de Praia, com duração de cinco dias, encerrando-se no terceiro domingo de agosto, sempre com apresentações musicais de renome nacional; a Festa do Menino Jesus de Batovi, festa trazida pelos baianos, que acontece há décadas no início do mês de agosto; a Festa de Santa Terezinha, padroeira da cidade, que ocorre no mês de outubro, com missas, procissão, leilão, comidas típicas e muita moda de viola; a Romaria de Santa Luzia no dia 13 de dezembro com subida ao morro, missas e pagamento de promessas; as tradicionais Festas Juninas escolares e da Bela Idade na igreja católica; o Carnaval do Chuveirinho; a Expedição do Rio das Garças, que ocorre na Semana Santa, saindo da cidade de Alto Garças - MT até Tesouro, com duração de oito dias de navegação, chegando à cidade no sábado de aleluia e a Folia de Reis, que se inicia em novembro, encerrando no dia 06 de janeiro, com baile, danças típicas e almoço gratuito à população.

Hoje, as principais atividades econômicas do município são a agricultura com o plantio da soja, a pecuária de cria, recria e corte, do milho, do algodão e do arroz, lavouras de subsistência, a fruticultura, além de algumas hortas. Apesar de quase não mais existir, algumas pessoas ainda insistem na atividade de extração do diamante de forma individual e artesanal.

Segundo investigação do historiador Michael Baxter, em 1923 havia 44 corrutelas garimpeiras no Rio das Garças e uma população de 18.000 pessoas. O garimpo de diamantes foi a principal atividade da cidade durante décadas. O fim do ciclo da exploração indiscriminada foi a principal causa do despovoamento ocorrido no município hoje com 3.498 habitantes (IBGE/2014). Tesouro pode ser considerada como dádiva do Rio Garças, visto que das riquezas desse rio tiveram origem o povoado e sua original denominação.

## 1.2 A ESCOLA XV DE OUTUBRO

O município conta hoje com três escolas estaduais, sendo duas urbanas e uma rural no distrito de Batovi e duas municipais, uma de Ensino Infantil e uma de Ensino Fundamental I.

Em 16 de junho de 1947 foi inaugurada em Tesouro a primeira escola pública denominada Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo”, situada na Avenida Clóvis Hugney, 199, Centro. Sua clientela era Pré-Escola,

Primeiro Grau, que abrangia da primeira série até a oitava, Segundo Grau e Supletivo, com um total de atendimento de 948 alunos.

Em 1978, houve a necessidade de se construir um anexo com mais salas de aula que acabou ficando distante uns 300 metros da sede. Com a construção desse anexo da escola “Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo” em funcionamento, sentiu-se a necessidade de dividir a escola e transformá-la em duas para um melhor gerenciamento devido à distância entre suas partes e as divisões de modalidades de ensino já estarem funcionando em locais separados. Na sede da escola funcionava a Pré-Escola e as séries iniciais do Ensino Fundamental, primeira à quarta série e Supletivo. No anexo funcionava da quinta série à oitava série e o Segundo Grau.

As reuniões para a divisão da Escola Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo aconteceram em 13 de junho de 1995. O diretor, à época, responsável pela divisão foi o Prof. José de Brito Filho. A Escola Estadual XV de Outubro foi criada pelo Decreto 848/96, de 09 de abril de 1996, como Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus XV de Outubro - EEPG XV de Outubro.

Foram sugeridos vários nomes de personagens históricos, pessoas locais ou datas para nomear a nova escola, mas não houve um consenso entre as pessoas presentes. Sendo assim, foi feita uma proposta de homenagem ao dia dos professores, ideia que foi acatada e apoiada por todos os presentes à reunião, pois a data de 15 de outubro homenageia-se todos os professores, fazendo jus aos obreiros do saber, que merecem todas as honras pela importância de sua atividade diante de toda a sociedade. Este ato não foi entendido como uma auto-homenagem, mas como homenagem a todos os professores de Mato Grosso e do Brasil, que carregam em seus ombros a responsabilidade de difundirem o conhecimento para as futuras gerações.

A escola XV de Outubro está situada à Rua Marechal Rondon, 381, Centro. O prédio onde funciona é de propriedade do governo do estado de Mato Grosso e foi construído no ano de 1978.

Possui sete salas de aula, porém apenas quatro delas são usadas como salas de aula. Uma é usada para sala dos professores, outra para biblioteca escolar e outra para laboratório de aprendizagem. Possui também, além de uma dependência administrativa, uma cantina e dois banheiros com três divisões para sanitários, no pavilhão principal. No pavilhão anexo, possui uma cozinha, uma sala onde funciona o laboratório de informática e uma quadra esportiva coberta em boas condições de uso.

Em relação à estrutura física da escola, todas as salas são amplas, mas não arejadas, apesar de estarem em bom estado de conservação. Cada uma possui um quadro de vidro, um

ar-condicionado adquirido pela própria escola com recursos da realização das festas juninas, mas não é suficiente para refrescar as salas de aula que continuam muito quentes, comprometendo o desenvolvimento dos estudantes. Os ares-condicionados foram instalados em substituição aos ventiladores que já não funcionavam. Nesse sentido, a escola reflete a precarização das escolas públicas de Mato Grosso, pois, assim como em outras cidades, aguarda a climatização que já deveria ter sido feita pela Secretaria de Estado de Educação e Cultura - SEDUC há alguns anos.

A escola não possui uma sala de audiovisual. O Datashow, notebook e caixa de som ficam guardados na secretaria, que funciona, também, como diretoria. Quando um professor deseja utilizar algum desses equipamentos, precisa transportá-lo para a sua sala e conta com a ajuda de um técnico para fazer a instalação.

A sala dos professores é dividida com a coordenação, é um espaço bastante apertado. Possui armários, murais de aviso, uma impressora, dois computadores com acesso à internet para uso dos professores e do coordenador (vale dizer que nem sempre funcionam, principalmente, a internet que é muito instável.) Há na escola também um laboratório de informática com apenas 11 computadores funcionando e conectados à internet de baixa qualidade.

A Escola Estadual XV de Outubro pode atender até 600 (seiscentos) alunos em três turnos de funcionamento. O maior número de alunos se deu por volta do ano 2000 com 457 alunos matriculados. De lá para cá, a quantidade vem caindo ano após ano. Desde 2016, a escola conta com aproximadamente 200 alunos, distribuídos em oito turmas, sendo quatro no período matutino e quatro no período vespertino. A escola funciona no período matutino com a última série do Ensino Fundamental II (6º ano), Ensino Fundamental III (7º ao 9º ano) e no vespertino o Ensino Médio Regular. Até três anos atrás o Ensino Médio funcionava no período noturno. Com a diminuição do número de alunos, a comunidade escolar decidiu que a escola deveria funcionar somente nos dois primeiros turnos.

Em 2019, conta com 26 funcionários, sendo 11 servidores administrativos e 15 professores, destes, apenas, três são efetivos. A equipe gestora da escola é formada por um técnico, na função de secretário escolar e dois professores: um como coordenador pedagógico e outro como diretor escolar.

Por ser a única com Ensino Fundamental III, atende alunos das zonas urbana e rural e recebe alunos da Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus, da Escola Estadual Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo e da Escola Estadual Filinto Müller, que fica no distrito de Batovi, distante 36 km da cidade.

### 1.3 A TURMA

É consenso entre os educadores que a sala de aula é, ou deveria ser, o espaço mais democrático, porém regido por regras para o bom andamento das aulas. Eis, possivelmente, o maior empasse entre alunos e professores, pois enquanto estes primam pela disciplina, aqueles têm a inquietude como principal característica da própria idade. A realidade da E. E. XV de Outubro, de Tesouro - MT, especificamente, 8º ano de 2018, não é diferente.

Desenvolvemos o projeto de intervenção intitulado “Tesouro segundo o olhar de seus moradores”, visando, antes de tudo, conciliar esses dois lados da sala de aula: o anseio do professor e a agitação do estudante adolescente. A turma escolhida possuía 31 alunos, com idades de 13 e 14 anos, sendo oito deles advindos da zona rural, que dependiam de transporte público para frequentarem a escola.

Como sempre trabalhamos com Ensino Médio, não conhecíamos as turmas do Ensino Fundamental. Então a escolha da turma para realizar o projeto de intervenção se deu em agosto de 2017, por meio de uma pesquisa com os professores e a gestão escolar, contendo algumas perguntas para sugestão do que poderia ser trabalhado e com qual turma deveria ser desenvolvido o projeto de intervenção.

A escolha da maioria dos professores que participaram da pesquisa foi a turma do 7º ano, em 2017, e que seria 8º ano, em 2018, com a justificativa de que era a sala onde havia mais alunos com dificuldades de aprendizagem e eram os mesmos que participariam da próxima avaliação externa, a Prova Brasil (2019).

FOTO 06: ALUNOS DO 8º ANO NA PRAÇA CENTRAL DA CIDADE.



FONTE: Arquivo pessoal.

Outro aspecto levado em consideração foi o fato de que poderíamos acompanhá-los no ano posterior ao projeto de intervenção e teríamos oportunidade de continuar, de certa forma, o trabalho iniciado no ano anterior. Mediante tais argumentos, aceitamos a indicação.

Num primeiro contato com a turma, percebemos que, assim como ocorre na maioria das salas de aula, a turma apresentava diversos níveis de aprendizagem e alguns deles eram retirados da sala para participarem da aula de apoio no Laboratório de Aprendizagem com o professor Articulador. Lembramos, nesse momento, o que o próprio PPP (2018, p. 8) da escola afirma:

Para construção de uma escola inclusiva implica em transformações no contexto educacional, transformações de ideias, de atitudes, e de prática das relações, tanto no âmbito político, no administrativo, como no didático-pedagógico. O processo de mudança tem um ponto decisivo por onde iniciar [...] as pessoas são diferentes, têm necessidades diversas, deve-se garantir condições apropriadas de atendimento às peculiaridades individuais, de forma que todos possam usufruir as oportunidades existentes.

Questionamos a Coordenadora sobre a prática de retirada dos alunos e recebemos a explicação de que era devido ao transporte escolar. Fizemos a ressalva de que fosse evitado retirá-los das aulas do projeto, ao que fomos prontamente atendidos.

Nos últimos quatro anos houve uma constante entrada e saída de alunos na escola. Devido à construção de uma rede de linha de transmissão elétrica, o “linhão”, no município, muitas famílias residiram apenas temporariamente na cidade. Esse fenômeno não prejudicou diretamente as aulas, porém ofereceu-nos um novo desafio de sempre adequar a metodologia, conforme ocorriam as mudanças de números de alunos.

#### 1.4 O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA ESCOLA

O Projeto Político-Pedagógico - PPP da escola é um instrumento que define sua identidade institucional. Elenca os objetivos e metas que se deseja alcançar e é um dos meios de viabilizar a escola democrática, de qualidade social e o fortalecimento da sua autonomia.

Na E. E. XV de Outubro, o documento é feito de forma democrática com a participação da comunidade escolar e o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar - CDCE e é avaliado anualmente, analisado, refletido e questionado quanto às ações realizadas,

por caracterizar-se como um norteador das práticas educacionais, dentro do ambiente escolar. Norteia a concepção de que

A escola deve ser um espaço que favorece a, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no Exercício efetivo da Cidadania. (PPP, 2018, p. 8).

Está estruturado em três partes: o marco referencial, o diagnóstico e o plano de ação. O marco referencial expressa o ideal da instituição, o diagnóstico revela a escola real e a distância que se está do ideal pensado. O plano de ação estabelece os caminhos para se passar da escola existente para a que se quer.

O marco referencial está dividido em marco situacional, marco conceitual e marco operativo. Por sua vez, o marco operativo está subdividido em cinco dimensões: 1) práticas pedagógicas e avaliação; 2) formação e condições de trabalho dos profissionais da escola; 3) gestão escolar democrática; 4) organização administrativa; 5) ambiente físico-educativo.

No marco situacional, o documento traz um olhar do grupo sobre a realidade em geral. Trata do acolhimento e procedimentos de atendimento às famílias e aos estudantes, o acesso à escola, alimentação e higiene e os procedimentos de matrícula. Relata também sobre os dados sócio-históricos e econômicos da unidade escolar, o contexto social e o perfil socioeconômico de sua comunidade que é economicamente muito carente.

A maioria das famílias é assistida por programas assistenciais do governo federal e depende exclusivamente da atividade agropecuária, uma vez que o município passou recentemente por uma transformação econômica, passando do extrativismo mineral (garimpo de diamante) para a agricultura e a pecuária.

Em seguida, trata do marco conceitual que traz o objetivo das modalidades de ensino ofertados em suas etapas. Primeiro trata da modalidade do Ensino Fundamental de nove anos, sendo gratuito e tendo como objetivo a formação básica do cidadão e o Ensino Médio Regular, etapa final da educação básica. O documento apresenta alguns conceitos, explicitando as concepções de educação, de sociedade, de pessoa, de trabalho, de cultura, de currículo, ensino e educação inclusiva, relações étnico-raciais, educação especial, educação ambiental e avaliação que a escola assume.

O item Avaliação é tratado como destaque, uma vez que “diz respeito a um processo mais amplo e abrangente que abarca todas as ações desenvolvidas na ação pedagógica, assim como todos os sujeitos nele envolvidos” (PPP, 2018, p. 10). Deixa claro, para aquele que

avalia, que ele é parte integrante do sistema, uma vez que foi o mediador do processo ensino-aprendizagem.

O marco operativo expressa o ideal específico da escola e como ela se posiciona diante das cinco dimensões. Na primeira, organização curricular, prática pedagógica e avaliação, afirma que a escola deve atender a Lei Federal nº 9.394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais e as demais normas do Sistema Estadual de Ensino. As demais dimensões, como formação e condições de trabalho dos profissionais da escola, gestão escolar democrática, organização administrativa e ambiente físico-educativo não constam nada no PPP.

Por fim, o documento apresenta o plano de ação para o biênio 2018/2019 em que estão expostas as atividades que a escola almeja realizar com a participação dos alunos matriculados em atividades esportivas e culturais que desenvolvam as capacidades formativas das crianças e adolescentes. Ainda consta a previsão de receitas e o Plano de Ação Anual e de Manutenção Geral.

Finalizando, o PPP traz o Projeto Articulação da Aprendizagem, proposto para superar as defasagens de aprendizagem dos alunos da escola que não conseguem aprender as habilidades necessárias para o domínio da leitura, escrita e cálculos. O projeto propõe ainda operacionalizar uma prática pedagógica que reflita coletivamente sobre a proposta pedagógica da escola, sobre o planejamento das atividades educativas, sobre as estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e de avaliação visando garantir que todos os alunos aprendam.

## II CAPÍTULO

### 2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA

*A leitura é a luz da vida e quem lê aprende muita coisa.*

*Inclusive, sobre si mesmo, porque resgata a própria mente.*

*Então, quem quiser começar, o espelho é um bom começo.*

*Dimas Lopes Gonçalves em entrevista aos alunos no dia 27/10/2018.*

O funcionamento da linguagem apresenta-se para o universo acadêmico e escolar como amplo território de investigação, principalmente, os gêneros textuais. Isto porque, por mais que se fale da importância da escrita na formação dos alunos, ainda vemos e vivenciamos a dificuldade deles em escrever. É na escrita que o docente/discente tem a oportunidade de perceber os gêneros como uma situação real de comunicação. Nesse sentido, construímos uma proposta didática vinculada ao gênero entrevista, refletindo sobre as suas funções discursivas, didáticas e de interação com a sociedade.

#### 2.1 LINGUAGEM: MEIO DE INTERAÇÃO ENTRE OS FALANTES

Falar sobre o ensino de Língua Portuguesa é, antes, referir-nos à linguagem. E o conceito de linguagem deve ser pensado vinculando indivíduo, cultura, história e sociedade num espaço de interlocução sociointeracionista, que possibilita reafirmar as práticas discursivas por meio da e na sociedade. Isso porque, segundo as Orientações Curriculares de Mato Grosso (2010, p. 11), “As linguagens são construídas historicamente na interação social, [...] ligadas intrinsecamente ao modo como o ser humano produz, (re)constrói, (re)significa e sustenta as práticas sociais”.

Dessa maneira, o ser humano define-se na e pela linguagem, desvela-se, modifica sua realidade e cria novos sentidos ou ressignifica suas práticas ao longo de sua história. Segundo Marcuschi (2008, p. 22), “[...] a linguagem não é estrutura apenas, mas não é também um simples fruto de determinismos externos. A linguagem é vista, pelos interacionistas, sobretudo como forma de ação e, neste caso, deve ser analisada como atividade e não como estrutura [...]”

O fundador da Linguística, enquanto ciência, Ferdinand de Saussure, afirma que a língua, como fenômeno coletivo, é convencionalizada socialmente e, portanto, não descreve o mundo literalmente. A associação de ideias e som, no signo linguístico, parte de um ato

arbitrário da língua e não há correspondência fiel entre o signo e o significante. A língua se fixa por meio de atos de tradição e é perpassada de geração em geração. Nas palavras de Saussure (2006, p. 88),

Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente por que está ligada ao peso da coletividade, mas também está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada. Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário.

Isso significa dizer que o significado não expõe uma substância em si, antes pressupõe apenas uma ideia que transmite um conceito que, por sua vez, possui sentido em referência e associação a outros signos, ou seja, em “oposição” a outro signo e, portanto, não adquire significado isoladamente, mas em conjunto com outros.

Seja pela afirmação de Marcuschi ou pela de Saussure acima referenciadas, percebemos que língua, na sua homogeneidade, e linguagem, na sua heterogeneidade, são adaptadas e ressignificadas em conjunto e por um “acordo” coletivo e social que atribui àquele conjunto de sons o significado, a ideia. Entretanto, apesar de estar em contato com o outro e nele pautar seu referencial de língua, a aquisição e desenvolvimento da linguagem são ações particulares e individuais, pois cada sujeito tem uma forma própria de expressar-se, comunicar-se e, portanto, as adaptações/assimilações da linguagem seguem também o ritmo a que se propõe o sujeito enunciator/comunicante dentro de um tempo e espaço.

O sistema de associação coletiva da língua não acontece apenas na fala e, sim, também, na escrita. Cagliari (ANO, p. 80) afirma que “Como a escrita permite a leitura, o aluno irá, inicialmente, ler as palavras seguindo seu dialeto. Não há nada de mal nisso, pelo contrário, esse comportamento deve ser encarado como normal”.

Ao lermos a afirmação de Cagliari, percebemos que a função da aula de Língua Portuguesa não é ater-se somente às regras gramaticais ou de ortografia nas produções escritas. Antes, deve pautar-se na comunicação, no uso que o estudante/falante faz da língua e devemos desenvolver estratégias que mostrem a plasticidade/elasticidade dos recursos

linguísticos como as figuras de linguagem e que a língua padrão, igualmente importante, é apenas mais uma variação e, portanto, pode/deve ou não ser usada.

Geraldi (1984, p. 43) concebe “[...] a linguagem como lugar de constituição e relações sociais onde os falantes se tornam sujeitos”. Isto significa que utilizamos a linguagem como forma de interação, pois “[...] a língua só tem resistência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. (GERALDI, 1984, p.43).

Ao analisarmos as afirmações de Geraldi, percebemos que uma alternativa para trabalhar a linguagem em seu real momento de uso/funcionamento e em interlocução, abrangendo os gêneros textuais, é promover formas para que os estudantes percebam as diversas formas de se comunicar e adequar a linguagem. Em outras palavras, colocar a língua em uso em uma situação real e motivadora do discurso para que os alunos se conscientizem da necessidade e da importância da variação linguística. Concebam que a escola é um “autêntico lugar de comunicação” e as atividades escolares “são ocasiões de produção e recepção de textos” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 78), dentro de uma metodologia adaptável conforme sê-lhes apresentam as situações discursivas.

## 2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A MANIFESTAÇÃO SOCIOCULTURAL DO FALANTE

William Labov, sociolinguista americano, conhecido como fundador da Sociolinguística Variacionista afirmava que a estrutura geral das narrativas examinadas não é uniforme. Baseou seu estudo na língua em uso, nas narrativas orais e por meio de um estudo sincrônico da língua. Estudou as variações que surgiam entre os falantes no contexto social de comunidades urbanas.

O fundador da Sociolinguística realizava seus estudos entrevistando pessoas e gravando suas falas, mostrando que a língua não é uniforme, que a fonética se altera de acordo com os fatores sociais e que todas as pessoas podem variar a linguagem, dependendo com quem está e onde está. Em entrevista à Revista Virtual de Estudos da Linguagem (2007, p. 01), o próprio Labov afirmou:

Quando eu comecei na Linguística, eu tinha em mente uma mudança para um campo mais científico, baseado na maneira como as pessoas usavam a linguagem na vida cotidiana. Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. Mais tarde, o estudo da variação linguística forneceu respostas

claras para muitos dos problemas que não eram resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística.

Segundo o autor, as variações linguísticas dependem também de fatores extralinguísticos, como fatores geográficos, de gênero, idade, escolarização, redes sociais, mercado de trabalho, variando de profissão a profissão, ambiente socioeconômico e fatores sociais na explicação da variação linguística e, conseqüentemente, ao comportamento linguístico.

Labov (2007, p. 02) refere-se ainda ao objeto de sua pesquisa e estudo:

É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as conseqüências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia a dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos.

Labov defende ainda que dados e teoria urgem serem relacionados e ajustados, conforme o objeto e seus aspectos, pois não há falantes, linguagem ou enunciações homogêneas e cada uma dessas partes relativiza o resultado final que é o enunciado a que se propõe.

Esse fenômeno ocorre porque, conforme Alkmim (2004, p. 39), “no ato de interagir verbalmente um falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo etc. e segundo a situação em que se encontrar”. Pela afirmação da autora, percebemos que o discurso é influenciado e/ou, até ditado/pré-anunciado pela circunstância do falante.

Ao refletirmos sobre esses aspectos, decidimos por uma práxis interventiva que abrangesse não só os alunos em sala, mas também, possibilitasse a percepção de que o enunciado é composto por fatores muito além do signo. É composto de linguagem e, esta, é delimitada pelas experiências do falante. É ao que Antunes (2007, p. 106) se refere ao afirmar que “[...] quanto maior a capacidade do falante de usar diferentes normas e diferentes registros – do mais formal ao mais informal – tanto mais competente ele é. [...] é preciso enxergar para fora da sala de aula”.

Pela afirmação de Antunes, percebemos que a didática escolar pressupõe, ou deveria, uma forma de ensinar que considere o meio linguístico em que o aluno se insere, considerando-o, portanto, como sujeito que molda e é moldado pela língua. Segundo Alkmim (2004, p. 33),

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de "língua portuguesa" engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. Língua e variação são inseparáveis: a sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno.

Ainda, segundo Alkmim (2004, p. 33), “[...] todas as línguas do mundo são sempre continuidades históricas [...] as gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular”. Percebemos, portanto, a necessidade de associar a nossa pesquisa ao campo da Sociolinguística uma vez que a maioria da população do lócus de nossa pesquisa é advinda de comunidade linguística migratória.

Assim, consideramos os preceitos da Sociolinguística Variacionista que tem como objeto “o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de usos” (ALKMIM, 2004, p. 31), uma vez que “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis” (BRASIL, 1998, p. 29) e caracteriza-se pelos diferentes modos de falar existentes em uma comunidade linguística.

A nossa expectativa era que as atividades desenvolvidas no Projeto de Intervenção com os alunos do 8º ano da Escola Estadual XV de Outubro poderia evidenciar aspectos sociais e culturais da escrita e da oralidade. O projeto demonstraria, ainda, que nenhuma variação linguística deveria ser escolhida em detrimento a outra.

Externaria para os alunos que a escrita e a oralidade têm a sua estrutura e funcionalidade devido à heterogeneidade linguística estruturante e resultante da arbitrariedade dos signos. Em outras palavras, estudando sobre o gênero entrevista, oportunizaríamos aos alunos perceberem que a escrita não é configurada na fala e que, a correção do falar de alguém, conforme a circunstância, trata-se muito mais de preconceito do que gnose cultural e linguística.

Tarallo (1998, p. 6) afirma que

[...] A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação linguística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?

Já Marcuschi (2010, p. 09) ressalta que

[...] são os usos que fundam a língua e não o contrário, [...] falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar - se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina.

O que se pode depreender de ambas as afirmações é que a oralidade segue uma sistematização própria, inerente ao contexto em que é produzida e, embora heterogênea, possui significação para o falante/ouvinte porque é produzida atendendo aos requisitos e objetivos em situações discursivas reais.

Em se tratando das normas da língua, a gramática é o instrumento usado para orientar e regular o seu uso e são essas normas que definem a língua padrão. Porém, por ser um organismo vivo, a língua está sempre evoluindo, o que muitas vezes resulta num distanciamento entre o que se usa efetivamente e o que fixam as normas.

A norma culta seria a língua encontrada entre os usuários que possuem um bom nível de escolaridade e que falam e escrevem de acordo com a norma de maior prestígio, socialmente, e exige um certo grau de formalidade. É a mais conceituada, vista como uma linguagem culta e erudita, utilizada por um grupo de pessoas de elite, pertencentes à camada mais favorecida e escolarizada da população.

Já a norma-padrão é a ideia de que é a língua “certa”, “boa”, “bonita”, a forma “correta” de se escrever e pronunciar. É o conjunto de regras impostas pela gramática tradicional e normativa, geralmente homogênea e consensual, uma vez que está codificada nas gramáticas para determinar o uso da língua e unificar a linguagem formal de uma nação, visando um modelo idealizado, padronizado da língua.

### **2.2.1 Tipos de variação linguística**

A diversidade do povo brasileiro apresenta-se muito além dos costumes ou aparência física. Há outro fator que nos diferencia até mesmo entre nós: a língua. A Língua Portuguesa é constituída por múltiplas variações linguísticas. Apesar dessas variações consolidarem o falar próprio do Brasil, juntamente com o português padrão, a maioria delas não são valorizadas ou mesmo estudadas/referenciadas nas aulas de Língua Portuguesa, favorecendo-se apenas a norma culta. Bagno (2007, p. 27) enfatiza que no Brasil

[...] são faladas mais de dezenas de línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falarem diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravista.

Bagno ainda afirma que nenhuma língua é homogênea e o monolinguismo não passa de ficção. Então, em consonância com a postulação de Bagno, parece-nos improdutivo utilizarmos as aulas para nos referirmos a apenas uma forma de expressar a língua materna, ou seja, para sermos coerentes com o ensino e trazeremos os alunos para o centro dos nossos estudos convém estudarmos outras variantes além da língua padrão. Calvet (2002, p. 111) nos esclarece que existem pelo menos

[...] três parâmetros: um parâmetro social, um parâmetro geográfico e um parâmetro histórico, e a língua conhece variações desses três eixos: variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais) e variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias).

#### **a) Variação diacrônica**

Este tipo de variação faz referência à transformação linguística histórica, às diversas fases pelas quais a língua passa no decorrer do tempo. A variação histórica de uma língua é um processo que acontece de modo lento e gradual até que se confirme a nova forma linguística.

Na Língua Portuguesa é possível perceber o quanto o português atual se difere do português arcaico. Diversas expressões e palavras caíram em desuso e deram espaço a novas formas.

Um exemplo de variação diacrônica é observado no uso da mesóclise que antigamente era bastante comum e hoje essa forma praticamente deixou de ser usada, sendo encontrada apenas em textos altamente formais e na literatura tradicional. Nas tradições orais,

construções de frases com o uso da mesóclise são raras de se ouvir. Outro exemplo é o uso da palavra “boticário”, que no passado era usada para designar o “farmacêutico”.

As transformações diacrônicas ocorrem no som, flexão e derivação, na estrutura da frase e por meio dos neologismos e estrangeirismos.

### **b) Variação diatópica**

Enquanto a variação diacrônica trata das mudanças históricas a variação diatópica faz correspondência às diferenças geográficas ou regionais que existem entre pessoas que falam a mesma língua ou línguas diferentes. Mussalim e Bentes (2006, p. 34) afirmam que “A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”.

No Brasil, são diversas as diferenças no uso da língua até mesmo entre cidades. São falas que exprimem particularidades e compõem nossa cultura. Dessa forma, é possível afirmar que o português brasileiro é o resultado da união de vários dialetos. É importante considerar o período histórico e as características socioculturais ao se pensar sobre as realizações linguísticas de um povo. Um exemplo de variação geográfica é o uso do artigo definido antes do nome de pessoas, comum nos estados do Sul/Sudeste onde se diz: “A Maria é estudiosa” e o não uso do artigo na Bahia, e diz-se apenas “Maria é estudiosa.”

### **c) Variação diastrática**

A variação diastrática trata das diferenças linguísticas que decorrem dos aspectos sociais. Relaciona-se, por exemplo, ao fato de uma pessoa idosa não utilizar a língua da mesma forma que uma criança ou um jovem.

Mussalim e Bentes (2006, p. 34) esclarecem que “[...] a variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”.

A variação por aspectos sociais, portanto, ainda relativiza a língua conforme a idade, sexo, situação ou contexto social. Isto acontece alicerçado na interação social de seus falantes. As gírias e os jargões pertencem a esta variação, pois pertencem a um grupo específico de usuários. No Brasil, o domínio de uma classe social sobre outra gera estigmas em relação aos grupos que vivem à margem da sociedade, o que leva ao preconceito linguístico.

#### **d) Variação diafásica**

A variação diafásica é também chamada de “situacional”, pois faz referência às diversas situações em que o falante se encontra ao iniciar a comunicação. Essa variação está ligada ao grau de formalidade. Exemplo disso é a linguagem usada em uma entrevista de emprego e uma conversa em família na mesa do jantar. Uma é diferente da outra, pois, no primeiro caso, faz-se uso da língua de maneira mais formal e, no segundo, a conversa é descontraída em decorrência da familiaridade que os falantes possuem entre si. Dessa forma, o contexto dita o uso da língua.

Depois de observar os tipos de variações linguísticas é possível dizer que a língua é um sistema aberto, que está sempre sendo elaborado e que se conforma aos moldes dos seus usuários. A língua é falada por pessoas de lugares e posições sociais diferentes, que vivem em situações e épocas diferentes, o que possibilita as mudanças constantes no uso da língua.

### **2.3 A LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Em berço europeu, um novo ramo da Linguística surgiu na década de 1960, a Linguística Textual, que tem como objeto de estudo o texto por ser uma manifestação da linguagem e teve como destaque os linguistas Dressler e Van Dijk. No Brasil, teve seu primeiro registro em 1981, com o Prof. Ignácio Antônio Neiss. Contudo, foi o Prof. Luiz Antônio Marcuschi que a consolidou no meio linguístico brasileiro. Marcuschi (2012, p. 33) se referiu à Linguística Textual dizendo:

Proponho que se veja a LT, mesmo que provisória e genericamente, como estudo das operações linguísticas e cognitivas, reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. [...] Em suma, a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e por outro deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não-linear, portanto, dos níveis de sentidos e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

Também temos como grande marco na Linguística Textual no Brasil Ingedore Koch, com publicações desde a data de 1984. É referência em Linguística, especialmente em áreas relacionadas ao estudo do texto e do discurso. Em seu livro “Introdução à Linguística Textual”, a autora verifica que

[...] a Linguística Textual percorreu um longo caminho até chegar no momento atual. Aqueles que não acompanharam sua trajetória estão longe de poder avaliar o que hoje essa disciplina vem se propondo como objeto de investigação e a contribuição que seu estudo vem dando em prol de um melhor conhecimento de como se realiza a produção textual do sentido. (KOCH, 2015, p. 15).

Com os estudos em Linguística Textual, abandonaram as análises apenas no campo frasal e começou-se a conceber o texto pelo prisma interacional, a língua como forma de interação social, observando-se, também, o contexto, ou a funcionalidade linguística. O texto passa a ser unidade básica de sentido, objeto particular de investigação.

A Linguística Textual entende o texto como algo produzido cognitivamente, portanto possível de se reconstituir e passível de compreensão. Preocupa-se com tudo que envolve a produção, mas também atenta-se à recepção e à interpretação textual, pois, segundo Marcuschi, (2012, p. 16), a Linguística Textual

[...] ainda não definiu satisfatoriamente seu objeto nem montou suas categorias claramente. Dispõe, porém, de um dogma de fé: o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma certeza: a gramática de frase não dá conta do texto. [...] Um texto pode ultrapassar e até violar regras da gramática de frase, mas está sempre feito por alguma motivação interna, sendo assim um nível autônomo de investigação.

Na afirmação de Marcuschi, percebemos que a preocupação está em torno do sentido do texto e não apenas das regras gramaticais. Koch (2004, p. 7) afirma que “a Linguística Textual teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase”. Sabemos que até a década de 1970 a preocupação estava nos mecanismos gerativistas, estruturalistas e funcionalistas do enunciado. O texto era apenas a junção de diversas unidades linguísticas concebidas com frase. Era o uso “correto” de mecanismos gramaticais que possibilitavam a estrutura textual: pronomes, artigos, relação entre classes gramaticais, dentre outros.

Apesar de que no início da Linguística Textual a preocupação esteve no nível da frase, os avanços dos estudos linguísticos, mais particularmente na década de 1980, passaram a conceber a interação como fator primordial para os aspectos da conversação. Conforme Koch (2004, p. 11),

A Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.

A partir dos estudos da Linguística Textual passou-se a conceber o texto como representação da linguagem dentro de uma unidade de sentido, pressupondo-se que a comunicação humana parte de diferentes fenômenos linguísticos e que acontecem na unidade textual. Muito mais que um organizar de frases, o texto transmite sentido, e por isso mesmo é considerado como manifestação linguística e materialidade da língua. O todo significativo pode ser feito de forma verbal, mas também não verbal.

A preocupação durante a produção de texto passa a centrar na textualidade, e não mais na pragmática gramatical. Em outras palavras, produzir um texto passa a ser entendido como usar a língua com propriedade dentro de suas possibilidades e adequações de contexto. As frases e palavras unem-se como um todo para estabelecer o jogo de sentido, aliam-se para comunicar de forma coerente e coesa. A palavra escrita serve tanto para quem fala/escreve quanto para quem ouve/lê. Marcuschi (2008, p. 77, grifo do autor) afirma que

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexão. Como Bakhtin dizia da linguagem que ela ‘refrata’ o mundo e não reflete, também podemos afirmar do texto que ele *retrata o mundo* na medida em que o reordena e reconstrói.

A comunicação coesa e coerente envolve o entrelaçamento/conexão entre as palavras numa unidade de sentido. Entretanto, uma vez que somos seres sociais e históricos, é necessário que se considere o interlocutor para que haja a interação entre as partes, seja no texto oral, seja no texto escrito. Conforme Antunes (2009, p. 50-51),

[...] incluir a textualidade na imensa complexidade linguístico- social em que ela se manifesta, significou, também, sujeitar-se à heterogeneidade e à fluidez próprias de todos os tipos de atuação humana. [...] Nessa perspectiva, as palavras e as frases passaram a ganhar pleno sentido somente na medida em que são vistas como partes de textos, pelos quais as pessoas dizem, agem, participam, tomam posições, se firmam no aqui e no agora de sua existência.

Em se tratando de texto escrito, a autora ainda acrescenta:

O texto envolve uma teia de relações, de recursos e, de estratégias, de operações, de pressupostos, que promovem a sua construção, que promovem seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência, enfim. (Ibidem, 2009, p. 51-52).

O que fica claro é que, para ser considerado texto, é necessário que haja uma estrutura significativa de sentido, seja qual for a proporção dela, estabelecida de interação entre um locutor e um interlocutor. Essas “emissões” discursivas são regidas por coesão e coerência, mas possuem outros aspectos de textualidade: intertextualidade, intencionalidade, situacionalidade, informatividade e aceitabilidade.

De acordo com Koch e Travaglia (2007, p. 21), a

[...] coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.

Podemos perceber que a coerência tem íntima relação com a estrutura de sentido, a organização das ideias dentro do texto. É o entrelaçamento/engajamento das mensagens transmitidas e que constituem o texto.

Em se tratando de coesão, para Marcuschi (2008, p. 99),

Os fatores que regem a conexão referencial (realizada por aspectos mais especificamente semânticos) e a conexão sequencial (realizada mais por elementos conectivos) em especial no nível da contextualidade, geralmente conhecidos como coesão, formam parte dos critérios tidos como constitutivo da textualidade. Para muitos, a coesão é o critério mais importante da textualidade. [...] Os processos de coesão dão conta da estruturação da sequência [superficial] do texto (seja por recursos conectivos ou referenciais; não são simplesmente princípios sintáticos. Constituem os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos.

Em suma, coesão é a harmonização/ligação das partes de um texto. Dizemos que um texto é coeso quando os operadores lexicais em um texto foram escolhidos com precisão, conectando assim frases e parágrafos e formando, em conjunto com a coerência, o “todo” do corpo do texto. Nas palavras de Antunes (2005, p. 46),

[...] Tudo vem em cadeia, encadeado, umas partes ligadas às outras, de maneira que nada fica solto e um seguimento dá continuidade a outro. [...] É por isso que se vai fazendo um fio, ou melhor, vão-se fazendo fios, ligados entre si, atados, com os quais o texto vai sendo tecido, numa unidade possível de ser interpretada.

É a coesão que confere logicidade, clareza e sentido ao discurso textual, num processo dinâmico e sistêmico que observa, além dos sentidos, também a pragmática.

Outro elemento da textualidade tão importante quanto os anteriores é a intencionalidade. Marcuschi (2008, p. 127) afirma que “a intencionalidade, sobretudo no caso de funcionar na perspectiva das implicaturas, é uma forma indireta de se dizer o que você quer no texto e é responsável por boa parte de implicitude”. Já Koch e Travaglia, (2007, p. 98) asseveram que,

[...] não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma "cópia" do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem.

Percebemos que, muito além do tema ou o que trata o enunciado, este elemento, a intencionalidade, refere-se à argumentatividade textual, uma vez que todo texto procura transmitir uma mensagem ou ideia, pois ao produzirmos um texto impingimos nele os nossos atravessamentos discursivos e, por que não, ideológicos.

A intertextualidade envolve a comunicação entre os textos e, por isso mesmo, acarreta uma certa interdependência entre eles. Acerca da intertextualidade, Koch (2008, p. 59) afirma que “[...] todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior, e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe”.

Marcuschi (2008, p. 132) enfatiza que a intertextualidade ultrapassa a textualidade, e passa a ser “[...] um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado. E esse fato é relevante porque dá margem a que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação [...]”

O que podemos perceber tanto nesta quanto na outra afirmação dos autores é que a unidade textual assim se faz a partir da relação estabelecida com outros textos. Dialogando

entre si as discursividades se estabelecem em significação e, assim, se tornam interdependentes e dialógicas.

Sobre a aceitabilidade podemos dizer que se trata da predisposição ou expectativa que o receptor formula sobre o texto, fazendo com que esse elemento da textualidade se torne inerente a ele (receptor). Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 127), “[...] diz respeito à atitude do receptor do texto (são critérios centrados no alocutário), que recebe o texto como uma configuração aceitável tendo como coerente e coeso, ou seja, interpretável e significativo”. Isso porque “a aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade [...]” (KOCH e TRAVAGLIA, 2007, p. 98).

É preciso destacar que, para a Linguística Textual, a aceitabilidade transpõe o formato ou as regras que compõem o texto. Não é determinado apenas por elementos textuais, mas, principalmente, refere-se ao sentido estabelecido pelo leitor/ouvinte que por razões diversas aceita, ou não, o texto que se lhe apresenta. É por esta razão que textos aparentemente ilógicos ou com desvios gramaticais podem ser aceitos, dotados de significação.

Ao adequarmos a discursividade linguística à situação em que o texto foi produzido, valemo-nos de outro recurso da textualidade: a situacionalidade. Koch e Travaglia (2007, p. 85) afirmam que

[...] a situação comunicativa tem interferência direta na maneira como o texto é construído, sendo responsável, portanto, pelas variações linguísticas. É preciso, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: grau de formalidade, variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, etc. O lugar e o momento da comunicação, bem como as imagens recíprocas que os interlocutores fazem uns dos outros, os papéis que desempenham, seus pontos de vista, o objetivo da comunicação, enfim, todos os dados situacionais vão influir tanto na produção do texto, como na sua compreensão.

Podemos perceber, portanto, que a situacionalidade relaciona-se ao contexto. Imbrica o discurso textual à situação comunicativa, produz, assim, uma linearidade coerente e encadeada que se vale do texto para alcançar a situação comunicativa, mas respalda-se nela também para produzir o texto. Utilizando as palavras de Marcuschi (2008, p. 128, grifos do autor), podemos dizer que

[...] A situacionalidade não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo, mas também para orientar a própria produção. A

situacionalidade é um critério estratégico. [...] Em certo sentido, todo o texto conserva em si traços da situação a que se refere ou na qual deve operar. *A situacionalidade pode ser vista como critério de adequação textual.*

Por último, e não menos importante, citamos a informatividade. Este mecanismo da textualidade influencia no texto e na sua capacidade de transmitir coerência, pois, na prática, a informatividade refere-se às informações do texto fornecidas pelo autor/emissor. Koch e Travaglia (2007, p. 88) conceituam a informatividade afirmando que é ela que

[...] vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto, de modo que o receptor possa calcular-lhe o sentido com maior ou menor facilidade, dependendo da intenção do produtor de construir um texto mais ou menos hermético, mais ou menos polissêmico, o que está, evidentemente, na dependência da situação comunicativa e do tipo de texto a ser produzido.

O que fica implícito é que para que a informatividade seja utilizada a contento é necessário que o autor/emissor saiba controlar as informações fornecidas, adaptando quantidade e qualidade. Marcuschi (2008, p. 132) afirma que

O certo é que ninguém produz textos para não dizer absolutamente nada. Contudo, não se pode confundir informação com conteúdo e sentido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio. Perguntar pelo conteúdo de um texto não é o mesmo que perguntar pelas informações por ele trazidas.

Essa moderação entre informações e temas abordados necessita de maior esclarecimento para que não se confunda informação com conteúdo. Dentro de um enunciado o conteúdo tende a ser uno, e as informações podem ser múltiplas. O conteúdo é central, as informações abrangentes. O conteúdo é estagnado, as informações transitam entre os textos. Isto significa que vários textos podem possuir o mesmo conteúdo com informações diferentes. Outro ponto evidente é que o leitor (re)constrói sentidos à medida que as informações chegam seja como leitor, seja como ouvinte.

## 2.4 GÊNEROS TEXTUAIS: DINAMISMO NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Pensar a língua no espaço da sala de aula é concebê-la como algo inerente ao sujeito que se vale dela como ferramenta de uso adaptável a diferentes contextos enunciativos e não mera pragmática gramatical.

Nesse sentido, utilizar a multiplicidade de gêneros textuais com os estudantes, seja em forma de leitura ou produção, traz resultados bastante satisfatórios tanto para alunos quanto para professores. Entretanto é necessário lembrar que, segundo Lopes-Rossi (2002, p. 31), “[...] a leitura de gêneros discursivos na escola não pressupõe sempre a produção escrita. Esta, no entanto, pressupõe sempre atividades de leitura para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão”.

Nessa perspectiva e concebendo que a comunicação se faz por intermédio dos gêneros, orais ou escritos, em funcionamento/construção social com características diferentes e estipulados conforme a situação em uso, percebemos também que a linguagem da escrita de um artigo é diferente daquela utilizada em um poema ou conto, porque as situações discursivas diferem. Cagliari (2010, p. 106) postula que

A produção de um texto escrito envolve problemas específicos de estruturação do discurso, de coesão, de argumentação, de organização das ideias e escolha das palavras, do objetivo e do destinatário do texto etc. Por exemplo, escrever um bilhete é diferente de escrever uma carta, uma notícia, uma propaganda, um relato de viagem, uma confissão de amor, uma declaração perante um tribunal, uma piada etc. Cada texto tem sua função, e todas essas formas precisam ser trabalhadas na escola.

Estudar gêneros significa, antes de tudo, perceber o processo comunicativo que ocorre dentro de determinado gênero, as situações vivenciadas/utilizadas e as funções sociais de cada um porque, segundo Francisco (2011, p. 36),

Quando as pessoas usam um gênero de algum modo elas aceitam os propósitos comunicativos que este gênero culturalmente realiza. Se alguém decide escrever uma carta de leitor para um jornal, ele reconhece e aceita que as cartas de leitores são usadas para resolver retoricamente um conjunto de necessidades sociais que não foram inventadas por uma única pessoa.

Percebemos, pela alegação do autor, que acontece uma espécie de “acordo”, uma adequação entre os usuários dos gêneros. Entretanto o autor segue ainda esclarecendo que tais estruturas não são um engessamento das características de cada gênero tampouco do uso que fazemos deles. O usuário da língua, seja por qual razão for,

[...] pode iniciar alguma mudança no gênero, ao buscar resolver uma outra exigência ainda não socialmente satisfeita por intermédio deste gênero. Caso essa exigência passa a ser utilizada também por outras pessoas, ela poderá passar a ser um elemento definidor do gênero. Resumidamente, podemos dizer que os propósitos comunicativos são socialmente compartilhados, mas é no nível individual que mudanças surgem. (Idem, p. 36).

Portanto a seleção do material a ser utilizado abrange aspectos muito mais amplos do que simplesmente o gênero. Perpassava por vocabulário, formatação, linguagem, aspecto visual, meios de veiculação e possíveis leitores.

Segundo Bonini (2002, p. 14), “[...] o dialogismo, tomado como um princípio fundamental na linguagem, pressupõe que o esforço na construção de uma ação languageira é compartilhado pelos interatores envolvidos, não havendo, assim, um receptor passivo”. Essa espécie de "troca" existente entre os "interatores" ou entre leitor e texto é o que confere aprendizagem ao sujeito. Este, enquanto (re)significa seu conhecimento prévio/experiências anteriores sobre as concepções de linguagem, também amplia a própria aprendizagem quanto aos múltiplos gêneros textuais.

Machado (2005, p. 251) afirma que “[...] os gêneros se constituem como verdadeiras ferramentas semióticas complexas, que permitem que realizemos ações de linguagem, participando das atividades da linguagem”. E Bronckart (1999, p. 259) reitera que

[...] qualquer que seja a diversidade e a heterogeneidade dos componentes da infraestrutura de um texto empírico, ele constitui um todo coerente, uma unidade comunicativa articulada a uma situação de ação e destinada a ser compreendida e interpretada como tal por seus destinatários. Essa coerência geral procede [...] dos mecanismos de textualização e [...] dos mecanismos enunciativos.

Ao associarmos as afirmações de Machado e Bronckart percebemos que, assim como a linguagem, os gêneros textuais acontecem ou se concretizam na interação social organizada/estruturada em discursos e/ou textos. Esta atividade advinda da interação social diversifica-se em gêneros e subgêneros, os quais, por sua vez, se apresentam em formato verbal, não verbal ou nos dois formatos.

Bakhtin (2016, p. 284) assevera que

A variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual, e o estilo individual pode relacionar-se de diferentes maneiras com a língua comum. O problema de saber o que na língua cabe respectivamente ao uso corrente e ao indivíduo é justamente problema do enunciado (apenas no enunciado a língua comum se

encarna numa forma individual). A definição de um estilo em geral e de um estilo individual em particular requer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso.

Podemos perceber pela afirmação de Bakhtin que ao produzirmos gêneros textuais e discursivos perpassamos ainda por outras influências socioideológicas (religiosidade, cultura, formação educacional etc.), ou seja, “[...] os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando, no interior dessas esferas”. (RODRIGUES, 2005, p. 164).

## 2.5 ENTREVISTA: O GÊNERO QUE PRESSUPÕE OUTRAS FORMAS DE INTERAÇÃO

É fato que usar a língua em suas diversas modalidades e adequações está muito além de codificações e decodificações, ou compreender textos curtos. É preciso apropriar-se da língua enquanto mecanismo espontâneo e em situações reais de uso. Nas palavras de Baltar (2004, p. 17)

[...] um usuário competente discursivamente é aquele que pensa a produção de textos situando-os dentro de um gênero com sua estrutura relativamente estável, que pertence a um ambiente discursivo, como produção escrita dialógica, que busca atingir objetivos sociodiscursivos específicos.

Nesse sentido, o gênero entrevista tem se tornado cada dia mais presente no universo escolar, porém o primeiro aspecto a ser considerado referente a esse gênero é que a entrevista é, por essência, um gênero oral, pois parte da interação entre um entrevistador e um entrevistado, caracterizada pelo diálogo. Pode ter a estrutura de pergunta-resposta, tem objetivos variados, como fazer o relato de uma experiência pessoal ou responder curiosidades sobre a própria vida, mas possui espaço para o trabalho impresso, seja na sua execução, seja na publicação. Garrett (1981, p. 17) nos diz que

A entrevista é uma arte, uma boa técnica, que pode ser desenvolvida e mesmo aperfeiçoada, principalmente pela prática contínua. Mas a prática só, é insuficiente. A habilidade pode ser desenvolvida, no seu mais alto grau, somente quando a prática é acompanhada pelo conhecimento do que seja entrevistar e pelo estudo consciente da nossa própria prática. O conhecimento da teoria pertinente à entrevista fornece-nos o material, à luz do qual podemos examinar criticamente nossa técnica e discernir em que ponto possa ser desenvolvida.

Outro fator a ser considerado quanto à entrevista é que se trata de um gênero adaptável a diversos formatos – oral/escrita/digital – além de possuir diversos subgêneros, como a entrevista jornalística, a científica, a de emprego, a biográfica ou outro estilo. Todas estruturam-se por perguntas e respostas, mas com intenções discursivas diferentes, situações enunciativas diversas.

Na linguagem jornalística, a entrevista é um texto que resulta de um encontro previamente marcado entre duas pessoas em que uma interroga a outra sobre sua vida, ações ou ideias. Nesses casos, o entrevistado quase sempre é uma figura de destaque em um determinado campo da vida social, tem o que dizer e autoriza ou não a publicação de suas declarações.

É necessário enfatizar que podemos utilizar as entrevistas para refletir a condição humana, confortar, enaltecer outras pessoas, regradar e orientar o comportamento das pessoas. Todos esses aspectos podem ser trabalhados com a entrevista em sala de aula, basta apenas que os questionamentos sejam feitos dentro de uma lógica/coerência pré-estabelecida pelo entrevistador, uma vez que, segundo Philippsen (2007, P. 85),

Novos modos de pensar a vida social urgem e se estabelecem no processo das interações humanas. As práticas sociais e as atividades precisam constantemente ser confrontadas, problematizadas e re-atualizadas na e pela linguagem, para atender às necessidades socioeconômicas das micro ou macroculturas abrangentes pela especificidade de determinadas atividades.

Apesar de todo o “leque” de possibilidades que a entrevista propõe, sua prática nas escolas é relegada a segundo plano. No entanto, Alves Filho (2011, p. 14) propõe que se deve

[...] levar a cabo formas de participação dos alunos na vida política e cultural através de atividades de leitura e escrita guiadas pelos modos de funcionamento particulares de conjuntos de gêneros. Se isso é feito com uma adequada compreensão de como funcionam os gêneros do discurso em nossa sociedade e do papel ideológico e comunicativo da mídia impressa, mais chances haverá de os alunos desenvolverem seu enorme potencial comunicativo e crítico.

Associamos esse fenômeno à negação/omissão por parte do ensino com a entrevista, à possível resistência que os profissionais da educação apresentam quanto a trabalhar com a oralidade. A escola ainda prima pelo ensino do texto escrito, acreditando que

[...] toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de algumas atividades sócio comunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam. Pela escrita alguém informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica, comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registrou e divulga o conhecimento produzido pelo grupo. (ANTUNES, 2003, p. 48).

Sabemos, entretanto, que falar e escrever se equivalem quanto à comunicação e nenhuma deve ser valorizada sobre a outra. Nas palavras de Antunes,

‘Falar é uma forma de comportamento’ e, como afirma Searle (1981: 27), escrever também o é. Ou seja, nunca dizemos nada, oralmente ou por escrito, que não tenha consequências (só a escola parece não ver isso). (Ibidem, 2003, p. 48).

Pela afirmação de Antunes, percebemos que, no ensino de Língua Portuguesa, a escrita, assim como a fala, segue a um propósito/contexto de produção. Segue requisitos ditados pela situação comunicativa, portanto adaptar-se a ela parece-nos mais importante do que a valorização exacerbada da norma culta e os conceitos gramaticais requeridos por ela. Contudo conhecer a gramática é dever do professor, pois necessita dela para ensinar ao aluno a competência linguística exigida nas diversas e díspares conjunturas comunicativas e sociais.

Os PCN (1998, p. 22) também se referem ao uso diferenciado da linguagem ao afirmarem que “se produz linguagem, tanto em uma conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compra, ou ao redigir uma carta – diferentes práticas sociais das quais se pode participar”.

O que observamos pelas afirmativas de Antunes e dos PCN é que cabe ao professor implementar uma metodologia que abranja as diversas situações comunicativas, adapte seu planejamento contemplando a competência discursiva dos alunos, ou seja, atividades, sequências didáticas que viabilizem e valorizem a autonomia das interlocuções e ilações discursivas dos alunos, por intermédio de diferentes gêneros, em especial da entrevista.

Quando o gênero em questão é reproduzido em rádio ou televisão, costuma ser de forma tal como foi dado, sofrendo, às vezes, alguns cortes ou não. Nesse formato de entrevista, ficam evidentes as marcas da oralidade tanto na fala do entrevistado quanto do entrevistador. Entretanto, quando é publicada em suportes impressos, quase sempre sofre modificações em relação ao texto original.

Nas entrevistas, costuma predominar a norma culta da língua, dependendo da situação e perfil do entrevistado. O roteiro de perguntas deve ser de acordo com o perfil de

quem vai ser questionado, seguindo a situação comunicativa/discursiva, além de possíveis aberturas de temas.

As perguntas devem ser curtas e objetivas, visando a perfeita compreensão do entrevistado bem como deixar o seu discurso em maior evidência do que o do entrevistador. Em outras palavras, não há sentido em uma pergunta ocupar um tempo exagerado, apropriando-se, ainda que implicitamente, da resposta, pois, segundo Philippsen (2007, p. 85),

[...] interlocutores, em interação, negociam incessantemente relações interpessoais. E, são estas negociações, que resultam na constituição dos principais elementos necessários para a compreensão do processo de funcionamento de como construímos e somos construídos pelas 'ações' da linguagem na vida social.

Frente aos avanços tecnológicos, é fundamental gravar a entrevista, quando se pretende publicá-la na escrita ou transformá-la em outro gênero (biografia, relato, homenagem, entre outros), uma vez que muitas informações podem ser esquecidas e/ou alteradas e, na sequência da entrevista, será observada a opinião do entrevistado que poderá ou não autorizar a divulgação. Então é melhor não confiar apenas na memória.

Em uma atividade pedagógica, deve-se escolher previamente quem irá fazer as perguntas, podendo ler o roteiro, mas deve tê-las em mente para não se perder na hora da entrevista e, assim evitar que a conversação se torne enfadonha para o entrevistado ou passar a ideia de despreparo.

Um aspecto bastante positivo como atividade em sala é comparar a entrevista oral com a escrita para observarmos as diferenças entre elas, principalmente devido à mudança de suporte (imprensa falada, escrita, televisiva e internet). Entre outros aspectos, os recursos de textualidade bem como as marcas discursivas se tornam mais evidentes em um ou outro, e o confronto das duas formas enriquece o aprendizado. Fávero, Andrade e Aquino (2000, p. 92) afirmam que

Talvez conhecendo um pouco mais como se processa a elaboração do texto oral, o professor possa não só compreender melhor as produções escritas de seus alunos, como também aprimorá-las sem que percam a sua expressividade, fazendo do trabalho com textos uma atividade dinâmica e produtiva.

Nas transcrições das entrevistas, é possível distinguir claramente a fala do entrevistado e do entrevistador que, normalmente, prepara um roteiro de perguntas, resguardando a si, ainda, a opção de fazer perguntas que não estão no roteiro.

Uma entrevista escrita sempre está relacionada ao perfil do público a que se destina. A variedade linguística predominante é a norma culta, porém pode apresentar marcas de oralidade. As entrevistas escritas não presenciais fazem com que o gênero sofra algumas transformações como, por exemplo, o texto já vir mais apropriado à forma escrita, ganhando em profundidade, porém perdendo em espontaneidade. Alves Filho (2011, p. 14) afirma que

A mídia tem incentivado cada vez mais a participação das pessoas nos seus espaços de interlocução, de modo que mais e mais canais para a circulação de ideias do conjunto de leitores estão abertos. Estes canais podem ser mais intensamente e qualitativamente utilizados, no sentido de uma participação responsável, ponderada e crítica se os professores e alunos desenvolverem uma consciência (mais) crítica dos gêneros.

À luz de Antunes (2003), Alves Filho (2011) e dos PCN (1998), propusemos aos alunos atividades pedagógicas dinâmicas, possibilitando a prática da leitura e da escrita por meio da entrevista por acreditarmos ser a situação mais propícia a desenvolver a comunicação oral. Isso porque nossa discussão e estudo com relação à educação estão direcionados à

[...] concepção interacionista, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas materializadas em textos orais e escritos. É, pois, esse núcleo que deve constituir o ponto de referência, quando se quer definir todas as opções pedagógicas, sejam os objetivos, os programas de estudo e pesquisa, seja a escolha das atividades e da forma particular de realizá-las e avaliá-las. (ANTUNES, 2002, p. 42).

Pensamos no gênero entrevista também porque, segundo Fávero e Andrade (2006, p. 157),

Entrevistador e entrevistado têm a tarefa de informar e convencer o público. Desempenham, portanto, um duplo papel na interação: são cúmplices, no que diz respeito à comunicação, e oponentes, quanto à conquista desse mesmo público. Dessa forma, as entrevistas tendem ora para o contrato, ora para a polêmica.

As autoras afirmam ainda que

Em quaisquer tipos de entrevista, contratual ou polêmica, entrevistador e entrevistado buscam somente interagir com o destinatário desse jogo interacional que é a audiência, por isso os laços que os envolve são

considerados frouxos, sejam eles cúmplices ou oponentes. (FÁVERO e ANDRADE, 2006, p. 157).

A entrevista é a oportunidade para fazer uso da língua em seus mais diversos usos do cotidiano, pois possibilita a interpretação, a produção e inúmeras formas de uso da linguagem. Alves Filho (2011, p. 37) apresenta uma “listagem de propósitos comunicativos recorrentes em alguns gêneros muito mais presentes em nossas vidas”, entre eles a entrevista e esclarece as principais dúvidas que possam surgir quanto à “dinamicidade dos gêneros”, sendo que estes podem ser sempre atualizados.

#### QUADRO 01: PROPÓSITOS COMUNICATIVOS DO GÊNERO ENTREVISTA

Propósitos comunicativos	Gêneros em que são comumente utilizados
Relatar fatos reais ocorridos recentemente na vida social	Notícias, reportagens, entrevistas, relatos pessoais, blog de viagem.
Divulgar produtos e serviços de modo positivo	Propagandas, novelas, notícias, rede social de relacionamento, prefácios de livros, classificados, entrevistas, resenhas, guias de turismo.
Autopromover-se apresentando uma imagem positiva de si mesmo	Rede social de relacionamento, palestras, conferências, entrevistas, debates, blogs, tweets, relato pessoal.
Criticar e avaliar atores sociais e instituições da vida pública	Editorial, carta de leitor, tirinhas, charge, artigo de opinião, coluna de opinião, entrevista, debate televisivo, história em quadrinhos.
Avaliar conhecimentos de atores sociais	Provas, exercícios, redação escolar, entrevista de emprego, entrevista de seleção de alunos, pré-projeto, seminário oral, prova oral, teste psicotécnico.
Interagir, mantendo contato social e reforçando vínculos de amizade com os outros	Conversação cotidiana, causos, relato de experiência pessoal, cumprimentos diários, piadas, rede social de relacionamento, telefonema, carta, e-mail, blog.
Refletir sobre a condição humana	Poesias, romance, conto, crônica, cartum, tirinha, sermão, palestra.
Confortar as pessoas	Livros de autoajuda, sermão, poesia, pêsames, depoimento pessoal, oração, prece, carta.
Regrar e orientar o comportamento das pessoas	Fábula, leis, normas de empresas, regimento, regulamentos, propagandas.
Enaltecer as pessoas	Prefácio, discursos orais públicos, cumprimentos, resenhas, depoimentos.

Fonte: *Screenshot* do livro “Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental”, de Francisco Alves Filho.

Ao observarmos o quadro acima, percebemos que, dos dez propósitos comunicativos, um gênero se enquadra em pelo menos cinco: a entrevista. Entretanto, acreditamos que esse gênero é ainda mais abrangente, pois ao entrevistarmos alguém, também estamos interagindo, mantendo contato social ou reforçando vínculos de amizade.

Portanto com o gênero entrevista, possibilitamos aos estudantes produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa, seja ela escrita ou oral, por meio de leituras de entrevistas e a prática da pesquisa em campo com residentes em Tesouro – MT, pois acreditamos que

Todo evento de fala corresponde a uma interação verbal que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores, em situação de copresença, alternam seus papéis de falante e ouvinte. O discurso vai sendo, assim, coletivamente produzido, negociado, ao mesmo tempo em que vai sendo planejado, e sua sequência é determinada, quase sempre, na própria continuidade do diálogo. (ANTUNES, 2003, p. 51).

O projeto “Tesouro, segundo o olhar de seus moradores” visava contemplar a afirmação de Antunes, pois trouxe em seu bojo estrutural a participação dos alunos desde a sua construção até a culminância em situações reais de situações discursivas.

### III CAPÍTULO

#### 3 PRÁTICA E TEORIA: ESPAÇOS QUE SE COMPLEMENTAM

*“Pra você defender alguma ideologia você tem que entender quais são seus projetos sociais para uma nação. Então, eu defendo a ideologia que prima pela educação porque só assim temos capacidade de entender qualquer ideologia”.*

*Eudes Arrais Gois em entrevista aos alunos no dia 26/09/2017*

As experiências/intervenções nas instituições educativas produzem muito mais do que olhares diferenciados sobre o *corpus* a que os sujeitos se propuseram investigar/estudar. Esse conjunto de dados coletados evidencia os sujeitos e os discursos que os atravessam em uma espécie de “contrato” em que todas as partes corroboram e protagonizam para que algo maior que os falantes, seja exposto: o discurso e a situação discursiva, dessa forma, os espaços se complementam por meio da teoria e da prática.

##### 3.1 PROJETO DE INTERVENÇÃO: EXPLANAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, apresentamos a execução do projeto interventivo, algumas análises e atividades feitas, principalmente quanto ao nosso fazer pedagógico. Discorreremos sobre as fases da intervenção desde as primeiras pesquisas e conversações em sala de aula ao produto final que foi um livro de narrativas elaborado pelos alunos do 8º ano da Escola XV de Outubro contando histórias do povo tesourense.

Pensamos nesse estilo de intervenção porque, a ação de contar história é algo enraizado na cultura brasileira. Desde o início da humanidade, o homem perpetua a própria cultura por intermédio de contação de histórias aos descendentes. E contar/narrar histórias baseadas em fatos verídicos ou fictícios, é, antes, produzir textos, e fazem com que

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas. Não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e de seus contos característicos. (TAHAM, 1957, p. 15).

As narrativas produzidas pela população mais simples, geralmente, pessoas analfabetas, era responsável não só por exercitar a imaginação, mas também por registrar

fatos, ao longo do tempo e da história, pelo olhar de quem não tinha espaço ou lugar de fala, ou seja, era responsável por dar voz a quem não possuía.

Hoje, ainda há uma certa recorrência nas atividades escolares em privilegiar a língua culta em detrimento das outras variações. Apesar da cultura e do meio social do falante, o universo escolar prima pelo “bem” falar e subjuga formações discursivas que acompanham o falante/aluno desde os primeiros anos da infância ou foram adquiridos/experenciados em momentos ímpares da vida do usuário da língua. Entretanto, conforme postula Lima (2004, p.108, grifo nosso),

Um conceito com o qual podemos lidar é que **a língua é um sistema de sinais acústico-orais, como resultado de um processo histórico, evolutivo.** Cada língua alicerça-se em estruturas fônicas. Cada uma das estruturas do português, do francês, do espanhol etc., por exemplo, é o resultado da diversificação de uma língua anterior, o latim. Esta língua, por sua vez, teve a sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço. **O que se pode dizer é que não existe língua unificada, porque não existe um monobloco linguístico.** Assim, o conceito de língua está diretamente ligado a uma ideia de abstração.

As Orientações Curriculares (2010, p. 101) asseveram que

[...] por meio de provas de gramática, exercícios e redações, inculcou em nossa mente que não conhecemos a nossa língua, sem nada fazer para sanar esse engano; segundo, o preconceito linguístico que a escola difundiu (se ainda não fazemos), por meio de atitudes como relegar à condição de erro as variedades que os alunos traziam e desconsiderar sua bagagem cultural e linguística, promoveu uma ruptura entre realidade e escola.

Nesse sentido, não concebemos a escola como vilã do processo. Consideramos, antes, que ela precisa alicerçar as próprias convicções, em especial, o professor de Língua Portuguesa para saber e explanar à comunidade escolar que o “erro” é apenas uma característica do falar de alguém, pois “[...] esse desencontro ocorre porque a linguagem que o aluno utiliza é parte de sua cultura, que é diferente da cultura da escola; ocorre então uma ruptura, um hiato entre o saber linguístico do aluno e o saber que pretendemos”. (Orientações Curriculares, 2010, p.101). Corrigir a construção discursiva de alguém, conforme a circunstância, caracteriza-se como preconceito linguístico. Este ancora-se na ideia de que há apenas

[...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2007, p. 40).

Amparados por tais conceitos, tivemos o primeiro contato com a escola em 2018 para a apresentação do projeto. Apresentamos a sequência das fases do projeto bem como o cronograma, primeiramente, à professora regente, e nos dias que se seguiram, à comunidade escolar. Tivemos o cuidado de apresentar o projeto na sala do educador para os professores. O resultado desse momento foi bastante proveitoso porque recebemos sugestões de vários colegas sobre migrantes e ex-garimpeiros que ainda residiam no nosso município. Anotamos os nomes para discutirmos futuramente com a turma do 8º ano/2018. Outro fator positivo foi a adesão dos professores de História e Geografia para trabalharem em interdisciplinaridade conosco.

Fizemos uma reunião com os pais para explicarmos a eles também o que a turma desenvolveria. Explicamos aos alunos do 8º ano, em uma tarde em sala de aula, numa roda de conversa sobre a expectativa deles quanto ao projeto e as impressões que tiveram sobre a descrição das atividades.

#### FOTOS 07 E 08: APRESENTAÇÃO DO PROJETO À COMUNIDADE ESCOLAR



Fonte: Arquivo pessoal.

Preparamos uma sequência de ações, objetivando a desconstrução de leituras e produções textuais não apenas como simulacro e, sim, como participantes/protagonistas no contexto social da comunidade escolar e municipal. Nesse sentido, acreditamos que “[...]”

ensinar é inserir-se na história: não é só estar na sala de aula, mas num imaginário político mais amplo” (GADOTTI, 1999, p. 10).

Sabemos que “o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1978, p. 78-79). Então, apesar de avaliarmos nossa prática como diferenciada e em direção ao que se espera de uma pedagogia de ensino-aprendizagem, baseada na mediação e instigação, nosso projeto interventivo sempre esteve em constante readaptação, uma vez que dependemos dos olhares/sentidos atribuídos ao texto de vários protagonistas durante o processo, sejam dos alunos, sejam dos entrevistados. Em outras palavras, construíamos e reconstruíamos os textos à medida que eles passavam de autor/falante a leitor/ouvinte, pois, segundo Freire (1979, p. 69), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

### 3.2 SEQUÊNCIA METODOLÓGICA: UMA FORMA DE CONSTRUIR A APRENDIZAGEM

O conjunto de ações desenvolvidas com o 8º ano da E. E. XV de Outubro visou, por etapas, encadear o processo de ensino-aprendizagem sobre o gênero entrevista, suas peculiaridades e aspectos que o constituem, a cultura tesourense, o uso da língua e as variações que fazemos dela durante a prática discursiva.

Se uma das funções das aulas de Língua Portuguesa é ensinar a ler e a escrever com propriedade e autonomia, segundo Geraldini (1984, p. 45-46, grifo do autor),

[...] cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o **domínio** de uma outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social etc. Isso porque é preciso romper com o bloqueio de acesso ao poder, e a linguagem é um de seus caminhos. Se ela serve para bloquear — e disso ninguém duvida — também serve para romper o bloqueio.

A forma mais rápida e concreta para que o professor consiga unir aprendizado e apropriação da consciência da variação linguística, que constitui a discursividade do falante, é inserir o aluno, “falante”, como apropriador/produzidor do próprio discurso/textos seja em qual modalidade ou gênero for, apenas situando-o dentro das exigências a que a situação

comunicativa se insere. Considerando tais aspectos, e para fins didáticos, o projeto de intervenção no 8º ano na escola XV de Outubro foi dividido em etapas, desenvolvidas e executadas de forma colaborativa com os alunos, a professora regente e a comunidade escolar.

Como consta nas Orientações Curriculares de Mato Grosso (2010, p. 43),

O desenvolvimento da habilidade linguística, para a construção de qualquer gênero discursivo, ultrapassa o limite das frases para concretizar-se no discurso, isto é, no texto produzido por um locutor e dirigido para um interlocutor, previamente considerado, ambos estão inseridos em uma situação comunicativa real, com uma finalidade determinada (persuadir, convencer, demover, criticar, incentivar, etc.). Essas condições de produção inserem o texto/discurso num espaço dialógico em que diferentes informações, oriundas de fontes diversas, organizadas por diferentes operações linguístico-discursivas, são acionadas tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor, para a construção do sentido intencionado pelo primeiro. Esse texto/discurso será tanto mais eficaz quanto mais se aproximar do objetivo estabelecido em relação às condições de produção.

Ao refletirmos sobre a afirmação acima, traçamos como objetivo geral possibilitar ao nosso aluno conhecer a história do município de Tesouro - MT por meio do gênero entrevista, desenvolvendo competências linguísticas e discursivas dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual XV de Outubro.

As Orientações Curriculares (2010, p. 18) esclarecem também que

Nesse contexto, a observação, pesquisação e análise do registro do percurso que a criança faz para aprender a ler e a escrever, como produzem, de que modo interagem, como se relacionam com os diversos objetos de conhecimento, suas descobertas e seus interesses constituem elementos fundantes para (re)significar o planejamento de ações formativas, tendo em vista os objetivos articulados às capacidades a serem alcançadas pelos alunos.

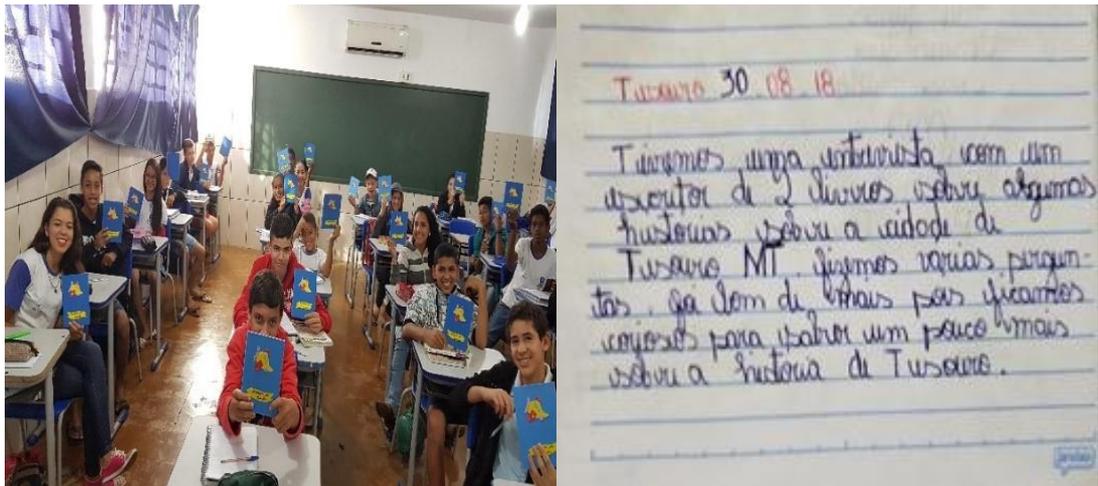
E para isso, desenvolvemos outros dois objetivos específicos interligados ao principal por meio da práxis educacional a que nos propusemos:

- Conhecer o gênero entrevista, aprendendo as características, o modo como esse tipo de texto é constituído;
- Re(significar) o espaço de sala de aula com atividades que demandem pesquisa, reflexão e atuação, dentro e fora do espaço escolar, oferecendo aos alunos os

contextos, aplicação e estímulo para o exercício dos diferentes gêneros de leituras e produção escrita.

Para alcançarmos satisfatoriamente os objetivos elencados acima, fizemos os roteiros, além de outras atividades, como leituras, pesquisas, análise de diversos tipos de entrevistas, aulas de campo, vídeos e palestras bem como um estudo aprofundado dos recursos próprios deste gênero textual, como a sua estrutura e organização. Também distribuimos um caderno “Diário de Bordo”, para que cada aluno registrasse ao final das aulas, os fatos, impressões, estudos, aprendizados e qualquer observação sobre as etapas e desenvolvimento do projeto. Aos finais de semana, levávamos os cadernos para casa e líamos cada um para avaliação do aprendizado dos alunos, grau de satisfação com as atividades e autoavaliação.

#### FOTOS 09 E 10: ALUNOS COM O “DIÁRIO DE BORDO” E REGISTRO SOBRE A ATIVIDADE REALIZADA



FONTE: Arquivo pessoal.

Em um dos primeiros dias de aula do projeto (28/06/2018), um aluno anotou em seu diário: “Querido diário de bordo, a aula hoje foi boa. Pela primeira vez não me deu vontade de dormi na aula. Foi diferente e eu fiquei sabendo mais sobre o gênero entrevista e eu gostei disso e nós feis uma roda de conversa e falamos mais sobre o projeto da prof. Mariley. Eu gostei de sabe que eu vou sabe mais sobre a história de tesouro e tesouro deve ter cada história legal”.

Nesse sentido, vinculado aos objetivos, desenvolvemos práticas de leitura e produção, assistimos e lemos entrevistas veiculadas na TV, em revistas, jornais e rádios, com a finalidade de levar os alunos a conhecerem o gênero, sua constituição, funcionamento,

modalidades e suportes textuais em que o gênero veicula. Por fim, coletamos dados, gravando as entrevistas com usos de celular e gravador de voz.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 125),

Produzir textos é um processo complexo. A aprendizagem de tal conhecimento é lenta e longa. Para assegurar o domínio dos principais gêneros no final do ensino fundamental, propõe-se uma iniciação precoce, com objetivos adaptados às primeiras etapas. Não se trata, evidentemente, de levar os menores a fazer o que estava anteriormente previsto para os maiores. A retomada dos mesmos gêneros, em etapas posteriores, é importante para se observar o efeito do ensino a longo prazo e para assegurar uma construção contínua. Os comportamentos complexos exigem tempo.

Ao refletirmos sobre o excerto acima, percebemos que a prática de produzir/escrever textos deve ser um ato contínuo e que não se exaure ou inicie em um projeto nos anos finais do Ensino Fundamental, mas deve, antes, ser prática. Sendo assim, as possíveis dificuldades encontradas pelos alunos devem ser entendidas pelo docente como constitutivo do processo e passíveis de serem sanadas, conforme surjam. Seguindo a sequência de atividades que elaboramos, os alunos do 8º Ano da E.E. XV de Outubro transcreveram os relatos, as histórias dos entrevistados e os retextualizaram para a escrita das entrevistas.

Do diálogo com os entrevistados, confeccionamos um glossário com as expressões, variações linguísticas utilizadas por eles. Nosso produto final foi a edição de um livro contando a história da cidade de Tesouro – MT a partir das histórias dos moradores. Os alunos reescreveram os “causos” ouvidos, valendo-se do próprio linguajar do entrevistado para valorizar, assim, a linguagem local, parte e fruto da nossa cultura.

### 3.3 RETEXTUALIZAÇÃO: UM PROCESSO DINÂMICO

No que se refere ao domínio da produção escrita, uma das formas mais relevantes é o processo operacional de passagem do texto oral para o escrito. No entanto, sabemos que essa produção não é algo automático, pois ambas as formas de comunicação possuem estruturas e formatos próprios de construção. As operações características de um e outro formato comunicativo são complexas e podem não ser compreendidas ao serem confrontadas e ao relacionarmos oralidade/escrita. Elas perpassam por código e sentido, como afirma Marcuschi (2001, p. 46):

[...] a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita.

Nesse sentido, ao se constituírem e ao passarem de um formato a outro, Marcuschi (2001) denominou esse processo de retextualização. É importante salientarmos que retextualizar e transcrever são processos diferenciados, em que o segundo pressupõe a oralidade como objeto de estudo, e o primeiro, parte das mudanças que ocorrem diretamente na linguagem ao valermos-nos de um e outro processo comunicativo: sonoro e gráfico. Para distinguir esse processo, Marcuschi esclarece que

Como lidamos com materiais orais e escritos, há uma distinção interessante a ser feita entre a atividade de retextualização e a de transcrição. Transcrever a fala é passar um texto de uma realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Seguramente, neste caminho, há uma série de operações e decisões que conduzem a mudança relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem. (MARCUSCHI, 2001, p. 49).

Seja a oralidade, seja a escrita, ambas possuem especificidades próprias, entretanto partilham, na essência, do mesmo sistema linguístico atribuindo-se a diferença apenas à estrutura e a outros elementos constitutivos de cada uma. Outros pontos que também interferem em ambas, oralidade e escrita, são as condições de produção, transmissão e uso da linguagem. Fávero (2000, p.74) destaca as especificidades da oralidade e da escrita da seguinte forma:

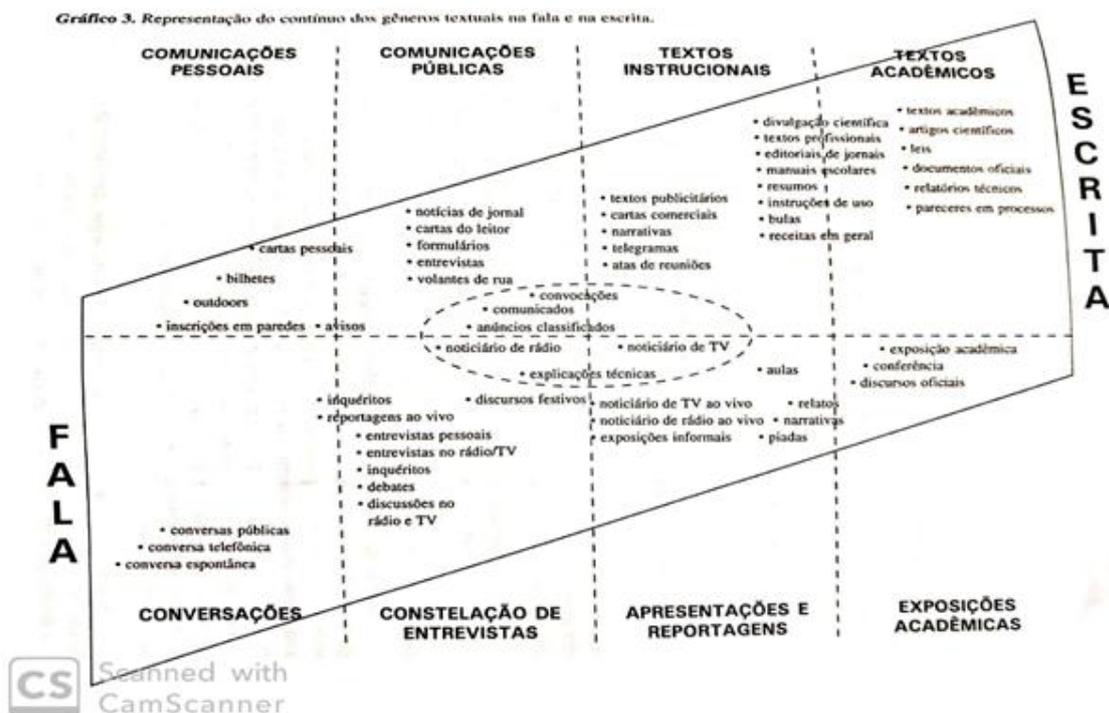
#### QUADRO 02: ESPECIFICIDADE DA FALA E ESCRITA

Fala	Escrita
— Interação face a face	— Interação à distância (espaço-temporal)
— Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	— Planejamento anterior à produção
— Criação coletiva: administrada passo a passo	— Criação individual
— Impossibilidade de apagamento	— Possibilidade de revisão
— Sem condições de consulta a outros textos	— Livre consulta
— A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	— A reformulação é promovida apenas pelo escritor
— Acesso imediato às reações do interlocutor	— Sem possibilidade de acesso imediato
— O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	— O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
— O texto mostra todo o seu processo de criação	— O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

Fonte: Screenshot do livro “Oralidade e escrita”.

Ao observarmos os aspectos de uma e outra forma de comunicação, percebemos que ambas fazem concessões/delimitações à mensagem e aos falantes. Marcuschi (2001, p. 41) apresenta um gráfico observando os diferentes gêneros na fala e na escrita:

### QUADRO 03: DIFERENTES GÊNEROS DA FALA E DA ESCRITA



Fonte: Screenshot do livro “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”.

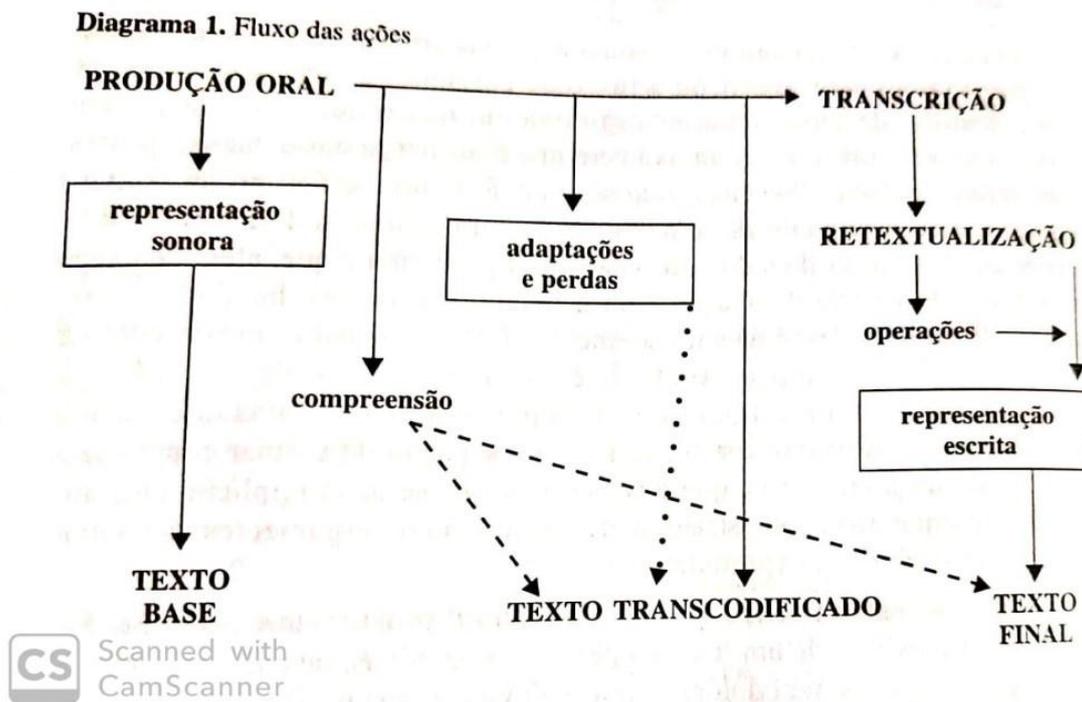
Ao analisarmos o gráfico, percebemos que não há uma superioridade entre as duas modalidades. Seja em qual for o gênero, dialeto ou forma de registro em que se ocupe o falante, tanto a fala quanto a escrita se destinam à interação verbal. Isto significa dizer que o uso de uma ou outra deve ser uma escolha, ou referência e uma adequação e não um imperativo discursivo. Segundo Marcuschi (2001, p. 41),

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala/escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais- discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

Pela postulação do autor, percebemos que a derivação da escrita, a partir da fala, é um mito equivocado. Se de um lado a escrita não conta com as expressões faciais, corporais e outros elementos não verbais de quem fala, por outro a fala não conta com a possibilidade de sempre se reestruturar seja por sentido ou recursos gráficos. O que podemos perceber é que são mecanismos de comunicação distintos e como tal seguem regras e formatos próprios. Esse processo “não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (MARCUSCHI, 2010, p. 47).

O autor ilustra o processo da retextualização em um diagrama que exemplifica o fluxo do processo:

#### QUADRO 04: FLUXO DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO



Fonte: Screenshot do livro “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”. (MARCUSCHI, 2010, p 72).

Explica ainda que o

[...] fluxo que vai da produção oral original texto base até a produção escrita texto final, passando por dois momentos, sendo o primeiro o da simples transcrição, que designei texto transcodificado, em que ainda não se dá uma transformação com base em operações mais complexas (que é o segundo momento chamado de retextualização). (Ibidem, 2001, p 72).

O que podemos inferir da afirmação de Marcuschi é que o caminho percorrido durante a produção oral perpassa por dois estágios: o da transcodificação (ou transcrição) e o da retextualização em si. O primeiro não conta com procedimentos relevantes, já o segundo vale-se de outros mecanismos de transformação. A versão final de uma retextualização seguem ações que, de forma sintética, são: ponto de partida, texto transcodificado, transcrição, adaptações e o texto final. Esse processo é dinâmico quanto a sua sequenciação. Isto significa que não há uma hierarquia entre as ações e o início da retextualização pode ser feito de qualquer uma das ações ou mesclando-as.

### 3.4 PESQUISA E ORALIDADE: CONCEITOS EM CONSTRUÇÃO

Ao longo da história da educação, sabemos da imprescindibilidade de equacionar o aprimoramento da prática da escrita bem como da oralidade, desde as primeiras séries de formação do aluno até os mais altos níveis intelectuais, mesmo em períodos pós-formações. Observamos, entretanto, com muita frequência, a fragilidade no jovem quando chamado a uma apresentação oral. A maioria alega não ter boa oratória ou possuir extrema timidez, fatos nem sempre comprovados. O que percebemos é o medo de se expor, o medo de ser avaliado pelos colegas.

Instintivamente, os alunos percebem que uma apresentação oral só será bem-sucedida se, além dos atributos, postura, gesticulação etc., trazer no bojo do seu discurso concordâncias verbais, nominais e questões gramaticais e outras boas práticas que caracterizem a boa aplicação do nosso idioma. Esses conhecimentos só se obtêm na prática, no uso discursivo da língua, seja oral ou escrita.

Acreditamos que essas minúcias são mais bem aprendidas com o trabalho em grupo, aproveitando diferentes habilidades, estimulando a participação dos alunos no processo de aprendizagem. Considerando tais pontos, decidimos dividir a turma por grupos para, inclusive, se acostumarem com a forma de trabalhar entre si e desenvolverem as futuras entrevistas com maior eficácia.

Formados os grupos de trabalho, cinco no total, passamos para a pesquisa sobre o gênero entrevista. Esse momento do projeto contou com a participação dos alunos em terminarem a pesquisa em casa, pois, inicialmente, a coordenação declarou conter 30 computadores funcionando, mas ao longo do projeto pudemos contar com um total que variava entre 8 a 12. Apenas no final do projeto tivemos a regularização de mais alguns computadores.

Sabemos que uma infraestrutura não é a garantia para a educação de qualidade, entretanto sem essa infraestrutura não há como desenvolver as habilidades que propõe o meio escolar. Segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p. 21),

Compete ainda à União, como anteriormente anunciado, promover e coordenar ações e políticas em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à avaliação, à elaboração de materiais pedagógicos e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação.

Boas instalações são contempladas pelos documentos oficiais, mas infelizmente há uma distância entre o que rege a lei e a real implementação das políticas públicas. Sabendo de tal realidade da escola XV de Outubro, nas aulas que se seguiram, levamos conosco

dois *notebooks* da professora e dos alunos para fazermos pesquisas e digitações quando necessárias.

Outro momento importante foi a socialização da pesquisa em forma de seminário, acompanhada da produção de um cartaz que foi afixado na escola.

O interessante dessa atividade é que um dos grupos pediu para mudar a estrutura da apresentação. Ao invés de apresentar em forma de seminário, sugeriu apresentar um teatro de uma entrevista em que o entrevistado explicava ao entrevistador e à plateia as características e nuances do gênero entrevista.

Lembramos do que Freire (1996, p. 86, grifos nossos) postula acerca da relação de professor/aluno e o quanto a participação do estudante é valiosa para o processo de ensino-aprendizagem:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas. [...] A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. **O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.** O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

A compreensão, além de prazerosa, foi muito maior devido a essa forma de apresentação do grupo. Percebemos que, aos poucos, os alunos se tornavam não apenas protagonistas do projeto, mas também do próprio discurso. Alguns grupos, além de se preocuparem com o “como” apresentar, buscaram aprimorar-se quanto ao “o quê” expor e, para isso, adequavam a própria linguagem, segundo a própria capacidade.

Após as apresentações chamamos a atenção dos alunos para esse aspecto e perguntamos se haviam percebido mudanças na linguagem que utilizaram durante as apresentações. Alguns alunos destacaram ter percebido que os colegas buscaram utilizar palavras menos usuais. Outros enfatizaram que nunca haviam percebido o quanto o colega falava como os pais. E houve quem dissesse sobre a forte relação da própria fala com o linguajar baiano.

Ativemo-nos, nesse momento, a falar sobre as variedades linguísticas, pois, segundo Cafiero (2010, p. 105),

Ao tratar a variação linguística na sala de aula o professor estará levando o aluno a perceber que a língua não é uma só, não é usada sempre da mesma

maneira em qualquer situação de comunicação. As regras linguísticas variam dependendo das situações de uso.

Nossas discussões fizeram com que os alunos percebessem que a linguagem do sujeito não é influenciada apenas pelo que se estuda na escola por intermédio de regras gramaticais, mas principalmente pela idade, lugar de origem ou convivência com outras pessoas. Perceberam ainda que esse é um processo que se renova e se molda com o tempo, mas que diante da situação de uso deve ser adequada.

### 3.5 PERFORMANCE E AUTOAVALIAÇÃO: FORMAS DE PRATICAR A TEORIA E RESSIGNIFICAR A SI

Nas aulas que se seguiram, desenvolvemos leitura por grupos de quatro entrevistas e a atividade de performance. Essa atividade serviu para exercitar, praticar um feito, praticar uma teoria e foi de suma importância para vermos o modo como os alunos se comportavam, atuavam e se desempenhavam na execução/representação em uma entrevista para se sentirem mais seguros durante a atividade prática de entrevistar os moradores.

Para desenvolvermos essa prática de entrevistar, pedimos que os alunos escolhessem o tema sobre o qual quisessem falar. A surpresa tomou conta da sala com a possibilidade de poderem escolher os temas. Um dos comentários nos chamou a atenção: "Nossa! Nós vamos escolher o tema!?". Questionamos aos alunos o porquê da surpresa. Então obtivemos a seguinte explicação: "Geralmente, são os professores que escolhem. Que importante nós escolhermos o que vamos aprender!" A fala dos alunos nos fez refletir sobre o que Freire (1997, p.19, grifos nossos) defende ao afirmar:

[...] O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas que ela os faz percorrer. **Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas, que não foram percebidas antes pelo ensinante.** Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

Os temas escolhidos foram esporte, drogas, mídia, homossexualidade e música. A apresentação das performances ocorreu de forma tranquila e prazerosa, provando que a atividade prática do que se vê na teoria tem chances muito maiores de aprendizagem.

Freire (2005, p. 142-143) afirma que “[...] sem o diálogo com os oprimidos, não é possível práxis autêntica, nem para estes nem para ela. O seu que fazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem ação e a reflexão dos outros, se seu compromisso é o da libertação”. Assevera ainda que

[...] Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente. O que pode ocorrer, exercer-se uma análise crítica, reflexiva sobre a realidade, sobre suas contradições, é que se perceba impossibilidade imediata de uma forma determinada de ação ou a sua inadequacidade ao momento. (Ibidem, p. 146).

Ao refletirmos sobre a afirmação freireana, apresentamos para a turma trechos em vídeo das performances desenvolvidas. Atentamo-nos ao detalhe de selecionar pontos positivos e negativos sobre as apresentações dos grupos. O objetivo com essa atividade era que os alunos conseguissem se autoavaliarem e perceberem o que deveria ou não ser feito durante a entrevista: alternância da fala, atenção com as respostas do entrevistado, possíveis anotações das respostas, adequação dos questionamentos conforme o desenrolar da conversa e o momento de fecho da entrevista. Acreditávamos que delegando a eles a igual responsabilidade de averiguar/analisar os resultados obtidos desenvolveríamos neles a responsabilidade pelo aprender, além do senso reflexivo, a criatividade e a capacidade comunicativa.

Por meio de comunicações orais, debates em grupo, sínteses de aprendizagens e após assistir aos vídeos de suas apresentações, ouviríamos suas opiniões e possibilitaríamos um processo imersivo sobre as práticas de ensino, sugestões de melhoria, as relações na sala de aula e o que pode contribuir ou não para as aprendizagens.

FOTOS 10 E 11: PERFORMANCE DE ENTREVISTA



Fonte: Arquivo pessoal.

Após assistirmos aos vídeos das entrevistas realizados por cada grupo, as seguintes observações foram feitas e anotadas pelos alunos:

- O entrevistador não deve ficar olhando para o papel enquanto o entrevistado está falando;
- O entrevistador não pode ler as perguntas em cima da hora e o roteiro tem que ser escrito com sua própria letra ou digitado;
- Olhar, interagir com o entrevistado;
- Não fazer as perguntas com rapidez para melhor compreensão;
- Não fazer as perguntas com tom baixo de voz;
- O entrevistador deve fazer uma abertura e um encerramento;
- Não deve ficar se arrumando toda hora;
- Não podem ficar distraídos;
- Ficar atento à postura;
- Não colocar o papel do roteiro na frente do rosto;
- Não deve ficar olhando para os lados e nem para baixo;
- De acordo com a resposta do entrevistado, fazer outra pergunta fora do roteiro;
- O entrevistador deve preocupar-se com a linguagem, não deve falar gírias, a não ser que faça parte do tema.

Utilizamos a autoavaliação para que os alunos não se sentissem excluídos e para que concebessem a avaliação por outra perspectiva, uma alternativa para ressignificar a si. Sant'Anna (1998, p. 94) assevera que

A autoavaliação é capaz de conduzir o aluno a uma modalidade de apreciação que se põe em prática durante a vida inteira. Graças a ela os alunos adquirem uma capacidade cada vez maior de analisar as suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos fortes, necessidades e êxitos na concepção de propósitos. Eles desenvolvem sentimentos de responsabilidade pessoal ao apreciar a eficácia dos esforços individuais e de grupo. Aprendem a enfrentar corajosamente as competências necessárias em várias tarefas e a aquilatar suas próprias potencialidades e contribuições. Uma vez que se espera do aluno a responsabilidade por sua própria aprendizagem, é importante que se considere que isto somente ocorrerá se ele tiver uma visão clara do que o eu está tentando obter e de como está agindo a respeito. Quando o desejo de melhorar ocorre, como decorrência de suas percepções e análises, ocorrerão melhores condições para se aperfeiçoar.

Incluir o aluno na própria avaliação traça outros benefícios como parceria/confiança entre as partes envolvidas: instituição/professor e aluno. Nas atividades em que desenvolvemos a autoavaliação, primamos para que o aluno se autoquestionasse sobre os “erros”, “acertos”, mas, principalmente, sobre as razões que o levaram a tomar as decisões e atitudes durante o ato de aprendizagem. Acreditamos que assim mesmo a possível “falha” se torna um mecanismo para a transformação cognitiva, social e por que não emocional. Nas palavras de Luckesi (1990, p. 138),

Os erros da aprendizagem, que emergem a partir de um padrão de conduta cognitivo ou prático já estabelecido pela Ciência ou pela Tecnologia, servem positivamente de ponto de partida para o avanço, na medida em que são identificados e compreendidos, e sua compreensão é o passo fundamental para a sua superação. Há que se observar que o erro, como manifestação de uma conduta não-aprendida, decorre do fato de que há um padrão já produzido e ordenado que dá a direção do avanço da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, a compreensão do desvio, possibilitando a sua correção inteligente. Isto significa a aquisição consciente e elaborada de uma conduta ou de uma habilidade, bem como um passo à frente na aprendizagem e no desenvolvimento.

É importante ressaltarmos que esse analisar dos fatos, da qualidade, do êxito em aprender foi feito várias vezes durante a intervenção. Pedíamos o *feedback* dos alunos no decorrer das aulas, mas também em momentos voltados apenas para esse fim, pois partilhamos da opinião de que o objetivo da avaliação é o aluno detectar se/onde houve a falha e não ter, apenas, ênfase em algo que ainda não sabe, ou seja, a avaliação não deve servir de repressão ou constrangimento.

Hoffmann (2009, p. 41) defende que

O processo de aprendizagem do aluno não segue percursos programados a priori pelo professor. É no cotidiano escolar que os alunos revelam tempos e condições necessárias ao processo. O tempo da avaliação é decorrente de suas demandas e estratégias de aprendizagem e não do curso das atividades inicialmente previstas pelos professores.

A autorreflexão permite ao professor e ao aluno uma forma de avaliar todo o processo dentro de patamares formativos e mediadores, pois fornece uma autorrelação com o próprio formato de adquirir conhecimento. Permite ao aprendiz utilizar o intelecto para lapidar/moldar as informações que lhe são apresentadas e abstrair delas a construção de outras por meio de ligações sinápticas. Permite, por meio do hábito de olhar para si e para o próprio funcionamento cognitivo, construir/desconstruir conceitos e formatar novas aprendizagens.

Sobre essa atividade de performance de entrevistas feitas pelos alunos na sala, um aluno escreveu: “Hoje apresentamos as entrevistas propostas na sala de aula, cada grupo um tema. Foi legal! Tirando a vergonha um pouco”. Outro anotou assim: “Hoje apresentamos as entrevistas oral, todos os grupos foram bons, e o meu, eu acho que erramos algumas vezes, mas não foi tão ruim”. A autoconfiança foi notória na aluna que escreveu: “Na aula de hoje eu fui entrevistada por uma integrante do meu grupo, gostei muito dessa experiência e já to preparada para entrevistar outras pessoas”. A importância da realização dessa atividade ficou nítida na anotação desse aluno: “Hoje nós fez uma entrevista, meus colegas do grupo foi melhor que eu, porque eu fiquei nervoso e deu um branco e eu esqueci todas as respostas. Mas faz as pessoas perde a vergonha e nervosismo e nós vamos indo pra frente. Eu gostei muito dessas entrevistas e eu fui perdendo a vergonha de apresentar em público e estou muito feliz. A nossa entrevista foi sobre drogas”. O aprender fazendo e a autorreflexão permitiram a aquisição de muito conhecimento nessa atividade.

Destacamos ainda para os alunos em forma de explanação alguns aspectos que precisavam ser melhorados como performance, material verbal, não verbal e a adequação à situação de comunicação. Interagir pela fala é interagir adequadamente a uma situação formal ou informal, é saber se expressar com convicção e com a variante linguística adequada à ocasião, sabendo se comunicar por gestos, olhar, saber ouvir, pedir ou ceder o turno da fala.

Aproveitamos o momento para fechar o conceito de entrevista por meio da exploração: tema, interlocutor, locutor, que regula suporte e linguagem. Explicamos a estreita dependência entre a prática da escrita e a oralidade e que desconsiderá-la é comprometer a beleza e a eficácia do que se espera de uma apresentação oral. Esclarecermos também sobre a

importância da coerência dos questionamentos, em que a clareza é imprescindível para o bom entendimento das partes envolvidas.

Frisamos aos alunos sobre a importância de que o entrevistado saiba exatamente do tema tratado e vice-versa. Ressaltamos ainda que os alunos que direcionarem tais questionamentos também saibam desenvolver uma conversação sobre o tema explanado. Segundo Machado (2005, p. 78),

[...] a coerência textual pode ser compreendida como sendo as articulações de ideias que conferem sentido a um texto. Ela se deve à organização global do mesmo, assegurando-lhe um princípio, um meio, um fim e, ainda, uma adequação de linguagem ao tipo de texto e à observância do seu sentido, das palavras nele empregadas e das ideias expostas.

A coerência deve estar presente tanto no texto escrito quanto no falado. Compreende-se que essa simplificação e concordância melhor auxiliam nos textos e falas, pois quando há um diálogo entre pessoas, ou uma conversa simples, deve haver entendimento adequado de ambas as partes e um melhor desenvolvimento do propósito discursivo.

### 3.6 INTERDISCIPLINARIDADE: AMPLIANDO A FORMA DO SABER/APRENDER

Além de discutirmos a maleabilidade da língua conforme a situação, decidimos abordar outro aspecto importante para um melhor aproveitamento do conceito de variação linguística e para a de linguagem como um todo: a interdisciplinaridade.

Não são raras as escolas em que o currículo é pautado em uma fragmentação dos conhecimentos por meio de diferentes disciplinas do saber comprometendo a assimilação completa dos conteúdos por parte do estudante. Este, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, convive com uma exigência de conexões, nem sempre explicadas ou esmiuçadas, entre os conteúdos dentro e fora das diferentes disciplinas. Em Tesouro - MT, essa realidade também acontece.

A interdisciplinaridade surgiu, então, no nosso projeto como a integração entre dois ou mais componentes curriculares, estabelecendo-se, pois, uma situação real de ensino-aprendizagem e elaborando-se formas novas e ampliadoras do saber/aprender.

No projeto de intervenção com o 8º Ano de 2018 da E. E. XV de Outubro, trabalhamos em conjunto e por interdisciplinaridade com os professores de História e Geografia para conciliarmos os conteúdos pertencentes a essas duas áreas do conhecimento

com a área de Língua Portuguesa e favorecer, assim, ao aluno compreender os pontos que aproximam Linguagem e Ciências Humanas.

Nesse sentido, os gêneros se apresentam como um ponto de diálogo entre as práticas interdisciplinares, pois torna a linguagem, produções orais e escritas, núcleo de discussão/construção entre as diversas áreas do conhecimento. Segundo Fazenda (2011, p. 22),

Todo projeto interdisciplinar competente nasce de um *locus* bem delimitado, portanto, é fundamental contextualizar-se para poder conhecer. A contextualização exige uma recuperação da memória em suas diferentes potencialidades, portanto, do tempo e do espaço no qual se aprende.

Valendo-nos da afirmação da autora, delimitamos o gênero entrevista em concordância com os moradores e em consonância com outras disciplinas, como já dito, para realizarmos um trabalho de campo interdisciplinar com os professores de História e Geografia: realização de pesquisas e entrevistas com os moradores por grupos, de acordo com a temática correspondente dividida em história e fundação, geografia, símbolos de Tesouro, economia, educação, cultura, esporte, turismo e religiosidade. Pensamos nessa interconexão entre as disciplinas no sentido em que Fazenda (2011, p.99) defende:

Da diferenciação entre os termos “integração” e “interdisciplinar”, surge a noção de “interação”, como requisito fundamental para o trabalho interdisciplinar. Interdisciplinaridade, necessidade básica para conhecer e modificar o mundo é possível de concretizar-se no ensino através da eliminação das barreiras entre as disciplinas e entre as pessoas.

As disciplinas, no nosso projeto de intervenção, partiram dessa ideia de “integração” em que as partes envolvidas no projeto se interligam para além do espaço de sala de aula. Ocupam também outras atividades escolares e, acima de tudo, a vida do aluno.

Apesar de o conceito de interdisciplinaridade não ser tão recente, pouco se fala e menos ainda se coloca em prática em sala de aula. Contudo, sua necessidade e relevância são incontestáveis, pois torna uno, o fragmentário. Torna social, o ato individual. Transforma os *flashes* conceituais em interconexões. Nas palavras de Kleiman (1999, p. 188),

Ao pensarmos interdisciplinarmente, olhamos o problema em suas relações quase infinitas com o contexto. O projeto colaborativo interdisciplinar pode vir a ser uma solução para enfrentar os problemas com que professor e

alunos devem conviver diariamente na escola, muitos dos quais advêm da fragmentação e alienação dos saberes escolares. O projeto interdisciplinar apaga as fronteiras burocráticas mantendo as epistemológicas e, quando ele se dirige a resolução de um problema particular da escola, pode vir a apontar soluções locais aos problemas que refletem questões e crises generalizadas que afetam toda a sociedade. A solução local é uma maneira produtiva de resistir à globalização e à desumanização que lhe é característica.

Pensar interdisciplinarmente, estreita, por assim dizer, a distância entre teoria e prática e promove a interação entre os membros da comunidade escolar. O objeto de estudo passa a ser analisado por diferentes prismas, constituindo, portanto, aprendizados/conclusões diversas.

Em seguida, tivemos a atividade interdisciplinar de pesquisa sobre Tesouro - MT com os professores de Geografia e História. Dividimos o que deveria ser pesquisado em cada disciplina. O objetivo dessa etapa era que os alunos adquirissem maior conhecimento sobre o município, e que também, por meio da intertextualidade, possibilitasse a eles perceberem que, sejam quais forem os temas, há ligação entre si. As disciplinas que estudam se interligam pelos temas.

Alves Filho (2011, p. 36) refere-se à importância da interdisciplinaridade dizendo:

O trabalho com o contexto cultural dos gêneros em sala de aula pode ser bastante produtivo para os alunos compreenderem um pouco mais sobre como valores e concepções são mantidos e difundidos por grupos sociais. Trata-se de um convite para um trabalho interdisciplinar entre estudos de língua e estudos de disciplinas como história, ciências, geografia e outras.

Diante de tais reflexões, o professor de História se responsabilizou por pesquisar com os alunos sobre a história e a fundação de Tesouro – MT, religiosidade, economia, turismo e cultura e a professora de Geografia sobre os símbolos, educação, esporte, lazer e a geografia da cidade.

**FOTOS 12 E 13: APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS DE PESQUISA COM O PROFESSOR DE HISTÓRIA E A PROFESSORA DE GEOGRAFIA**



Fonte: Arquivo pessoal.

Essa atividade em parceria com os professores de História e Geografia fomentou apresentações e debates bastante produtivos, e ocupamos dois dias apenas para as apresentações. Um dos comentários dos alunos, após a apresentação, nos chamou a atenção: “Difícil não é procurar e aprender sobre Tesouro. É vencer a vergonha de vir na frente, vencer o medo das pessoas nos julgar”. Percebemos, pela fala do estudante, que os alunos começavam a se envolver com a própria aprendizagem, inclusive, aceitando o desafio de ultrapassar as próprias limitações.

É importante salientarmos que todas as apresentações feitas nas aulas dos professores Agnaldo Almeida Sodré e Midiã Silva Góes foram acompanhadas por nós, registrando e auxiliando no que fosse necessário. Durante as reflexões, nas aulas de História e Geografia, pedimos que professores e alunos pensassem ainda sobre possíveis questionamentos a serem feitos aos moradores durante as entrevistas, a fim de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre Tesouro - MT.

### 3.7 TESOURO PELO OLHAR DE SEUS PROFESSORES AUTORES

Nas aulas seguintes, desenvolvemos uma entrevista com o escritor e professor Wilson Januário da Silva<sup>1</sup>. Decidimos fazer essa entrevista com toda a sala, a fim de que os

---

<sup>1</sup> Natural de Guiratinga - MT. Residente em Tesouro. Funcionário público da Prefeitura Municipal de Tesouro, formado em Biologia. Professor de Biologia atuante na E.E. Filinto Müller, no distrito de Batovi. Autor dos livros “Uma porta aberta para o passado Tesouro - MT” e “Tesouro e sua História”.

alunos pudessem ter contato com um dos principais autores de Tesouro e tivessem a oportunidade de colocar em prática o que haviam aprendido ao longo das nossas aulas.

Previamente, procuramos conhecer sobre o futuro entrevistado por meio de sua biografia e seus dois livros publicados e intitulados “**Tesouro e sua história**” e “**Uma janela aberta para o passado de Tesouro – MT**”. Antes da entrevista, elaboramos o roteiro com os questionamentos a serem feitos para o professor Wilson, na foto abaixo, o segundo em pé, da esquerda para a direita.

FOTO 14: DIA DA ENTREVISTA EM SALA COM O PROFESSOR E ESCRITOR WILSON JANUÁRIO



FONTE: Arquivo pessoal.

O interessante dessa atividade foi que os alunos sugeriram entrevistar outra pessoa, a professora e escritora Valdecina Ferreira de Souza Moreno<sup>2</sup> na sala de aula também, dessa forma a entrevista alcançaria todos os alunos, uma vez que ela já estava na relação de um dos grupos para ser entrevistada. Para sugerirem a entrevista, trouxeram o livro da futura entrevistada para mostrarem à turma. Com a sugestão da entrevista, percebemos que os alunos se apropriavam do projeto e percebiam que podiam mudar/adaptar a sequência a que nos propusemos e assim, acatamos a ideia e o resultado foi maravilhoso, muito melhor do que havíamos planejado.

Essa atitude dos alunos denota o alcance dos nossos objetivos quanto à aprendizagem significativa. Percebemos que quando se sente motivado a solucionar algum problema/tema, o

---

<sup>2</sup> Nasceu em Tesouro - MT. É Licenciada em Pedagogia pela UFMT. Dedicou toda sua carreira profissional ao magistério público estadual. Hoje é professora aposentada e autora tesourense do livro “Uma Rosa entre Espinhos”.

aluno toma para si as responsabilidades, enxergando a importância de todo o contexto da aprendizagem. Absorve o conhecimento e coloca-o em prática, transformando-o e ampliando-o.

FOTO 15: DIA DA ENTREVISTA EM SALA COM A PROFESSORA E ESCRITORA VALDECINA FERREIRA



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a entrevista, a professora Valdecina contou-nos como seu pai Melchiades Ferreira Lima veio a pé, da Bahia em 1924 aos 18 anos de idade para garimpar em Tesouro. Formou família, tornou-se comprador de diamante e depois fazendeiro. Em 1944 retornou à Bahia para buscar a mãe e mais 24 membros da família. Comprou cavalos, burros e jumentos para a viagem, e só após três meses eles chegaram em Tesouro. De tantas histórias rememoradas, disse ainda que Melchiades foi membro da “Banda Filarmônica 13 de Maio” (3º pistonista) que existiu em Tesouro e fazia muito sucesso na região. Mostrou aos alunos o uniforme (foto acima) usado por seu pai em uma apresentação no ano de 1936 em Cuiabá - MT.

O tema “História de Tesouro” pareceu-nos fluir mais facilmente quando tivemos a participação de alguém sugerido pelos próprios alunos. Esse processo acontece não de forma excruciante, mas, sim, com soluções e novos conhecimentos adquiridos para o fim e propósito a que se destina: aprender a aprender a partir da própria vivência, mas também, do que escolheu aprender.

Vimos esse resultado quando os alunos foram a campo, nas entrevistas que realizaram com os moradores, pois o efeito produzido pela entrevista foi a satisfação tanto dos entrevistadores quanto dos entrevistados. Emoção foi a palavra que resumiu essa aula. Os comentários sobre as entrevistas foram os mais diversos, desde a curiosidade despertada nos estudantes até o encontro de artefatos pertencentes à batalha do Morro da Arnica<sup>3</sup>. Um dos comentários nos chamou a atenção: “Achamos que estamos aqui, morando aqui, só porque nossos pais vieram para cá, mas não sabemos o quanto de sangue derramado já houve aqui”. Outro aluno acrescentou: “Meu pai já achou balas de fuzil, perto do Morro da Arnica”.

Pela fala dos dois alunos, percebemos que as entrevistas começavam a significar para eles. Ultrapassaram o espaço de gênero para se fazer em experiência. Percebemos ainda que o conhecimento cognitivo, muito além de ser apenas assimilado, começava a ser associado com a vida dos estudantes.

Em sequência às entrevistas, desenvolvemos sua transcrição<sup>4</sup>, passando da oralidade para a escrita, em conjunto com os alunos, em sala e na lousa. A participação dos adolescentes na transcrição das primeiras entrevistas foi bastante participativa e, por vezes, destacando expressões que os convidados utilizaram e que são representativas do falar tesourense.

Nesse momento observamos também que alguns alunos sugeriam o distanciamento do texto. Um dos comentários nos chamou a atenção: “Professora, a gente tem que trocar as letras na conversa dele porque assim não é língua portuguesa de verdade”. Observamos que o aluno conservava certa resistência sobre as diferentes variações linguísticas que comportam o signo linguístico.

Aproveitamos o destaque do aluno para fazermos a leitura (projetada em *Datashow*) de um trecho da obra **A língua de Eulália** (2006), de Marcos Bagno, em conjunto com a sala. Detivemo-nos em específico no seguinte trecho:

---

<sup>3</sup> Batalha ocorrida na Serra da Arnica entre grupos liderados por José Morbeck e Manoel Balbino de Carvalho (o Carvalhinho), ambos influentes na região. Quando o governador do estado da época, Pedro Celestino nomeou Carvalhinho como Delegado Regional, Morbeck se sentiu traído e os dois se tornaram inimigos. Em um primeiro embate Morbeck atacou o bando de Carvalhinho com um número de combatentes muito acima ao do rival. Carvalhinho e seu bando fugiram se jogando no Rio Araguaia. “Esse episódio ficou conhecido como o dos Morcegos e dos Cai n’água. O povo de Morbeck ficou com apelido de morcegos porque só andava à noite para atacar e o de Carvalhinho ficou conhecido como Cai n’água porque caiu na água para fugir, sendo que alguns deles rodaram rio abaixo.” (Valdecina Ferreira de Souza Moreno). Algum tempo mais tarde, Carvalhinho voltou à região com reforços e apoio do governador. Atacaram o bando de Morbeck na serra da Arnica, município de Tesouro e alcançaram a vitória esperando os adversários se precipitarem montanha abaixo em busca de comida e água.

<sup>4</sup> Transcrição das entrevistas no anexo I da dissertação.

— Na verdade, se quiséssemos ser exatas [...] teríamos de levar em conta todos os elementos — chamados variáveis — que compõem uma variedade. É como se cada pessoa falasse uma língua só sua...

— [...] É o mesmo que acontece com a letra da gente, não é? Cada um tem a sua letra, o seu jeito de escrever, que é único e exclusivo, e que até serve para identificar uma pessoa, mas que ao mesmo tempo pode ser lido e entendido pelos outros.

— Excelente comparação [...] Isso tudo reflete a eterna tensão que existe na vida de cada ser humano: a vontade de se isolar, de se preservar, de garantir seu espaço individual, mas ao mesmo tempo a necessidade de se comunicar, de manter contato, de travar relações. Cada pessoa tem a sua língua própria e exclusiva, mas também não pode deixar que ela a separe da comunidade em que está inserida. (BAGNO, 2006, p. 20-21).

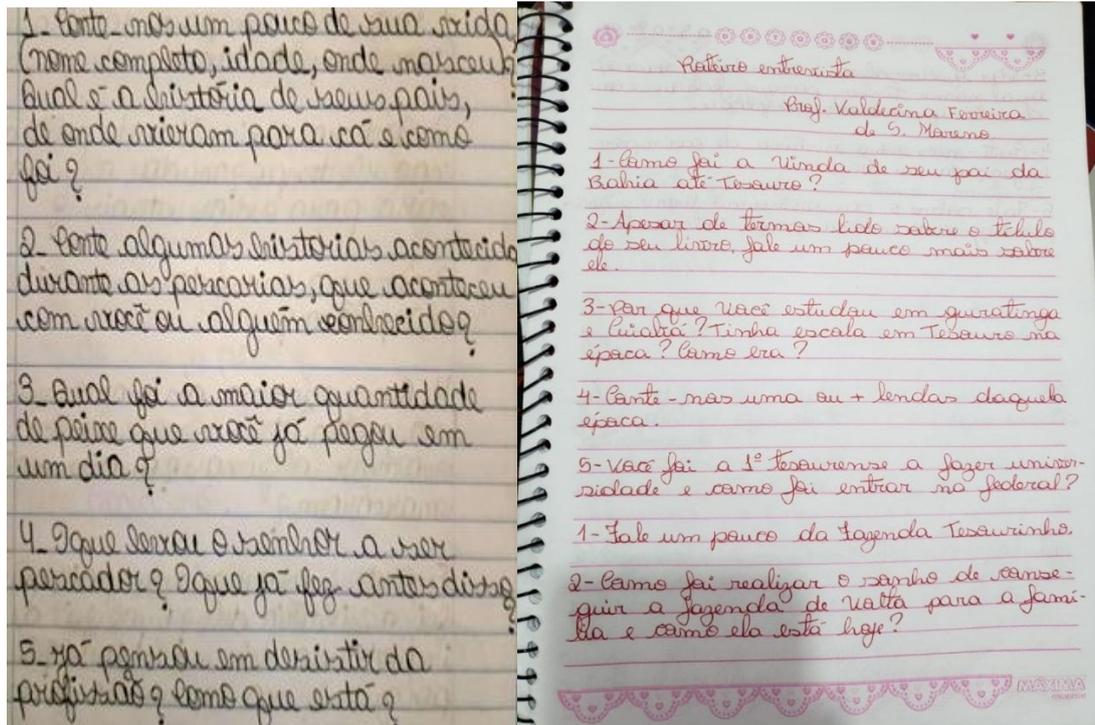
Além da melhor abstração conceitual, após a leitura do trecho da obra, vários alunos nos pediram para compartilhar com eles o romance de Bagno. Durante um breve debate acerca da obra veio o comentário do aluno que havia questionado sobre o “português de verdade”: “Acho que entendi, professora. Não podemos mudar muito o que o entrevistado falou porque é a marca dele e mudar seria um desrespeito. Nós vamos fazer um livro com a língua dele, né?!”.

### 3.8 A PESQUISA *IN LOCO* COMO ALICERCE DO SABER

Depois da apresentação das primeiras entrevistas em sala de aula, nos preparamos para entrevistar os moradores locais. Definimos em conjunto com a sala quem seriam as pessoas entrevistadas e quais as perguntas a serem feitas. Por sugestão da turma foram estipulados quatro entrevistados por grupo, num total de cinco grupos, para que conseguíssemos a coleta de dados histórico-linguísticos de Tesouro.

No contraturno, realizamos as entrevistas e as gravamos. Tivemos o cuidado de colher a autorização das pessoas entrevistadas. Antes de cada entrevista retomávamos os roteiros com os alunos e fazíamos as adaptações necessárias. As perguntas oscilaram sobre a experiência de vida do entrevistado, a sua relação com o município e sua origem. Alguns dos questionamentos estão apresentados nos quadros abaixo:

QUADROS 05 E 06: ROTEIRO DE ENTREVISTAS ELABORADO PELOS ALUNOS



FONTE: Arquivo pessoal.

Como já dissemos, os entrevistados foram escolhidos com base em sua atuação histórica e de fundação do município. Assim, foram entrevistados representantes de garimpeiros, pescadores, professores, compradores de diamantes, ex-donos de garimpos, entre outras profissões que estiveram diretamente ligadas ao início de criação de Tesouro – MT.

FOTOS 16 A 21: ENTREVISTAS COM MORADORES DO MUNICÍPIO.





FONTE: Arquivo pessoal.

Todas as entrevistas contribuíram para a aprendizagem dos conteúdos histórico-cultural e linguístico do nosso projeto. Possibilitaram uma série de conversas locais para a formação do nosso glossário linguístico. Entretanto uma entrevista nos chamou a atenção pela abordagem do entrevistado quanto às respostas concedidas. A cada pergunta dos alunos, o entrevistado procurava responder com histórias e apenas, no final de cada relato de vida, concedia o esclarecimento à pergunta que os alunos haviam feito. Percebemos que o entrevistado fazia associação direta do que perguntávamos com o seu histórico de vida e percebia que precisava provar a informação que dava aos alunos. Ao sairmos da casa do entrevistado, uma das alunas comentou:

Acho que agora entendi melhor a importância de valorizar a oralidade das pessoas, professora. Ele, o entrevistado, não sabe ler, nem escrever. Nunca esteve numa sala de aula. Como ele pode saber que a gente tem que argumentar sobre o que afirma? É sinal de que esse tipo de conhecimento aparece durante a vida também, né?

Assentimos com a aluna e acrescentamos que a língua tem várias formas de ser usada, como havíamos visto no livro de Bagno (2006), e que devíamos sempre lembrar que apesar da linguagem culta-escrita ser valorizada socialmente, não é ela que é a responsável pelas mudanças na estrutura do signo linguístico, tampouco as análises sintáticas feitas nos ambientes escolares, mas, sim, a linguagem coloquial-oral utilizada pela maioria das pessoas. E essa linguagem é adquirida pelo exercício e não no estudo teórico dela, proposto pela escola.

Houve outro momento das entrevistas que mereceu a nossa atenção. Ao chegarmos na residência de um dos entrevistados, fomos recebidos com emoção pelo morador que questionou: “É sempre um prazer receber vocês em minha casa, mas como um ex-garimpeiro analfabeto pode ajudar vocês a aprender português?” Um dos alunos respondeu prontamente: “Nos contando as belas histórias da sua vida e mostrando pra gente algumas palavras que fazem parte do nosso jeito de falar”. Bastou esse comentário do aluno para que o entrevistado se adaptasse ao momento. Forneceu respostas muito além do que perguntávamos e, assim, possibilitou um protagonismo ainda maior por parte dos estudantes que, empolgados com as histórias, quase não se orientavam mais pelos roteiros feitos, mas perguntavam conforme surgiam as informações.

Observamos tanto pela fala do aluno quanto pela do entrevistado o que Koch e Travaglia (2007, p. 21) afirmam quanto à coerência. Estes autores afirmam que ela

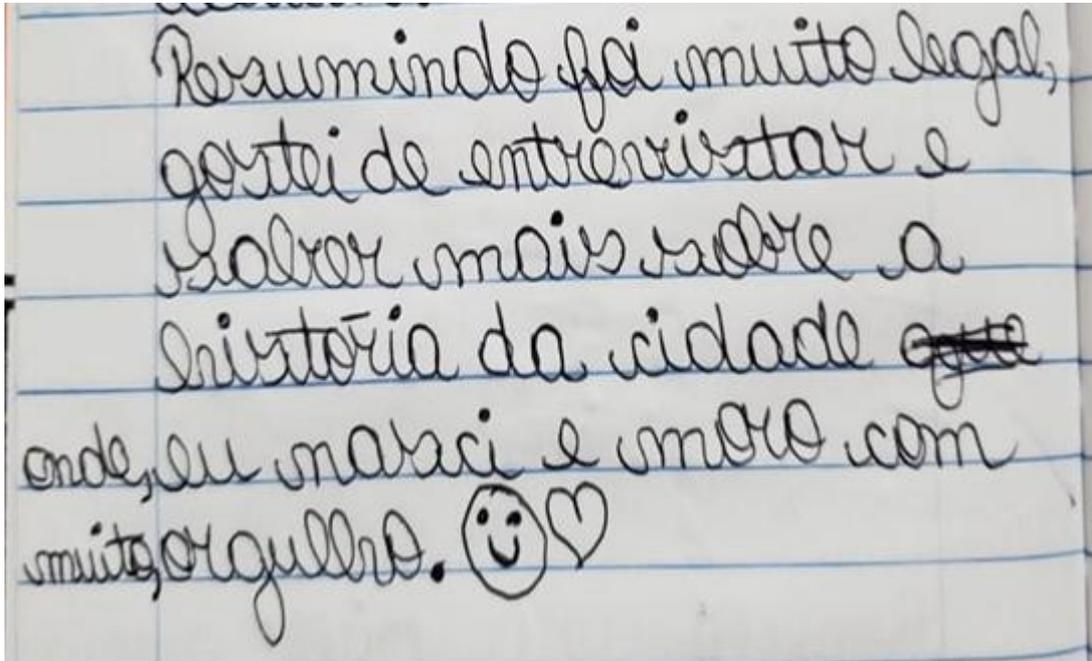
[...] está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como o princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.

Ou seja, alcançamos o sentido apenas em um texto coerente. Sendo assim, a primazia da interpretação em um contexto enunciativo deve ser a coerência textual. Esta é estipulada também pela visão geral do texto que o receptor projeta. Isto significa, portanto, que a coerência de um texto está ligada ao receptor que tece, por assim dizer, uma fina relação com o interlocutor.

Ao final das entrevistas, percebemos que as ações, muito além de satisfação, informações históricas, proporcionavam o conhecimento de vocábulos/expressões e termos linguísticos que os alunos não reconheciam como seus. Também exercitavam a oralidade em

sua forma mais emblemática e verdadeira, espontaneamente. No Diário de Bordo dos alunos, ficava evidente esse aprendizado, como vemos na anotação abaixo.

FOTO 22: DIÁRIO DE BORDO DOS ALUNOS



FONTE: Arquivo pessoal.

### 3.9 O TRABALHO EM GRUPO COMO FORMA DE DESENVOLVER A HABILIDADE ESCRITA

Depois das entrevistas feitas cada grupo ficou responsável por transcrevê-las. Este foi um momento em que enfrentamos maior resistência quanto ao tempo, muitas outras atividades da escola a concluir e o cansaço em escrever. Questionamos os alunos sobre a razão para tanta relutância quanto à escrita. Dois alunos justificaram: “Aprendemos que Língua Portuguesa não é isso. Regras e tudo mais. Língua Portuguesa é comunicação”. Outra aluna acrescentou: “Aprendemos mais ouvindo que escrevendo algo que já sabemos”. Explicamos aos alunos que a língua segue funcionalidades e padrões diferentes para a oralidade e escrita e que ambas são importantes. Explicamos sobre as diferenças de pronúncia e o quanto ter isso na escrita possibilita vivenciarmos/registramos a história do entrevistado.

Para chegarmos até a produção dos textos finais que seriam usados para a produção do livro “História e cidade: esse lugar é um Tesouro”, os textos passaram por várias reflexões, refacções e algumas etapas. Depois que todos os grupos concluíssem as transcrições

das entrevistas, iniciamos a primeira etapa e marcamos os dias para realizarmos os trabalhos de produção dos textos, que foram realizados durante três tardes no contraturno das aulas com cada um dos grupos.

Após a conclusão dos textos de um grupo, na sequência outro grupo iniciava os trabalhos até chegarmos ao 5º grupo. Durante as produções dos textos, que eram retiradas das entrevistas transcritas, todos os alunos participavam do processo de construção dos textos, ou seja, decidiram o que retirar de cada entrevista.

Nesse processo, o papel da coordenação foi de extrema importância, pois, a cada momento em que precisávamos nos reunir nos contraturnos com os alunos, a coordenadora se dispunha a ligar para os pais e avisar da atividade extra, além de fornecimento de merenda para os alunos.

Durante as produções destacávamos e explicávamos alguns elementos da narrativa aos grupos, diante da especificidade de cada produção. Explicamos, por exemplo, que o texto interliga os participantes da comunicação em um processo interacional e dinâmico, nem sempre linear entre autor-texto-leitor. Frisamos sobre a importância de se adequar os tempos verbais e sua função de análise crítica referente à narração escrita, assim como na oral, pois, segundo Koch e Elias (2012, p. 157),

Os tempos verbais pertencem a dois grandes grupos: os que servem para narrar e os que servem para comentar, opinar. Em cada um desses grupos, há o(s) tempo(s) básico(s), que não expressam perspectiva, apenas sinalizam que se trata de relato ou comentário; e outros, com perspectiva retrospectiva (para eventos anteriores ao tempo-base) e prospectiva (para eventos posteriores ao tempo-base). No grupo dos tempos da narrativa, há dois tempos-base: o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o perfeito indica o primeiro plano, ou seja, as ações propriamente ditas, que fazem a narrativa avançar; e o imperfeito assinala o segundo plano ou plano de fundo (caracterização do espaço e das personagens da narrativa).

Isto significa que o tempo verbal é retratado de duas formas na língua, conforme a proposição de se produzir o texto: as narrativas e os comentários. Dentro desses espaços de tempo existem características, como pontos sinalizadores e que indicam se o fato referido pela narração se trata de uma retrospectiva ou não. O narrador orienta o leitor/ouvinte por meio das palavras utilizadas, especificamente, pelos tempos verbais. Assim, evidenciamos para os alunos que

Ao narrar o mundo, o falante emprega a parte da linguagem que está prevista para narrar: os tempos do relato, os do grupo II, que Weinrich chama de tempos do mundo narrado. Trata-se de sinais linguísticos segundo os quais o conteúdo de uma comunicação tem de ser entendido como um relato. Em todas as outras situações comunicativas, vale dizer, nas em que as manifestações linguísticas não são de relato, empregam-se os tempos do grupo I, chamados de tempos do mundo comentado. (GOUVÊA, 2004, p. 96).

Em outras palavras, os alunos perceberam que é necessário adequar o tempo verbal e o tipo de narrativa para que se alcance o objetivo desejado, seja narrar, discutir ou apenas comentar.

A gramática, apesar de não ser enfatizada, não foi esquecida durante as produções. Durante as produções já sanávamos dúvidas nos grupos sobre questões gramaticais, concordância, tempos verbais, acentuação, sinais de pontuação e separação silábica. Utilizamos as produções/correções dos alunos ainda para ensinar concordância, ordem direta e inversa, ortografia, entre outras necessidades que se apresentavam. Isto porque

No Ensino Fundamental, o texto (oral e escrito) torna-se o centro das atividades de linguagem a serem desenvolvidas, implicando um trabalho com a língua não apenas como um código a ser decifrado nem como um mero sistema de regras gramaticais, mas como uma das formas de manifestação da linguagem. (BNCC, 2017, p. 23).

As explanações feitas individual e coletivamente foram expostas sempre após a correção de todas as produções da turma a fim de não evidenciar a dificuldade de cada aluno, mas tratá-la de forma que todos obtivessem o conhecimento. As rasuras nos textos foram feitas pelos alunos, depois de ler por várias vezes a história, juntos, fizemos a reescrita e a diferença foi evidente. Vejamos alguns textos dos alunos nessa primeira etapa:

TEXTO 01

Foguete!!! É menino ou menina?

data  
S T U O S S U

~~Walter, Tereza e Chiquinho~~  
 Eu me lembro bem,  
 lá da fazenda Terezinha eles sabiam  
 quando iam uma criança em Tereza,  
 vou contar a vocês, gente muito  
 interessante isso era costume das  
 crianças lá tinha umas primas e  
 todas elas tinham muitos filhos,  
 uma teve 11, 12 e <sup>13</sup> ~~14~~ anos. Quando  
 uma ficava grávida, mãe tinha  
 ultrassom, mãe tinha moda, mas  
 nós vinhamos para Tereza era 11  
 horas, até que nós escutamos o  
 peso e ligar que ela já estava passando  
 de mal. Quando a gente ia  
 chegando, escutamos dois <sup>foquetes</sup> ~~foquetes~~ <sup>quando</sup> ~~quando~~  
 quando saltava 2 ou <sup>quando</sup> ~~quando~~ <sup>quando</sup> ~~quando~~  
 quando saltava 3 era menino.  
 Todos os que estiveram passaram  
 por esse processo.

## TEXTO 02

Nos anos 40, dois garimpeiros vieram  
 da Bahia, eram dois irmãos e foram  
 trabalhar no garimpo do Daim em  
 um ~~país~~ <sup>país</sup> ~~país~~ <sup>no Rio Grande</sup> ~~país~~ <sup>do Sul</sup>. Eles pega-  
 ram muito diamante, era um trabalho  
 muito alto onde eles estavam traba-  
 lhando. O ~~país~~ <sup>país</sup> ~~país~~ <sup>país</sup> ~~país~~ <sup>país</sup> ~~país~~ <sup>país</sup> ~~país~~ <sup>país</sup> ~~país~~ <sup>país</sup>  
 para a Bahia e levar o dinheiro para  
 suas famílias. Eles vieram para  
 ir em busca de trabalho, mas um  
 deles começou a ir e resolveram  
 voltar para trabalhar aqui mais  
 um pouco e queriam viajar de  
 manhã cedo, com um pouco mais de diamantes.  
 Quando eles foram ~~para~~ <sup>para</sup> ~~para~~ <sup>para</sup> ~~para~~ <sup>para</sup> ~~para~~ <sup>para</sup> ~~para~~ <sup>para</sup> ~~para~~ <sup>para</sup>  
 o trabalho caiu e caiu os dois.  
~~Os dois~~ <sup>Os dois</sup>  
 foram encontrados com todo o  
 diamante que eles pegaram...

Falta: título



Um desses momentos nos chamou a atenção: no texto acima, a aluna usa os verbos “vinhão” e “levarão” em vez de “vinham” e “levaram”. Diante dessa ocorrência, explicamos essa dúvida recorrente sobre os tempos verbais e o porquê se usa a palavra escrita com "m" no final e não com "ão". Mediante as produções e explicações das questões gramaticais, uma aluna disse que considerava muito importante realizar as produções dos textos em grupos menores, porque além de aprenderem a construir e produzir um texto, ainda estavam aprendendo muito da gramática normativa da Língua Portuguesa e disse: “Hoje, aprendi como se separa sílaba, acentuar corretamente as palavras e sempre escrevi o tempo verbal “errado”, agora entendi porque se escreve com “m” no final e acredito que não vou mais “errar”. Percebemos, aqui, o que Jorge Larrosa Bondía propõe como experiência:

O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem “conhecimento” nem “vida” significam o que significam habitualmente. (BONDÍA, 2002, p. 26-27).

Ao relacionarmos a fala do autor ao comentário da aluna, percebemos que a aprendizagem durante o nosso projeto de intervenção ultrapassou o limite de aquisição de conhecimento e se transformou em algo experiencial para os estudantes, porque significou muito além dos bancos escolares.

Diante da iniciativa dos estudantes percebemos que, muito além do que cognição, os alunos estavam desenvolvendo o senso de responsabilidade e transformando a aprendizagem em experiência. Em outras palavras, começavam a

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica e social e o seu caráter constitutivo de organização e significação da realidade.
2. Reconhecer as linguagens como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais, e sua representação simbólica como forma de expressão dos sentidos, das emoções e das experiências do ser humano na vida social. (BNCC, 2017, p. 22).

Durante o processo de correção/refacção, a segunda etapa do processo de produção, um aluno do grupo digitava os textos e os demais continuavam produzindo até concluirmos essa etapa. Para isso foi imprescindível a reescrita quantas vezes fosse necessária, e já observamos a apropriação progressiva dos alunos nas habilidades de correção. Eis os textos acima, na sua segunda versão, digitados:

## TEXTO 01

### **EU ME LEMBRO BEM...**

Lá da fazenda nós sabia quando nascia uma criança em Tesouro e se era menino ou menina. Morávamos na fazenda Tesourinho, uns quatro quilômetros da cidade e vou contar a vocês... Isso é muito interessante e era costume dos baianos.

Tinha umas primas que moravam na fazenda também e todas elas tiveram muitos filhos, uma teve onze, outra doze. Quando ficava grávida, não tinha ultrassom, não tinha nada, mas escutávamos os mais velhos dizerem que elas estavam passando mal para ter os bebês. Quando nós descia para a escola a pé, eu, minha irmã e meu irmão, escutamos dois foguetes... Quando nascia uma criança e soltavam dois foguetes, era menina e se soltasse três foguetes, era menino. Todas as crianças que nasceram passaram por esse processo.

Glenda, Joamir, Luan e Thiago

## TEXTO 02

### **SONHO INTERROMPIDO**

Nos anos 40, dois garimpeiros vieram da Bahia, eram dois irmãos e foram trabalhar no garimpo do Daim em um poço no rio Garças. Eles pegaram muito diamante, era um barranco muito alto onde eles trabalhavam. O sonho, deles era voltar para a Bahia e levar o dinheiro para sua família. Eles arrumaram as malas para irem embora, já era de tardezinha, mas um deles convenceu o irmão e resolveram voltar para trabalhar mais um pouquinho e iam viajar de manhã, com um pouco mais de diamante na mala. Quando eles retornaram e foram trabalhar, o barranco caiu e cobriu os dois.

Até hoje, seus ossos nunca foram encontrados. Eles ficaram enterrados com todo o diamante que pegaram.

Ana Carolyne, Rafaela, Thais, Dheniffer e Leomarcos

## TEXTO 03

### **COLÔNIA DE PESCADORES PROFISSIONAIS**

O rio Garças na década de 70 tinha muitos peixes. Vinham pessoas de diversos lugares para pescar, principalmente de São Paulo, chegando a ter seis ônibus de turistas na cidade e levavam uma média de dez frízers cheios de peixes. Muitos garimpeiros que conheciam bem o rio abandonaram o garimpo para pescar com os turistas, deixando de ganhar 25 cruzeiros por dia no garimpo, para ganharem 80 cruzeiros no auxílio da pesca. Porém, essa fartura não durou muito, devido ao controle com as leis da pesca.

Algum tempo depois, muitos pescadores se tornaram membros da colônia Z3 de Rondonópolis- MT. Em 2007 começaram montar a colônia de Tesouro - MT dando-se o nome de colônia Z17 de pescadores profissionais, atualmente com 99 membros.

Hoje, o peixe no rio Garças está acabando devido à seca, o uso desordenado de máquinas no garimpo antigamente e do veneno utilizado nas lavouras próximas ao rio. Porém essa fartura não durou muito devido as leis da pesca.

Vitória, Audrey, Luan Henrique, Danielly e Gabriel Martins

Assim procedemos com os cinco grupos até concluirmos com todos os grupos. Fomos realizando as adequações das produções e fazendo os ajustes finais. Os

Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 77) apresentam orientações a respeito da refacção dos textos, da seguinte forma:

Os procedimentos de refacção começam de maneira externa, pela mediação do professor que elabora os instrumentos e organiza as atividades que permitem aos alunos sair do complexo (o texto), ir ao simples (as questões linguísticas e discursivas que estão sendo estudadas) e retornar ao complexo (o texto). Graças à mediação do professor, os alunos aprendem não só um conjunto de instrumentos linguístico-discursivos, como também técnicas de revisão (rasurar, substituir, desprezar). Por meio dessas práticas mediadas, os alunos se apropriam, progressivamente, das habilidades necessárias à autocorreção.

A terceira e última etapa se deu após a conclusão das reescritas dos textos e digitação de todos eles e de todos os grupos. Marcamos o encontro com todos os alunos da sala no contraturno para outra refacção. Sugerimos que os alunos fizessem a leitura e revisassem novamente os textos. Assim os alunos procederam. Durante a revisão demonstraram certa autonomia e fizeram apontamentos daquilo que achavam necessário ser alterado. Novamente uma aluna ficou na digitação fazendo as correções/alterações sugeridas pelos alunos juntamente comigo.

Lemos cada texto e foram feitas as correções necessárias, sendo que, na maioria, os alunos já iam percebendo as adequações necessárias e corrigindo: “ali, fica melhor um ponto”; “o verbo tá no tempo “errado”; “essa palavra tem acento”; “precisamos fechar melhor o texto”; “O título não está bom, poderíamos mudar”; “essa parte fica melhor em outro parágrafo”; “faltou o travessão antes da fala”; “essa palavra ficou repetida”, etc. Utilizamos três tardes para a última refacção.

Foram momentos de extrema aprendizagem e compartilhamento para todos, porque, nesses momentos, os alunos ficaram conhecendo os textos dos demais grupos e se encantavam, espantavam-se e sorriam com as histórias novas e sugeriram até mudanças em títulos de textos.

Dos três textos acima, colocamos abaixo foi a versão que foi para o produto final, o livro sobre a história da cidade.

## TEXTO 01

**FOGUETE! É MENINO OU MENINA?**

Vivi momentos marcantes na minha infância, um deles é que morávamos na fazenda Tesourinho, uns quatro quilômetros da cidade e vou contar a vocês... Isso é muito interessante e era costume dos baianos. Lá da fazenda nós sabíamos quando nascia uma criança em Tesouro e se era menino ou menina.

Eu tinha umas primas que moravam na fazenda também e todas elas tiveram muitos filhos, uma teve onze, outra doze. Quando estavam grávidas, não tinha ultrassom, não tinha nada, mas escutávamos os mais velhos dizerem que elas estavam passando mal para ter os bebês. Nossa atenção dobrava e quando vínhamos para a escola a pé, eu, minha irmã e meu irmão, escutamos o estouro de dois foguetes... Já gritamos: É menina!

Quando nascia uma criança e soltavam dois foguetes, era menina e se soltasse três, era menino. Lá da fazenda também escutávamos os foguetes. Todas as crianças que nasceram passaram por esse processo.

Glenda, Joamir, Luan e Thiago



## TEXTO 02

**SONHO INTERROMPIDO**

Nos anos 40, dois garimpeiros vieram da Bahia, eram dois irmãos e foram trabalhar no garimpo do Daim em um grande poço no rio Garças. Eles pegaram muito diamante, o local onde garimpavam era um barranco muito alto e sempre cavando mais.

O sonho, dos irmãos era voltarem para a Bahia e levar o dinheiro para sua família. Arrumaram as malas para partirem, já era a no final da tarde, mas um deles convenceu o outro e resolveram voltar para trabalhar mais um pouco e então viajariam na manhã seguinte, com um pouco mais de diamante na mala. Quando eles retornaram e começaram a cavar, o barranco caiu e cobriu os dois.

Até hoje, nem seus ossos foram encontrados. Ficaram enterrados com todo o diamante que já haviam pegado.



Ana Carolyn, Rafaela, Thais, Dheniffer e Leomarcos

## TEXTO 03

## COLÔNIA Z-17 DE PESCADORES

O Rio Garças na década de 70 tinha muitos peixes. Vinham pessoas de diversos lugares para pescar, principalmente de São Paulo, chegando a ter seis ônibus de turistas na cidade e levavam uma média de dez frízeres cheios de peixes. Muitos garimpeiros que conheciam bem o rio abandonaram o garimpo para pescar com os turistas, deixando de ganhar 25 cruzeiros por dia no garimpo, para ganharem 80 cruzeiros no auxílio da pesca. Porém, essa fartura não durou muito, devido ao controle com as leis da pesca.

Cerca de dez anos depois, muitos pescadores se tornaram membros da colônia Z3 de Rondonópolis- MT. Em 2007 começaram



[ 50 ]

montar a colônia de Tesouro- MT dando-se o nome de colônia Z17 de pescadores profissionais, atualmente com 99 membros. Durante a piracema, um período de quatro meses, eles recebem um salário mínimo do governo por não poderem pescar nessa época. Hoje, o peixe no rio Garças está acabando devido à seca, o uso desordenado de máquinas no garimpo antigamente e do veneno utilizado nas lavouras próximas ao rio.

“Pescadores não acaba com os peixes, são as lavouras e os venenos. Hoje em dia os peixes estão escolhendo as iscas...”, disse o presidente da colônia de pescadores profissionais de Tesouro, a Z-17.



Vitória, Audrey, Luan Henrique, Danielly e Gabriel Martins

FONTE: Arquivo pessoal.

Outro fato marcante e emocionante foi que enfrentamos um problema de saúde no meio do projeto e nos ausentamos por algum tempo da escola. Os alunos mandaram muitas mensagens e pediram à professora regente que interferisse para nossa volta e continuidade do projeto. No dia em que retornamos, fomos recebidas com a turma em pé e muitos aplausos.

### 3.10 PRODUZINDO CONHECIMENTO

Sabemos que a produção textual envolve muito mais do que imaginação e organização frasal. Requer um afastamento, inclusive das próprias concepções e, possivelmente, essa seja a maior dificuldade que o aluno encontre ao produzir um texto. Em se tratando de registro de entrevistas em forma de relatos, a exigência em distanciar-se é ainda maior.

No decorrer das entrevistas feitas, os cinco grupos responsáveis experimentaram tal desafio e tiveram que (des)construir diferentes concepções. Escolhemos alguns trechos tanto das entrevistas quanto das produções/retextualizações para comporem esta dissertação.<sup>5</sup>

#### 3.10.1 Primeiro grupo: A lenda do apertado da hora

Durante a entrevista o primeiro grupo demonstrou um interesse maior pelas lendas locais do que por fatos que envolvessem a realidade tesourense. O texto a seguir foi digitado pelos alunos na primeira versão, quase sem sinais de pontuação e sem adequações para norma culta:

#### **4. Meu nome é Thiago. Tem como a senhora nos contar uma lenda daquela época?**

Contar uma lenda... eu posso contar uma lenda, porque os garimpeiros é muitos cheios de histórias. Logo depois da Casa Grande tem uma curva e ali se chama apertado da hora lá tem uma serrinha e bem aqui tem a grotinha é um lugar bem estreito aí quando **agente** passava diz que tacava coisa Sabugo de Milho pedra como na época não tinha carro ou **agente** passava montado ou de a pé. Então ali recebeu o nome de apertado da hora por causa disso, eu tinha uma foto de lá inclusive eu até pensei em trazer os 33 pontos históricos mais aí eu pensei mais não vai dar tempo. Vou contar melhor essa história quando chegavam de noite os garimpeiros falavam pra não passar lá de noite porque você ia ver coisa se você passasse era um desastre jogavam milho tudo quanto é coisa te jogavam. Si você passasse montado a cavalo, disse que montava uma coisa e quanto mais você corria mais ele grudava. E não soltava mais.

O que nos chamou a atenção nessa entrevista foi o posicionamento do entrevistador. O diálogo é estruturado em um registro informal da língua, contudo podemos perceber que o estudante se preocupou com o tratamento utilizado no início da conversa. O início é mais

---

<sup>5</sup> Os textos na íntegra estão no anexo J.

formal, pois o aluno valeu-se do pronome ‘senhora’, que demonstra respeito/distanciamento em uma situação comunicativa entre pessoas que iniciam uma interação e não se conhecem de longa data.

A partir dessa primeira entrevista o grupo produziu uma narrativa utilizando elementos e falas da entrevista. Nesse momento, surgiram dúvidas sobre quem iria narrar a história e qual pessoa verbal utilizar. Então, tivemos que esclarecê-las para o grupo e, também para a sala dizendo que

Uma narrativa se estrutura a partir das seguintes fases: exposição, complicação (conflito), clímax e desfecho. E seus elementos principais são: narrador, personagens, tempo e espaço. O enredo (intriga, trama, história ou estória, urdidura, fábula) é constituído pelo conjunto de fatos que se encadeiam, dos incidentes ou episódios em que as personagens se envolvem, num determinado tempo e num determinado ambiente, motivados por conflitos de interesse ou de paixões. É estruturado por um nexos de causa e efeito. Enredo é, portanto, o que acontece, é a narrativa mesma. (GAINOUX, 2012, p. 2490).

Lembramos aos alunos que a narração relata fatos, reais ou fictícios, ou mescla realidade e ficção. Para tanto, o narrador vale-se de diferentes tipos de personagens presentes em um tempo e um espaço. Estes também possuem características diversas. Enfatizamos que o narrador é a voz que conta os fatos e pode haver basicamente três tipos:

- 1- Narrador-personagem: utiliza a 1ª pessoa e é aquele que conta a história na qual é participante;
- 2- Narrador-observador: utiliza a 3ª pessoa e é aquele que conta a história como alguém que observa tudo que acontece e transmite ao leitor;
- 3- Narrador-onisciente: utiliza a 3ª pessoa e é aquele que sabe tudo sobre o enredo e as personagens, revelando seus pensamentos e sentimentos íntimos. Sua voz, não raras vezes, aparece misturada com pensamentos dos personagens (discurso indireto livre).

Abaixo temos o texto usado para observar os elementos da narrativa e tipo de personagem. Foram encontrados na narrativa: a exposição, o conflito, o clímax e o desfecho, bem como a classificação do narrador como narrador-personagem.

A lenda do Apertado da Hora  
na fazenda Tesourinho, logo depois da casa  
grande tem uma curva, uma estrada  
que é um lugar bem estrito, ali se  
verceu o nome de apertado da hora.  
Os garimpeiros sempre recomendavam  
para não passar naquele lugar  
à noite porque alguém ou alguma  
coisa jogava milho e pedra nas  
pelecas que passavam por ali a pé.  
Se fosse montado o carro, montava  
alguma coisa no garupa e quando  
mais verce verce, mais ele gritaria e  
mais saltava mais.  
Então, ali verceu o nome de apertado  
da hora e ali eu mesma vercei os  
garimpeiros recomendarem:  
- não passar no apertado da hora  
de noite.

Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.10.2 Segundo grupo: Emoções de um pescador

Na entrevista do segundo grupo, percebemos a mesma preocupação com o distanciamento e adequação linguística. Todavia, ao longo da entrevista, há a substituição do pronome de tratamento 'senhor' pelo 'você', conferindo um caráter informal e aproximando-se gradualmente, os falantes como observado no texto abaixo:

3- A quanto tempo o senhor é pescador? vc ainda pesca?

Laurisvaldo: Sou pescador já vai fazer 15 anos - comecei pescar de ape na beirada e ai depois comecei - mas a pescar em camaa de zinga. ai com o tempo agen- - te foi melhorando e comprou um barco, um motor que agente tem até hoje né, ai mais pesca materiza- - do, de vatta e meia tem umas história de pescador, a adrenalina dei muito quando vc pega um peixe grande vc vc o gai tá puçamo né, a vora tá dro- - brando né aquilo agente vai puçamo e na ansia de puçar ligeiro e não pode puçar ligeiro e não escapa. e ai já, escapa. ah kkk, quando chega na cidade agente fala: ei vatter deramei a garalina. - que foi máco? O também virou? Não esq escapou um pintado que dava 6 quilas, 8 quilas... e ai agente fi- - ta maquela, deramei a garalina. mas não fala escape e pq e o prejuizo do quando vai pescar pra poder tampa a chapeira né.

Ana Clara Souza: É bem legal essa questão do gêto que vc falam, o linguajar... como a língua portu- - guesa agente, que muito muito perceber isso e admira também, acha barato.

Laurisvaldo: kkk quem agora o peixe maior que eu já peguei aqui fai um pintado né, o pintado maior que eu já peguei aqui ele deu 10 kg e 200 g, né meu pensar eu acho que já fai o maior que já teve qui né vatter? ade eu deguei que eu vi um fai grande. um dia eu peguei um peixe e vai aqui e vai aculo e a vora debra, quando fagui dentro do barco eu fui vibrar que eu peguei o pintado maior do mundo quando eu fui fazer assim "levantou o braço" o bar- - co mecheu e eu sup na agua kkk eu desci de pram- - ta na agua, meia mais meia conterte.

FONTE: Arquivo pessoal.

Outro ponto que não esperávamos, mas surgiu nas primeiras produções escritas dos alunos, foram as abreviaturas. Na linguagem utilizada na escrita do texto acima, observamos que a aluna utilizou abreviações como “vc” para você, “pq” para porque, “vcs” para vocês etc., ou excluindo deliberadamente certas regras da norma culta, deixando mais “leve” o seu discurso. Entretanto, não significa que o falante não tente dar a nuance “certa” a cada palavra, pois, mesmo com as omissões e diminuições nos textos e falas, a mensagem deve ser entendida por ambas as partes – escritor/leitor.

A escrita criativa e sem a preocupação com a pontuação ou regra fonética apareceu em vários momentos das produções dos alunos, seja nos textos com os entrevistados, seja nos “diários de bordo”<sup>6</sup>, nos quais havíamos pedido para os alunos registrarem as próprias impressões e opiniões sobre as atividades desenvolvidas durante o projeto.

<sup>6</sup> Outros textos dos diários de bordo podem ser encontrados no anexo G.



FONTE: Arquivo pessoal.

Ocorrem interferências e transformações na língua justamente por ela ser dinâmica, e, por essa mesma razão, suas adaptações são inevitáveis. Acreditamos que não cabe ao professor sacramentar ou desprezar o uso dessas abreviaturas. Cabe, antes, auxiliar o aluno a percebê-las como variação, assim como a norma culta e adequar o seu uso aos seus diferentes espaços. Em outras palavras, devemos preocupar-nos com o uso “correto” da linguagem e não em silenciá-la, pois ainda que quiséssemos, é impossível impedir a língua de se organizar e reorganizar em real contato com os diferentes falantes. Nesse sentido, pedimos que os alunos do grupo 02 fizessem a retextualização da entrevista do Lourivaldo José de Moraes e procurassem adequar a linguagem ao máximo quanto à escrita. O texto abaixo, sem retextualização, mostra a linguagem do garimpeiro:

### 3- Há quanto tempo o senhor é pescador, se ainda pesca?

Lourivaldo- Sou pescador já vai fazer quinze anos, comecei pescar de a pé, na beirada e aí depois começamos a pescar em canoa de zinga aí com o tempo a gente foi melhorando e comprou um barco, um motor que a gente tem até hoje né, aí nois pesca motorizado, de volta e meia tem umas histórias de pescador, a adrenalina dói muito, quanto você pega um peixe grande, você vê o gai ta puxano, né? a vara ta dobrano, né? Aquilo agente vai puxano e na ânsia de puxar ligero e não pode puxar ligero senão escapa, e aí pá escapa. AHHH! (risos) Quando chega na cidade a gente fala:

- Ei Valter, derramei a gasolina!
- Que foi moço, o tambor virou?

- Não, escapou um pintado que dava seis quilos... oito quilos... e aí a gente fica naquela, derramei a gasolina...nois não fala escapô...é porque é o prejuízo de quando vai pescar pra podê tampá a dispesa, né?

**Ana Clara Souza:** é bem legal essa questão do jeito que vocês falam, o linguajar é diferente... como é língua portuguesa a gente quer muito perceber isso, e admira também, acha bonito.

Lourivaldo- (risos) Quem...Agora, o peixe maior que eu já peguei aqui... foi... um pintado, né? o pintado maior que eu peguei aqui ele deu doze quilos e oitocentas gramas. No meu pensar eu acho que já foi o maior que já teve aqui, né Valter? Quando eu cheguei que eu vi um Jaú grande. Um dia eu peguei um peixe e vai aqui e vai acolá e a vara dobra... quando joguei dentro do barco, eu fui vibrar que eu peguei o pintado maior do mundo, quando eu fui fazer assim (levantou os braços) o barco mexeu e eu vupi na água (risos) eu desci de prancha na água, moiei, mais moiei contente.

Podemos perceber que, o corpus linguístico da entrevista, apresenta-nos como a concretização de uma conversa espontânea. As marcas de oralidade registradas, também no texto escrito, denotam naturalidade e espontaneidade de uma conversação em uma situação cotidiana. Termos como “AHHH!”, “a gente”, “né”, “aí” fizeram-nos perceber que os estudantes consideraram a expressividade do entrevistado tão importante quanto as informações destacadas por ele.

Observando esse fenômeno, lembramos da fala de Marcuschi (2007, p. 9):

[...] Portanto, mesmo sem academias que se ocupem dela, a fala está em ordem e não necessita de reparos, correções nem de alterações. Em geral, a fala oferece um nível de correção gramatical bastante alto, não obstante todas as crenças populares em contrário. O problema está em confundir variação com incorreção. [...]

Percebemos ainda que, na transcrição da entrevista, os alunos preocuparam-se em registrar inclusive a linguagem coloquial e o regionalismo do entrevistado:

[...] aí **nois** pesca motorizado, de volta e meia tem umas histórias de pescador, a adrenalina dói muito, quanto você pega um peixe grande, você vê o gai tá **puxano**, né? a vara **ta dobrano**, né? Aquilo agente vai puxano e na ânsia de puxar ligero e não pode puxar **ligero** senão escapa, e **aí pá...** escapa. AHHH! (risos) Quando chega na cidade a gente fala:

- Ei Valter, **derramei a gasolina!**

- Que foi moço, o tambor virou?

- Não, **escapô** um pintado que dava seis quilos... oito quilos... e aí a gente fica naquela, derramei a gasolina...nois não fala **escapô...**é porque é o prejuízo de quando vai pescar pra **podê tampá a dispesa, né?**

Essa consideração trazida pelos alunos mostrou-nos concretamente o que Marcuschi (2007, p. 14) afirma sobre a língua e suas características:

[...]Seguramente, todos concordamos que a língua é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura. Mais do que um simples instrumento, a língua é uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento. [...] Mais do que um comportamento individual, ela é atividade conjunta e trabalho coletivo, contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais.

Sabemos que a linguagem se dá em um movimento dialógico, especialmente os gêneros textuais. Bakthin (2016, p. 95) assegura que

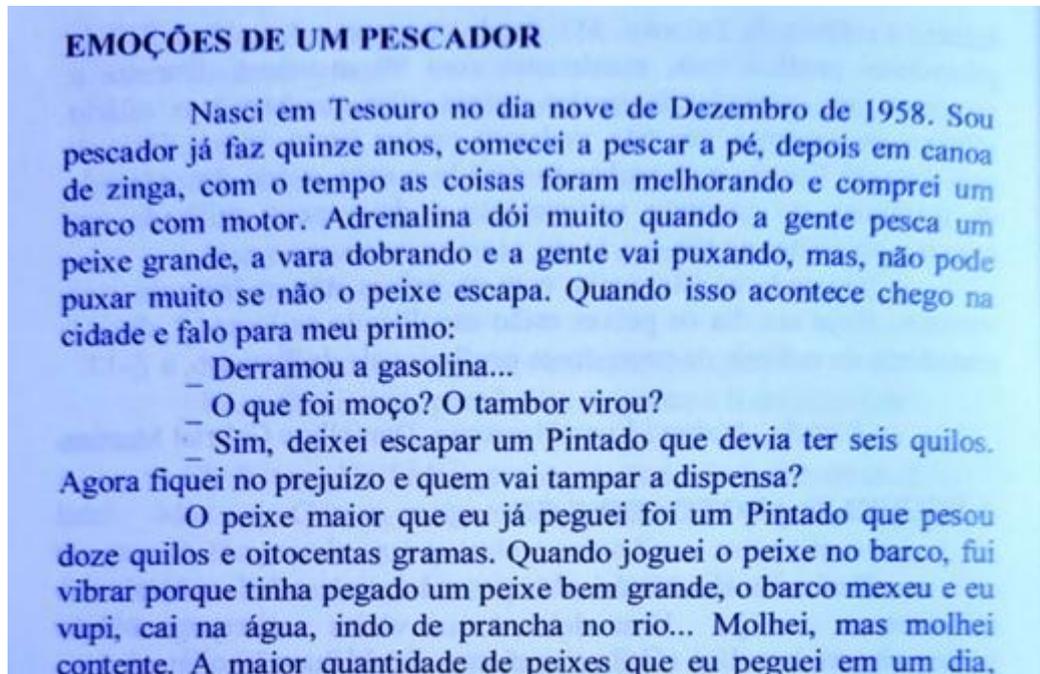
É original a natureza das relações dialógicas. A questão do dialogismo interior. Do limiar das fronteiras entre os enunciados. A palavra bivocal. A compreensão como diálogo. Aqui chegamos ao extremo da filosofia da linguagem e do pensamento das ciências humanas em geral, as terras virgens. Nova colocação do problema da autoria (do indivíduo criador). O dado e o criado no enunciado verbal analisado. O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ademais, tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo etc.). O dado inteiro se transforma em criado.

A observação da linguagem de outro falante, em uma situação discursiva real e engajada, permitiu ao estudante a aproximação/familiarização com conceitos da Sociolinguística Variacionista. Possibilitou a análise por parte do estudante e contribuiu para a ampliação de sua competência linguística no sentido de adequar a linguagem às diferentes situações de uso.

Segundo Koch e Travaglia (2007, p. 84-85), “a situação deve ser aqui entendida quer em sentido estrito - a situação comunicativa, propriamente dita, isto é, o contexto imediato da interação -, quer em sentido amplo, ou seja, o contexto sociopolítico-cultural em que a interação está inserida”.

Observamos esse fenômeno quando os estudantes transformaram a entrevista em narrativas/relatos de experiências. Apesar da nossa recomendação para que os alunos mantivessem ao máximo o falar próprio de cada entrevistado, a troca da linguagem coloquial

pela culta foi automática nas produções escritas<sup>7</sup>, demonstrando o reflexo do ensino nas escolas que primam pela norma culta, como podemos perceber no texto abaixo:



FONTE: Arquivo pessoal.

Durante a produção do texto, os alunos questionaram sobre qual perspectiva tomar na narrativa. Perguntavam entre si qual tipo de narrador iriam assumir. Decidiram pelo narrador-personagem, mas ao se depararem com o diálogo entre as personagens, ficaram em dúvida sobre como esclarecer que era uma possibilidade de conversação dentro do texto.

Destacamos para os alunos a diferença entre o discurso direto, que se apresenta com uma transcrição exata da fala das personagens, sem interferências ou comentários do narrador, e o discurso indireto, em que o narrador reproduz o que as personagens falam, valendo-se para tanto da 3ª pessoa do discurso e uso dos tipos de pretérito. Depois da nossa explicação, os alunos decidiram manter a fala original do entrevistado, alegando que ficaria mais realístico do que se eles intervissem e recontassem o episódio.

Percebemos por essa atividade que os estudantes assimilaram o princípio básico da situacionalidade, pois perceberam a necessidade de considerar o contexto interpretativo.

<sup>7</sup> A íntegra do texto encontra-se no anexo J da dissertação.

Adequaram o próprio texto à circunstância em que foi produzido, permitindo outras leituras/significações.

A narrativa produzida pelos alunos evidenciou que a prática da oralidade deve ser feita em situações reais de uso, orientada por uma conversação amparada e alicerçada em uma razão maior do que o momento em que a conversação acontece. Ou seja, para que os alunos percebam a diferenciação da/na linguagem, é necessário que saibam também por que a fazem e tenham claro que suas produções serão utilizadas, pois

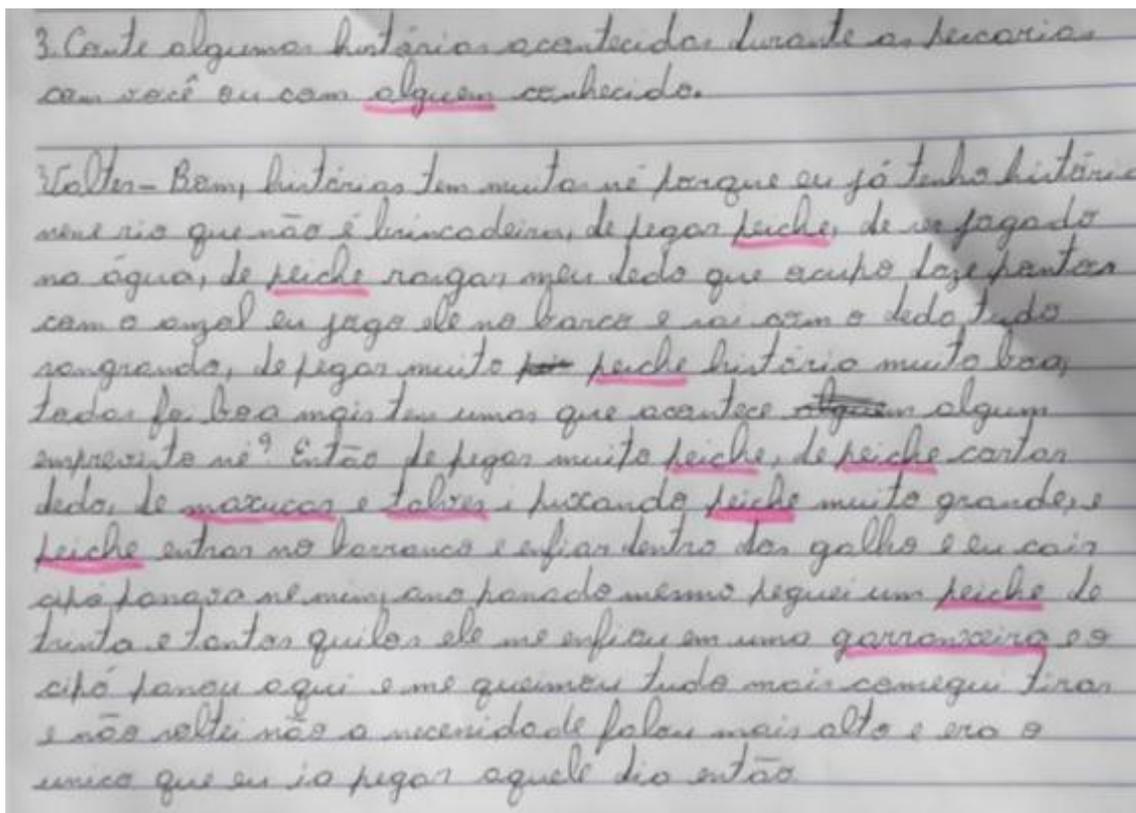
[...] a exploração dos gêneros midiáticos como notícias, comentários e entrevistas televisivas, com o objetivo principal de fazer com que os alunos construam de forma colaborativa e conjunta os conhecimentos sobre os sentidos veiculados nesses e por esses gêneros, contribui para que, em primeiro lugar, os alunos aprendam a ouvir o outro. Trabalhar com o campo da oralidade pressupõe necessariamente a contínua “apuração do ouvido”. (BENTES, 2010, p. 147).

Esse processo de “apuração do ouvido” exige ainda mais do professor que, atento às falas/produções dos alunos, deve também ter um autoquestionamento e uma percepção ainda maior para saber quando deve intervir nas conversações/produções dos estudantes.

### **3.10.3 Terceiro grupo: O cachorro pescador**

Em outra entrevista, do terceiro grupo, percebemos o posicionamento do entrevistado em tornar o diálogo envolvente para os alunos, diversificando resumidamente as histórias, enquanto utilizava-se de marcadores linguísticos para incluir os interlocutores na própria oratória.

O resultado dessa forma de conversação foi a atenção total dos estudantes que passaram a questionar mais sobre os fatos que ouviam.



FONTE: Arquivo pessoal.

Ao sairmos da entrevista, uma das alunas comentou: “Professora, a fala dele é diferente de quem garimpa. É mais parecida com a nossa”. Discutimos com o grupo o fato de que a linguagem é pacífica quanto a evoluções, alterações e adequações. Isto porque é ela uma das manifestações primárias do ser humano e, portanto, adaptável ao meio e, também, mutável.

Lembramos, neste momento, da afirmação de Koch (2009, p. 74) sobre as responsabilidades da escola em relação à linguagem: “colocar os alunos, ao mesmo tempo, em situações de comunicação o mais próximo possível das verdadeiras, que tenham para eles um sentido, para que possam dominá-las como realmente são”. Na primeira retextualização da entrevista, os alunos já demonstraram significativa adequação da escrita normativa:

### 3 - Conte algumas histórias acontecidas durante as pescarias que aconteceu com você ou com alguém conhecido.

Valter- Bom histórias tem muitas né porque eu já tenho histórias nesse rio que não é brincadeira, de pegar peixe, de ser jogado na água, de peixe rasgar meu dedo que **ocupô** doze pontos com o anzol eu joga ele no barco e sai com o dedo tudo sangrando, de pegar muito peixe, história muito boa todas foi boa mas tem umas que acontece algum **imprevisto** né então de pegar muito peixe, de peixe cortar dedo, de machucar e talvez ir puxando peixe muito grande e peixe entrar nos barranco e me enfiar dentro dos galho e eu



Já no trecho abaixo, percebemos a prevalência do discurso direto e o recurso cômico utilizado pelo entrevistado ao dizer “Até hoje não entendo o motivo!”, numa clara intenção de divertir/atrain a atenção dos entrevistadores. O interessante é que os alunos decidiram manter tal fala no texto escrito, tornando-o ainda mais parecido com a conversação face a face. Apesar desse aspecto, o texto produzido pelos alunos não foge à regra dos diálogos reconstruídos, pois, por mais que houvesse a pretensão da verossimilhança e expressividade, a sintaxe imposta pelo texto escrito delimitou a fluidez.

\_ Você é pescador?  
 Eu falei: \_ Sou.  
 \_ Então, se você me contar uma mentira boa, eu faço a sua prova primeiro.  
 E eu falei: \_ Não, eu não sei contar mentira!  
 E ele falou: \_ Conta uma só.  
 \_ Vou contar uma só, mas não é mentira não.  
 \_ Você conhece Tesouro?  
 \_ Não.  
 \_ Mas tem gente aqui que conhece. Por quê?  
 \_ Lá, o rio Garças, para baixo da ponte é tudo cheio de curvas.  
 Ele falou: \_ Uai! Mas geralmente todo rio tem curvas. Eu falei: \_ Mas o rio Garças, antigamente era certo, eu peguei um peixe tão grande, tão grande, que quando o peixe ficou mexendo e se debatendo na linha, o rio foi entortando, entortando e fez todas aquelas curvas lá.  
 Ele falou: \_ Me dá seus papeis aí! Os outros alunos ficaram com raiva porque ele me passou na frente. Até hoje não entendo o motivo!

FONTE: Arquivo pessoal.

### 3.10.4 Quarto grupo: Três pedras de diamante e um sonho

Entre as entrevistas do quarto grupo houve uma que chamou a atenção dos alunos por fornecer uma história de resistência e superação, mas, principalmente, por ditar uma linguagem praticamente desconhecida para os estudantes, a usada no garimpo. Ao pedir à entrevistada que assinasse a ficha de autorização da entrevista, ela disse que não sabia assinar o nome e usava o “dedão”, digital como assinatura, fato que nos pegou de surpresa porque não tínhamos uma “almofada” para pegar a sua digital. Então, entre olhares, a aluna Beatriz disse que voltaria no dia seguinte para pegar a sua assinatura, o que foi feito.

• Quantos anos a senhora tem? Deus me ajudar  
 R= 82 anos. Só vou parar de garimpar quando ~~eu~~ pegar mais uma pedra de Diamante "risos", já faz uns 30 a 40 anos que peguei as pedras.

maranhão. Vieram para ~~garimbo~~ garimpar em Poço.

• Eles são garimpeiros?  
 R= meu pai foi garimpeiro por muito tempo, ele morreu com 53 anos novo ainda, ficou doente, minha mãe também morreu até forte. Morreu lá em Dom Aquino morreram separados.

• Quantos filhos a senhora teve?  
 R= 6 filhos, 3 mulheres e 3 homens. Morreu um casal.

• A senhora sempre trabalhou no garimpo por conta própria ou teve patrões?  
 R= por conta própria mesmo, na Avoadeira, as pedras que eu peguei foram na peneira. A grandona eu tava surucando quando ela apareceu. Eu tava sacudindo a peneira para ficar só as pedras grandes, o bugaio. Aí faz o esmeril aí vai lavando nas outras peneiras. É 3, 4 peneira, a fina pra tirar a terra aí fica só o esmeril; a grossa pra tirar o bugaio mais fino, já passou na suruca, aí passa na fina pra tirar a areia e fica só o esmeril pra lavar, é difícil. Uma dessas pedras era pra ser do ~~meu filho~~ Renato meu filho, mas na hora ele desentrou não quis mais mecher e saiu e eu ~~entrei~~ entrei só tirei o emburrado oia o diamante, a pedra tava embaixo de 25 K, verde, comprida e grossa. Era pra mim ser a mais rica de Tesouro e hj em dia só tenho essa casa, na época que eu comprei ela ninguém tinha dinheiro pra comprar eu ~~foi~~ eu ~~foi~~ e comprei com o dinheiro que ganhei

**Beatriz:** A senhora sempre trabalhou no garimpo por conta própria ou teve patrões?

**Maria:** Por conta própria mesmo, na Avoadeira, as pedras que eu peguei foram na peneira. A grandona eu estava **surucano** quando ela apareceu. Eu estava sacudindo a peneira pra ficar só as pedras grandes, que é o **Bugaio**. Aí faz o Esmeril, aí vai lavando nas outras peneiras. É três, quatro peneira, a fina pra tirar a terra, aí fica só o esmeril; a grossa pra tirar o bugaio mais fino, já passou na suruca, aí passa na fina pra tirar a areia e fica só o esmeril pra lavar, é difícil garimpar e faço tudo sozinha. [...]

Observamos que à medida que revisava o próprio texto o grupo quatro adequava a linguagem bem como informações não registradas nos momentos da entrevista:

“Era para eu ser a pessoa mais rica de Tesouro, mas minha família é muito simples, eu não sei ler e confiamos facilmente nas pessoas. Nas três vezes entreguei as pedras para outra pessoa vender e fui enganada e a única coisa que me restou foi essa casa onde moro, que compramos com o dinheiro da primeira pedra. As pessoas contam uma história que eu achei uma das pedras de diamante no meio da rua em Tesouro, mas é mentira, nas ruas nunca achei nem um xibiu, quanto mais pedra.

Na Avoadeira, as pedras que eu peguei foram na peneira. Eu estava surucando, quando o diamante apareceu, o trabalho é pesado, precisa passar o cascalho de três a quatro peneiras. A peneira fina é para tirar a terra, a grossa para tirar o bugaio e na suruca para o bugaio ficar mais fino, por último passa o cascalho na peneira mais fina para tirar a areia e ficar só o esmeril para lavar. É um trabalho muito difícil.

Tudo isso faço sozinha até hoje, continuo trabalhando no antigo garimpo da Dona Benedita que faleceu há algum tempo. A distância da minha casa até lá, dá uns três quilômetros, sempre fui caminhando e garimpo sozinha, mas já não estou aguentando essa viagem, então minha filha me leva e meio-dia vai me buscar.

Já era para eu ter pegado outro diamante grande, porque lá já tem muita piçarra limpa. Estou na fé de pegar um diamante, já acostumei a garimpar, se eu parar vou ficar doente, então, fico lá sossegada [...] Só vou parar quando pegar outra pedra. Está difícil, mas acredito em um milagre e também porque o cascalho queima! Como queima”!

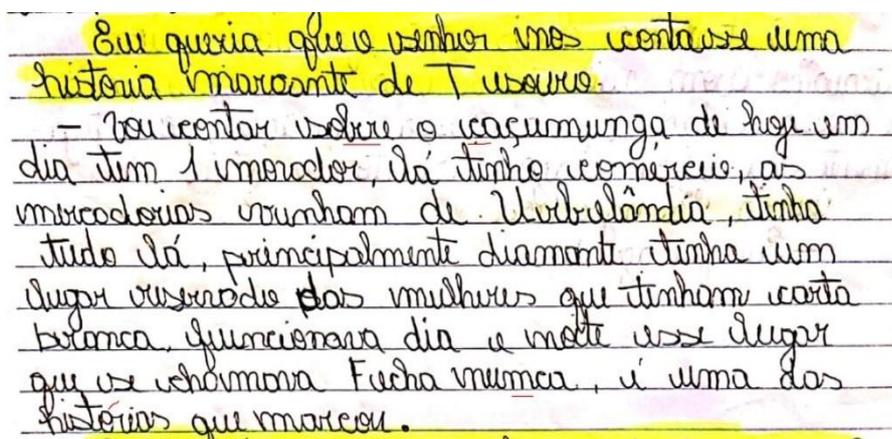
**OBS:** Em pesquisa realizada com um comprador de diamantes, verificamos que a pedra de 51 quilates, hoje valeria vinte milhões de reais.

Como dissemos anteriormente, o processo de identificação com o trabalho escolar tem estreita relação com a realidade, mas também com a história do estudante. Conforme Kleiman (2004, p. 14), o uso da leitura é determinado

[...] pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler.

### 3.10.5 Quinto grupo: Fecha nunca

Para nós, não só a leitura, mas, principalmente, a produção textual é evidenciada pelo contexto histórico. Uma das entrevistas do quinto grupo evidenciou fatos históricos do município de Tesouro - MT que os alunos desconheciam:



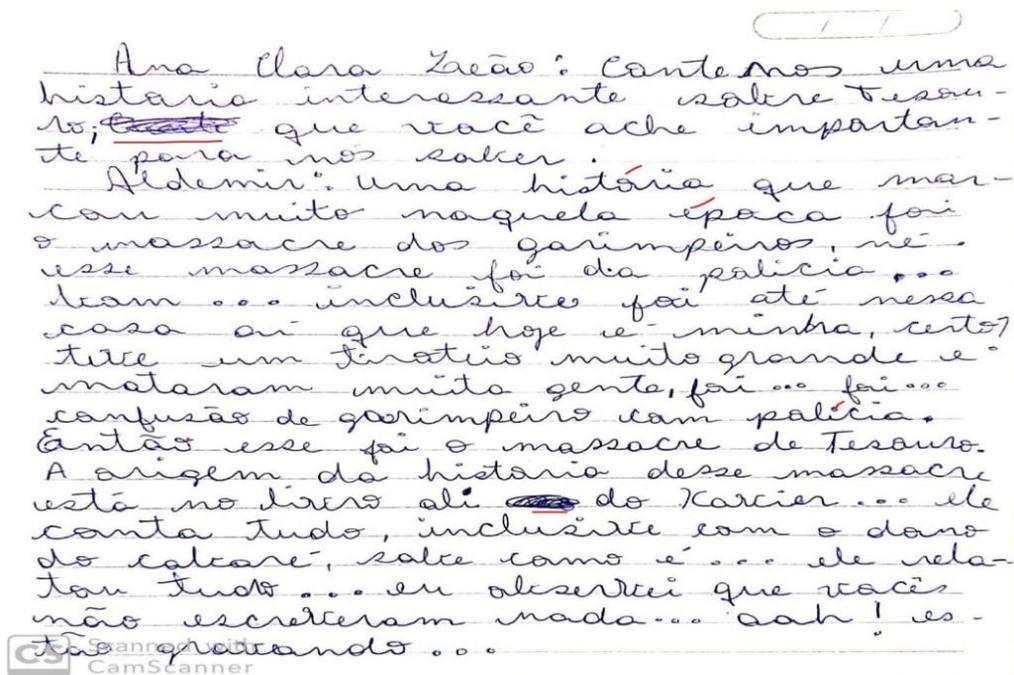
Eu queria que o senhor nos contasse uma história marcante de Tesouro.  
 - Vou contar sobre o casununga de hoje um dia tem 1 morador, lá tinha comércio, as mercearias virmam de Uberlândia, tinha tudo lá, principalmente diamante tinha um lugar chamado das mulheres que tinham carta branca, funcionava dia e noite esse lugar que se chamava Fecha nunca, é uma das histórias que marcou.

FONTE: Arquivo pessoal.

O que chamou a atenção dos alunos sobre essa entrevista, segundo o próprio grupo, foi o fato da região denominada de Cassununga ter, atualmente, apenas um morador. Outro

fato a chamar a atenção dos estudantes foi a atividade de prostituição no local. Os alunos passaram a entrevistar mais garimpeiros na intenção de saber o porquê de muitos perderem a vida nesse prostíbulo diante da ação policial e de desentendimentos entre si.

Outra entrevista evidenciou o fato e nos deu referências para a pesquisa:



Ana Clara Zezão: Contamos uma história interessante sobre tesouro, ~~que~~ que você ache importante para nos saber.

Aldemir: Uma história que marcou muito naquela época foi o massacre dos garimpeiros, né. esse massacre foi da polícia... tem... inclusive foi até nessa casa aí que hoje é minha, certo? teve um tiroteio muito grande e mataram muita gente, foi... foi... confusão de garimpeiros com polícia. Então esse foi o massacre de Tesouro. A origem da história desse massacre está no livro ali ~~do~~ do Karrier... ele conta tudo, inclusive com o dano do calcare, sabe como é... ele relatou tudo... eu observei que vocês não escreveram nada... ah! es-  
tá gravando...

FONTE: Arquivo pessoal.

Em pesquisa sobre o ocorrido, descobrimos que a chacina foi entre policiais e garimpeiros em uma boate. O pivô da briga foi uma mulher. Então os policiais mataram muitos garimpeiros e enterraram em uma cova só, muitos ainda vivos. Essa foi a primeira cova do cemitério local. No livro sobre a história de Tesouro, os autores narram essa história da seguinte forma:

Era o dia 9 de junho de 1936, um dia frio, escuro, garoava e ventava. Se reparassem bem, veriam os garimpeiros que a lealdade e tristeza daquele dia já prenunciava a tragédia prestes a desabar sobre o povoado... Os músicos tocavam e os pares rodopiavam alegres e distraídos na volúpia daquela atmosfera inebriante. Coitados dos garimpeiros! Não sabiam que, naquela mesma hora, a morte traiçoeira já rondava os salões, pronta para deferir-lhes o golpe fatal... Com as armas bem municionadas e já engatilhadas, de um salto, tomaram todas as portas do salão de danças e imediatamente despejaram fogo a esmo, pegassem as balas em quem pegassem. (FERREIRA e SILVA, 2010, p. 130-131).

Muito mais que conhecer a história dos habitantes do município em que residem, os alunos aprenderam pela prática da entrevista conceitos importantes da Sociolinguística e da

oralidade, como a variação de uso, marcas de oralidade, simetria nos papéis conversacionais, distribuição de turnos, marcadores conversacionais, entre outros aspectos da linguagem. Nas palavras de Marcuschi (2007, p. 19),

Sem maiores problemas, sabemos que se trata do início de uma aula universitária. As características mais salientes da oralidade são os marcadores (bom; como? né? bom... então), repetições; enunciados que iniciam e não concluem; pausas breves marcadas pelos três pontinhos e assim por diante.

Os alunos tiveram acesso a esses conceitos de forma prática, aplicaram-nos em uma situação comunicativa real, distanciando, assim, a nossa prática de sala de aula do simulacro. Entretanto o grupo tentou se afastar das marcas discursivas durante o processo de retextualização.

**Luan: Eu queria que o senhor nos contasse uma história marcante de Tesouro.**

**João Antônio:** Vou contar sobre o Cassununga de hoje em dia tem um morador, antigamente tinha milhares... lá tinha comércio, água encanada, padaria, escola, luz elétrica, campo de futebol, sorveteria, cartório, Banda de Música. O comércio era grande e as mercadorias vinham de Uberlândia-MG, tinha de tudo lá, principalmente diamante e tinha um lugar que os garimpeiros divertiam, um lugar reservado das mulheres que tinham carta branca... funcionava dia e noite e esse lugar se chamava Fecha Nunca, é uma das histórias que marcou.

**Ana Clara Leão:** Conte-nos uma história interessante sobre Tesouro, que você ache importante para nós sabermos.

**Aldemir:** Uma história que marcou muito naquela época foi o massacre dos garimpeiros, esse massacre foi da polícia, inclusive foi até nessa casa aí que hoje é minha. Teve um tiroteio muito grande, mataram muita gente, confusão de garimpeiro com polícia. Então, esse foi o massacre de Tesouro. A origem da história desse massacre está no livro ali do Xavier, conta tudo, inclusive com o dono do cabaré, ele relatou tudo. (O entrevistado interrompe a fala e diz) **Eu observei que vocês não escreveram nada... Ah! Estão gravando...**

Durante o processo de retextualização, para a versão final do livro, um dos alunos comentou: “Professora, esse ‘marcador’ que a senhora fala pode estar tanto em quem é analfabeto quanto em quem tem faculdade, né? Porque todos os dois homens usaram eles. Então não é “erro”?”. Ressaltamos para os alunos que as marcas de oralidade são um processo constitutivo do discurso e, portanto, não devem ser considerado “erro”. Explicamos ainda que o erro reside na situação discursiva em que se utiliza as marcas de oralidade.

Orientando-se, possivelmente, pela nossa conversa sobre as situações discursivas, os alunos adequaram ainda mais o próprio texto no sentido de aproximá-lo à norma culta, como vemos no trecho da entrevista com o Sr. João Antônio Ayres:

Um dos momentos que não esqueço, é do tempo em que morei no Cassununga. Hoje, lá só tem um morador e antigamente tinha milhares. O comércio era grande; as mercadorias vinham de Uberlândia - MG; tinha tudo lá; água encanada, sorveteria, padaria, escola, luz elétrica, cartório, campo de futebol, banda de música e principalmente o diamante. Os garimpeiros se divertiam muito em um local reservado das mulheres que tinham “carta branca”, o funcionamento era dia e noite. Esse lugar se chamava “Fecha Nunca”.

Em se tratando do texto baseado na segunda entrevista feita pelo quinto grupo, o afastamento foi ainda mais expressivo. Outro fenômeno que podemos observar na versão final do texto é que a pessoa verbal foi modificada. Enquanto a maioria dos textos feitos para o livro preservaram a primeira pessoa do discurso, o texto feito a partir da entrevista com o Senhor Aldemir assumiu a terceira pessoa verbal, como se os alunos procurassem isentar o texto de qualquer parcialidade possível e tentassem apenas contar os fatos que ocorreram, como no exemplo abaixo:

Em nove de junho de 1936 os policiais invadem os dois cabarés do povoado e matam inúmeros garimpeiros, atirando em todos que viam pela frente e assim mataram muitos, uma vez que os locais estavam cheios de garimpeiros festando. Como era muita gente para abrirem cova e enterrarem os mortos, os policiais abriram uma única cova bem grande onde os corpos foram jogados amontoados e enterrados.

Analisando o posicionamento dos alunos em transformar o texto, inclusive durante o que eles acreditavam ser a versão final, vemos concretizado o que Marcuschi (2010, p. 49) afirma sobre a nossa comunicação diária, mas perfeitamente adaptável às produções como um todo: “Na realidade, nossa produção linguística diária, se analisada com cuidado, pode ser tida como um encadeamento de reformulações, tal o imbricamento dos jogos linguísticos praticados nessa interdiscursividade e intertextualidade”.

Falando de outra forma, um texto pode ser sempre reformulado/atualizado, o que nos permite inferir que o texto, enquanto comunicação, não tem fim, haja vista que, inclusive nas mãos do leitor, ele continua sendo reformulado pelas interpretações de cada receptor.

### 3.11 GLOSSÁRIO: O REGISTRO DAS MEMÓRIAS DE UM POVO

Após as entrevistas e produção das narrativas, produzimos uma listagem de vocábulos terminológicos partindo da memória dos entrevistados. No processo de produção do material, os alunos foram orientados a observarem termos que os entrevistados utilizaram e que fazem parte da linguagem dos tesourenses. Foram orientados, portanto, a produzirem um glossário.

Segundo o Houaiss (2011, p. 477) “glossário é vocabulário de termos de uma área específica; pequeno dicionário que, dentro de um livro, esclarece sobre termos nele usados”. O objetivo do glossário<sup>8</sup> é explanar termos desconhecidos ou que já não são mais usados e que pertencem a um mesmo tema ou área de estudo.

Em nossas entrevistas, descobrimos algumas palavras bastante interessantes, algumas delas, já questionadas na hora pelos alunos aos entrevistados, outras percebidas durante as produções dos textos, tais como:

**Indústria:** tipo de diamante sem muito valor e serve para fábrica de ferramentas.

**Meia-praça:** garimpeiros que o patrão dá a despesa, material e depois divide o lucro do diamante da semana em uma porcentagem combinada, geralmente, 35% a 40%.

**Muiezada:** muitas mulheres juntas.

**Ofício:** trabalho, ocupação.

**Piçarra:** final do cascalho, onde o diamante costuma estar.

**Picuá:** recipiente onde se guarda diamantes.

**Pizero:** bagunça.

**Quilate:** corresponde a cem pontos.

**Sarro:** fazer piada, gozação.

**Surucano:** sacudir a peneira para tirar as pedras maiores.

**Três por um:** quando três diamantes pesam um quilate.

**Xibiu:** apelido do diamante pequeno que não pesa um ponto.

**Zinga:** vara comprida usada para empurrar a canoa no rio.

A cidade de Tesouro - MT é morada, na sua maioria, de pessoas idosas que fazem uso de palavras específicas para o garimpo e que já não são usadas nem mesmo pelos jovens, filhos e netos dos que ainda se aventuram na busca de riquezas por meio da garimpagem. Fez-se necessário, portanto, uma averiguação a fim de se confirmarmos as definições das palavras e expressões, de forma a não deixar dúvidas sobre seus significados. Então, os alunos, de

<sup>8</sup> A íntegra do glossário encontra-se no livro “História e Cidade: esse lugar é um Tesouro!” – Produto final de nossa intervenção, anexo J da dissertação.

posse das palavras, procuraram os entrevistados para verificarem, confirmarem seus significados.

Com o glossário produzido, atingimos nossa proposição para o ensino lexical: ampliamos e rememoramos o vocabulário do povo tesourense com os estudantes e documentamos esse falar próprio do garimpeiro e do ribeirinho. Assim, demonstramos aos alunos que a linguagem que eles fazem uso tem raízes e história alicerçada na fundação de uma cidade, mas também na origem de um povo batalhador e que, por migração, trouxe a cultura de outras localidades do país. Segundo Lima (2018, p. 28),

Para compreender uma língua não podemos relegar a história de um povo. Qualquer sociedade sempre passou e passará por mudanças políticas, sociais, econômicas, religiosas e por que não linguísticas. À medida que o tempo decorre, essas alterações vão se tornando cada vez mais céleres, em decorrência do processo de evolução por que passa o mundo. Em se tratando do campo linguístico, a migração tem trazido significativas e rápidas mudanças no falar de muitos povos no mundo inteiro. Em Cuiabá, por exemplo, o contato, direto ou indireto, com pessoas de outras localidades do país, bem como em decorrência do processo migratório verificado nos últimos quarenta anos, vem provocando variações linguísticas no falar local.

A definição de palavras e termos exerceu um papel primordial na comunicação, na leitura de textos e na construção de diferentes concepções do conhecimento. Ainda é importante destacar que esse processo de aprendizagem do léxico decorre a vida toda, reiteradamente.

O léxico é, em sentido mais amplo, como o conjunto de itens que representam o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Sendo assim, não há como estudar o léxico isoladamente, uma vez que sua circunstância deixa fulgurar os valores, as crenças e os costumes de um grupo, suas inovações, mudanças ocorridas na esfera social e são “o reflexo do universo das coisas, das modalidades do pensamento, do movimento do mundo e da sociedade”. (BARBOSA, 1981, p. 87).

O glossário externou o significado dos principais termos e coloquialismos utilizados pelos tesourenses, que nem sempre os jovens conhecem ou entendem. Acreditávamos, anteriormente à produção do glossário, que o linguajar baiano prevalecesse na fala dos entrevistados, norteados, assim, o falar tanto dos alunos quanto dos seus familiares e amigos. Entretanto ocorreu algo inesperado. As linguagens ribeirinha e de garimpo foram as que mais chamaram a atenção dos estudantes, uma vez que os adolescentes quase não têm contato com esse meio por ainda não trabalharem. Termos como “esmeril”, “golfo” e “derramar a gasolina” possuíam sentido totalmente diverso para os estudantes e, com o trabalho

desenvolvido, assumiram-nos como linguagem constitutiva de Tesouro - MT, linguagem dos próprios alunos.

Depois de reunirmos todos os textos, contamos também com a ajuda da professora regente, Áurea Batista Neta, para a diagramação do livro.

### 3.12 PRODUTO FINAL: UMA OUTRA OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM

Para constituir-se um texto, um enunciado necessita estabelecer sentido. Todavia, esse sentido é condicionado à ação recíproca entre autor e leitor, que, para além da manifestação linguística, estão interligados por uma espécie de contrato velado sobre selecionar as informações/interpretações mais adequadas para os respectivos enunciados. Portanto o leitor não pode ser fictício. É necessário que, ao escrever, o autor vislumbre seu leitor. Antunes (2003, p. 63-64) afirma que

Uma escrita dos textos que tem leitores – Os textos dos alunos, exatamente porque são atos de linguagem, devem ter leitores, devem dirigir-se a um alguém concreto. Quando possível, a leitores reais, a leitores diversificados, que podem ser previstos e devem ser tidos em conta no momento da escrita, para que, como já dissemos, quem escreve possa tomar as devidas decisões na seleção do que dizer e como fazê-lo.

Podemos inferir das palavras da autora que as produções discursivas, sejam orais ou escritas, devem ser articuladas dentro de um planejamento real e que vislumbrem um público e não apenas o professor no momento da correção. Além do público, é necessário ainda que o estudante tenha clareza de que seu trabalho circulará em determinado meio. Por refletirmos a esse respeito, como culminância, organizamos a tarde de autógrafos com os alunos.



FONTE: Arquivo pessoal.

Fizemos todo o ritual para a mesa de honra com os alunos. No final de todos os agradecimentos, dois foram mais marcantes. Na tarde de autógrafos, as alunas que fizeram as apresentações voltaram a compartilhar, dessa vez, em público, as seguintes experiências: “Professora, o nosso projeto salvou a minha vida. Eu não tinha mais vontade de estudar e já não era mais uma aluna dedicada como antes. Depois do projeto isso mudou e nossa sala saiu do ponto de pior turma da escola e passou a ser a que representa a escola. Obrigada!” A outra disse: “Antigamente eu sonhava em ser professora, mas tinha desistido desse sonho e com o projeto isso renasceu em mim e agora quero novamente ser professora, e de Língua Portuguesa!”. É importante enfatizarmos que temos uma lista de espera para a 2ª edição do nosso livro.

Para divulgarmos o nosso trabalho e a realização do projeto, utilizamos nossa própria página no Facebook e a da escola, que fez questão de usar sua página para divulgar as ações e eventos do projeto.

### 3.13 AVALIANDO NOSSA PRÁTICA PEDAGÓGICA

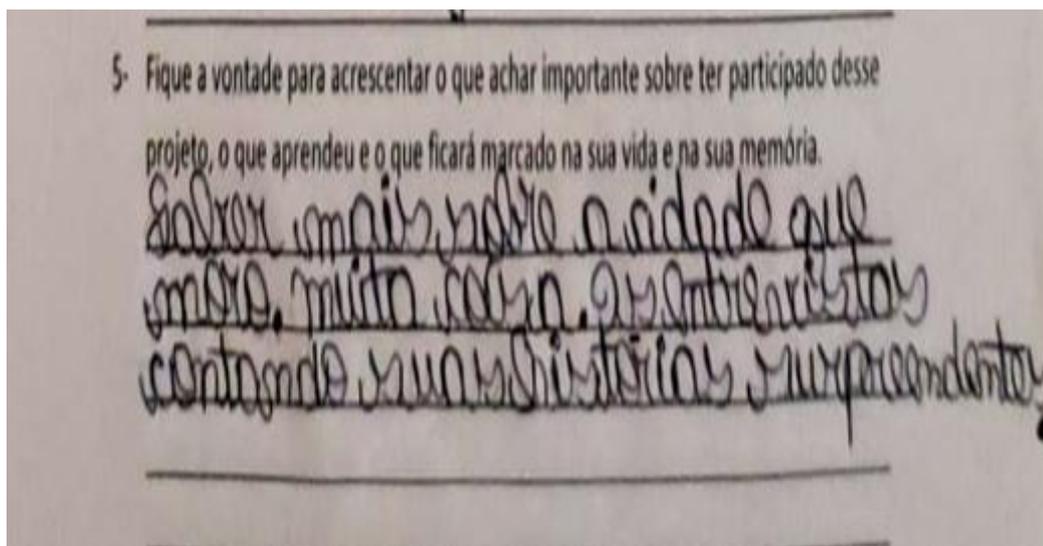
Sabemos que a avaliação classificatória se pauta em quantificações. Esse tipo de avaliação não só estigmatiza o aluno, que indiferente das razões não assimilou o conteúdo, como também neutraliza sua aprendizagem durante a atividade avaliativa.

Sobre a avaliação, Vasconcellos afirma que

A prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, “branco”, medo, angústia, insônia, ansiedade, decepção, introjeção de auto-imagem negativa. Uma escola que precisa recorrer à pressão da nota logo nas séries iniciais, é, certamente, uma triste escola e não está educando, é uma escola fracassada. (VASCONCELLOS, 1995, p. 37).

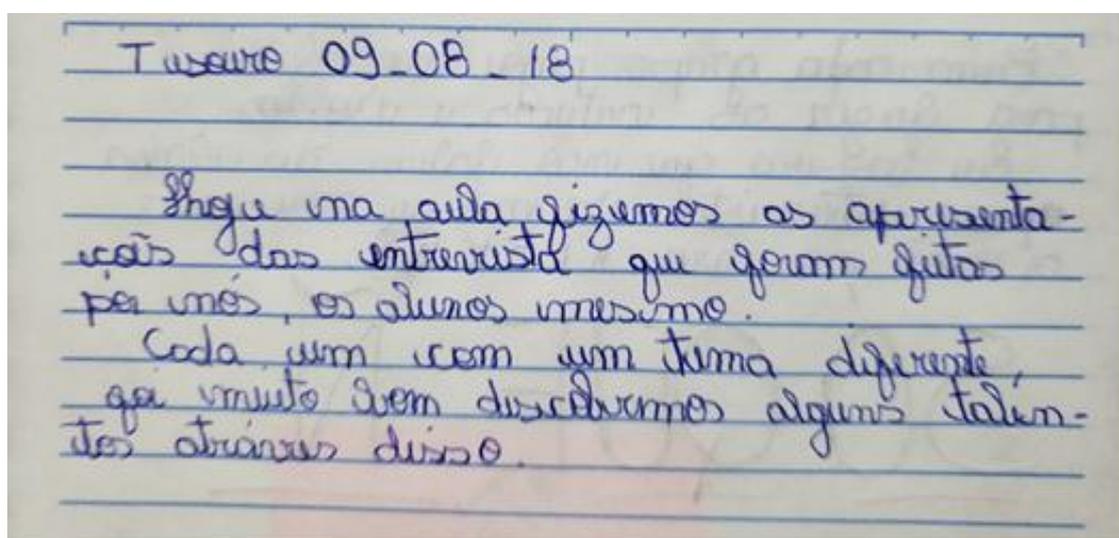
No decorrer da execução do projeto interventivo, partimos da concepção de que avaliar deve ser um ato também formativo. Ou seja, aquela que ajuda a perceber as falhas no ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, assegura reformulações de planejamento e possibilita a adequação e alcance de objetivos. Isto significa que em um trabalho educacional devemos “[...] estar em condição de fazer uma avaliação realista dos objetivos e dos efeitos [...]” (THIOLLENT, 1986, p. 42).

Avaliar, assim como as outras fases do projeto, tem importância crucial. Nesse sentido, nos dias que se seguiram à sua culminância, encontramos-nos com alunos para que pudéssemos ouvir a opinião deles sobre o projeto. Entregamos um questionário para que os alunos expusessem suas opiniões sobre o desenvolvimento das aulas. Vejamos algumas dessas observações/avaliações abaixo:



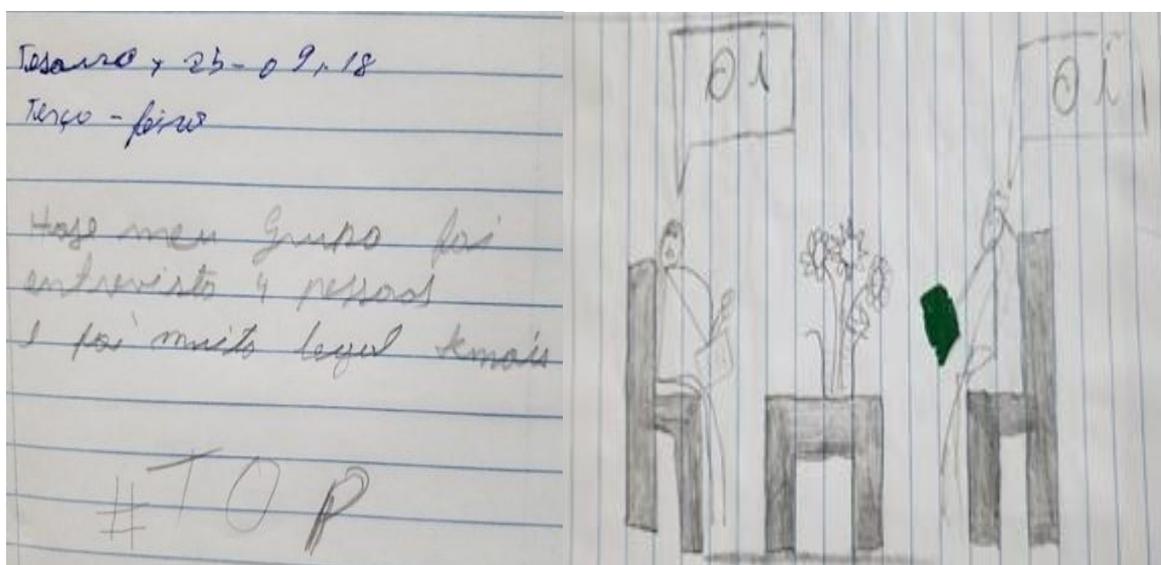
FONTE: Arquivo pessoal.

Pelas palavras do aluno, percebemos a sua satisfação em estudar algo que faz sentido para ele. Alguns optaram por apresentar o próprio diário de bordo<sup>9</sup> para enfatizar o que pensavam sobre as nossas aulas.



FONTE: Arquivo pessoal.

Das avaliações/apresentações dos diários de bordo, uma nos emocionou. Entre os nossos alunos houve um que passou a maioria das aulas apenas observando. Desde as atividades de leitura às pesquisas e exposições. Durante as conversas e conselhos de classe, os professores sempre enfatizavam seu mau comportamento e desinteresse nas aulas. Os professores, em geral, destacavam também desconhecer qualquer forma de escrita ou produção do aluno. Contudo, nas entrevistas, o estudante passou a protagonizar e no dia da avaliação mostrou o próprio diário:



FONTE: Arquivo pessoal.

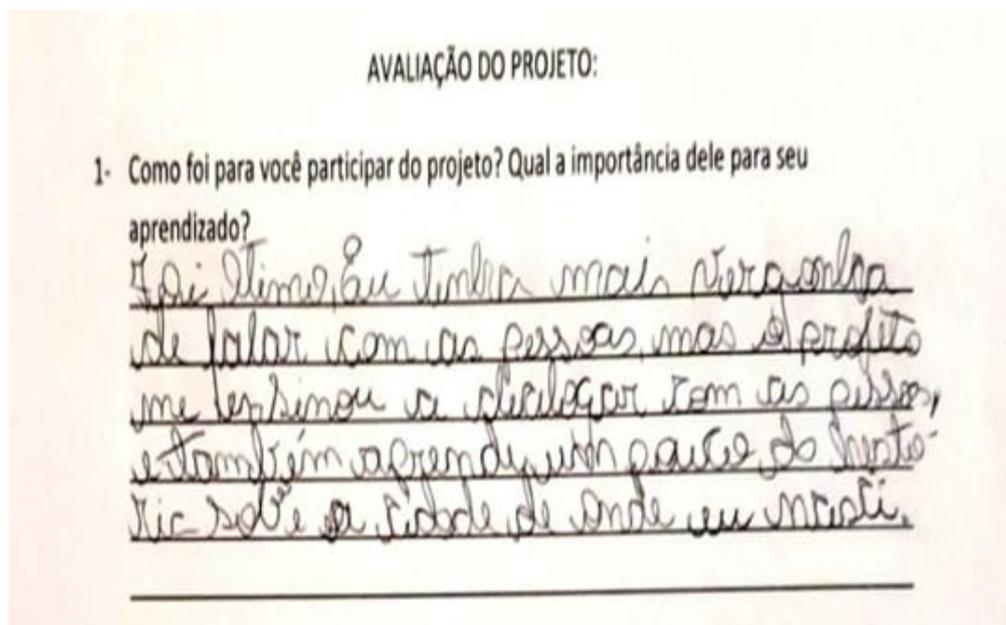
Além de mostrar os próprios trabalhos, o aluno ainda acrescentou em forma de depoimento: “Todos sabem que tenho problema pra ler e escrever. Sempre achei escola muito chato. Não entendia porque tinha que estudar. Até o projeto da professora Mariley. Hoje, sei que a minha história pode ser matéria e por isso eu tenho que estudar ela. Nunca vou esquecer essas aulas”.

Nas palavras do aluno, percebemos concretizado que a avaliação deve ser sempre formativa. Pode e deve, em algumas situações, estar associada à diagnóstica, mas convém primar pela reestruturação do saber, logo, de produzir conhecimento. Isto, porque

É através principalmente da avaliação diagnóstica e formativa que o aluno conhece os seus avanços e necessidades e encontra estímulo para um estudo sistemático. Essa concepção de avaliação é basicamente orientada, pois orienta tanto o estudo do aluno como o trabalho do professor. O propósito da avaliação orientadora não é detectar o sucesso ou o fracasso dos alunos para

fins classificatórios. É sim verificar suas dificuldades para poder indicar as intervenções adequadas no ensino, planejando atividades que os ajudem a atingir níveis ou estágios mais complexos de aprendizagem. (HAIDT, 1994, p. 319).

Na fala da autora, percebemos que o estudante se torna responsável pela própria avaliação. A diferença está em ter estímulo para reconhecer as próprias dificuldades e progressões. A preocupação de uma avaliação comprometida com a aprendizagem seria perceber e estimular as estratégias que o aluno utiliza para formular o próprio conhecimento. Não queremos dizer, entretanto, que os “erros” não devam ser considerados. Defendemos, antes, que eles sejam analisados/estudados pelo docente a fim de descobrir as razões pelas quais o estudante os cometeu.



FONTE: Arquivo pessoal.

Percebemos, pelo excerto, que a estudante compreende a própria dificuldade e concebe, inclusive, em que o trabalho desenvolvido a ajudou. Pela afirmação da aluna, percebemos também que

O ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento “definitivo” sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se à melhoria do ciclo da vida. Deste modo, por si, é um ato amoroso. Infelizmente, por nossas experiências histórico-sociais

e pessoais, temos dificuldades em assim compreendê-la e praticá-la. Mas... fica o convite a todos nós. É uma meta a ser trabalhada, que, com o tempo, se transformará em realidade, por meio de nossa ação. Somos responsáveis por esse processo. (LUCKESI, 2008, p. 180).

Luckesi convida a nós professores a praticarmos essa avaliação amorosa que, nada mais é, que considerar o aluno enquanto protagonista, inclusive, da própria avaliação. Ao invés de segregá-lo a um lugar que diminui sua autoestima pela simples pressão psicológica, Luckesi nos faz refletir quanto ao fato de que avaliar não significa ação estagnada, antes refere-se à transformação do ensino-aprendizagem por parte do aluno e do professor.

Finalizamos o nosso trabalho com a certeza de termos alcançado satisfatoriamente nosso objetivo. A mudança nos estudantes foi perceptível, e, na escola, visível. Sonhos de alunos foram resgatados. Entretanto, a maior mudança se deu na nossa práxis enquanto docente, pois valemo-nos do Projeto de Intervenção **Gênero entrevista: Conhecendo a cidade de Tesouro - MT segundo o olhar de seus moradores** para colaborar com a aprendizagem dos alunos do 8º Ano da E.E. XV de Outubro, registrar a história dos moradores de Tesouro, e, assim, aprender enquanto professora, e, acima de tudo, enquanto pessoa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todas as reflexões feitas ao longo do nosso projeto interventivo na E. E. XV de Outubro com os alunos do 8º ano de 2018, uma foi mais latente: a mudança crucial para a educação começa, ou deveria, com o professor. Pensamos dessa forma porque, como dissemos anteriormente, a transformação nos nossos alunos foi visível e marcante, mas em nós foi surpreendente.

A primeira reflexão foi percebermos que desafio e satisfação em uma sala de aula permanecem juntos, e para alcançarmos a satisfação é necessário comprometimento, enfrentando os desafios e transformando o que lhe foi apresentado em experiência. Como afirma Larrosa (2002, p. 26.), “[...] um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”.

Assim, ao desenvolvermos a intervenção, valemo-nos das características e especificações do gênero entrevista para enfatizarmos o protagonismo de nossos alunos bem como dos fundadores de Tesouro – MT, uma vez que “[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando aprende, outro que, aprendendo, ensina [...]” (FREIRE 1996, p. 69). Dito de outra forma, possibilitamos aos estudantes envolverem-se em atividades correlacionadas a fatos diretamente ligados à sociedade, constituindo-se assim, e em princípio, como *corpus* linguístico um estudo de iniciativa para o aluno, mas viabilizando a autonomia e o compromisso estudantil com as atividades e, por consequência, a própria aprendizagem.

O trabalho com a oralidade e a variação linguística possibilitaram-nos romper paradigmas cristalizados referentes ao ensino de Língua Portuguesa. Desconstruímos conceitos nos alunos, na escola e, principalmente, em nós enquanto fazer pedagógico. Distribuímos as atividades referentes a cada fase do projeto para que a aprendizagem se tornasse não só agradável como também articulada, e os alunos tivessem a percepção da evolução processual e objetiva das atividades.

Ao relacionarmos produção escrita e oral, evidenciamos para os alunos o fato de que o texto “[...] é uma unidade comunicativa e não como uma simples unidade linguística. [...]” (MARCUSCHI, 2012, p. 26). Isto significou, em nossas aulas, a análise reflexiva de que o texto ultrapassa o limite de simples articulação enunciativa e alcança o campo dos sentidos cambiantes. Portanto uma das maiores contribuições que o professor pode proporcionar quanto à produção do aluno é o engajamento social, norteando, assim, o “para quem”, o “como” e “o que dizer” em seu texto.

Ao orientarmos os trabalhos pela perspectiva da Linguística Textual propusemo-nos não só a auxiliar os alunos a estabelecerem relações com a própria aprendizagem, mas também propiciar a interação dos estudantes entre si, com a própria história e, principalmente, com o meio social, pois “[...] as ações se desenrolam em contextos, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente”. (KOCH, 2005, p. 31 – 32). O que nos permitiu a inferência de que, muito além do código, o sujeito assujeita-se também na/pela história/sociedade, ou seja, por intermédio de seus conceitos socioideológicos.

O trabalho desenvolvido com os alunos fez-nos perceber, ainda que há trabalho em sala de aula por intermédio da intervenção docente, urge desinibir a vontade de explorar e conhecer do estudante. Urge ainda mostrar ao estudante a significância e a conexão das ações/conteúdos escolares. Nesse sentido, estudamos a língua com os alunos a partir da concepção de que se trata de “[...] uma forma específica de comunicação social da atividade verbal humana, interconectada com outras atividades não linguísticas do ser humano”. (KOCH, 2005, p. 14). Ao expormos esse fato para os alunos, traçamos automaticamente um elo de identificação entre o aluno e o processo educativo, tornando-o significativo.

É oportuno enfatizarmos que as atividades interdisciplinares se concretizaram como oportunidade para intersecção e interrelações entre outros componentes curriculares: história, geografia e informática. O enriquecimento dessa práxis alicerçou-se no uso dos elementos de textualidade, especificamente na coesão e coerência da intertextualidade presente nos discursos de cada conteúdo trabalhado pelas "interdisciplinas". Isto porque

A metáfora da rede nos permite perceber o conjunto de relações imbricadas presentes no texto, e a da rede em construção nos permite visualizar o dinamismo do processo mental que pode ser promovido pela leitura de apenas um texto. É o leitor quem tece as redes; é função do professor mostrar ao aluno como puxar os fios e fazer os nós. (KLEIMAN, 1999, p. 89).

A realização satisfatória do projeto partiu em grande proporção de outros dois aspectos, a "aceitabilidade" e a conexão entre as partes envolvidas: comunidade escolar e social. Em outras palavras, o projeto obteve sucesso porque a atuação direta de toda a escola – professores, gestores e alunos – foi efetiva. Outro diferencial de destaque foi a participação dos entrevistados que se propuseram a atuar/auxiliar os estudantes no seu processo de aprendizagem, na pesquisa sobre a própria história e a presentificação das memórias vivenciadas por eles próprios e que, por associação, também é a história dos nossos

alunos. Aceitaram expor o que Koch (2003, p. 39) chama de “[...] memória episódica ou experiencial - que contém informações sobre vivências pessoais. Armazena episódios, isto é, eventos espaço-temporalmente situados, portanto, sensíveis às variações contextuais”.

O trabalho sistematizado enfatizador da oralidade (debates, apresentação, representação e entrevista) em diversas situações de comunicação, exigiu que os estudantes recortassem/selecionassem as informações adequadas ao próprio aprendizado. Exigiu ainda que os alunos integrassem/interconectassem os conhecimentos adquiridos e construíssem/transformassem as informações em um saber próprio, formulado em bloco, mas reformulado pela análise. Pela experimentação de aulas práticas e em campo, proporcionamos a "desescolarização" do conteúdo programático.

Ressignificamos o repertório linguístico dos discentes de forma a conhecer as "raízes" do falar tesourense. Estabelecemos uma dialética/conexão com o falar ribeirinho, além do linguajar da região de garimpo para que os alunos percebessem que as variações linguísticas são vinculadas por razões inerentes da língua ou por condições sociáveis, ou concomitantemente. Propusemos assim a percepção de que, muito mais que comunicação, utilizamos a língua como forma de representação/identificação social e, como tal, elegemos/escolhemos com qual linguagem nos reportaremos aos diferentes interlocutores e nas diversas situações de uso.

Articulamos as aulas de forma que o gênero entrevista fosse estudado por diversos prismas e pudesse ser reconfigurado conforme o aluno assimilasse os aspectos de cada subgênero da entrevista. Isto porque, segundo Rodrigues (2019, p.05),

[...] construir sentido e significados perpassa por eu me dar conta de que a língua permite o diálogo com o lúdico também no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita de modo a favorecer as brincadeiras com as letras, com as palavras, com os efeitos de sentidos nas mais diferentes áreas de atuação, esferas comunicativas. Assim, as fases previstas para pesquisa poderão nos sinalizar quais as práticas de leitura e de escrita que tendem a valorizar as culturas das comunidades e que podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos para além dos sentidos atribuídos pelos espaços formais de ensino.

Isto significa que o aluno do 8º ano valeu-se de várias situações discursivas: sala de aula, atividade extraclasse, pesquisa de campo para perceber os diferentes usos da língua e assimilar, ainda, que adequar a linguagem e respeitar a língua do outro são conceitos que os alunos devem corroborar e endossar.

Nada mais importante que evidenciar com as palavras dos alunos quais eram suas expectativas, os resultados alcançados e a antevisão do que poderá ocorrer em seus futuros. Em se tratando das expectativas disseram: “Espero que o projeto dê tudo certo e acho que vai ser bem legal conhecer a história de Tesouro até para o aprendizado e conhecimento de cada aluno”; “Minha expectativa é muito grande porque eu nunca tive aulas desse jeito e estou animado para estudar o gênero entrevista”. Quanto aos resultados alcançados, os alunos afirmaram: “O projeto foi ótimo, trouxe muita importância ao meu aprendizado, tanto no desenvolvimento da produção de texto quanto nas apresentações diante da turma”; “O projeto foi uma maravilha de participar, eu não sabia quase nada sobre o gênero entrevista e nem sobre a história da nossa cidade, mas agora as pessoas podem me perguntar qualquer coisa que eu sei responder”. Tão importante quanto o resultado esperado é a prospectiva para o futuro, assim declarado: “Ficará marcado na minha vida, todos os conselhos que escutei durante as entrevistas”; “Vai me ajudar na faculdade e na minha vida toda, vou saber trabalhar em grupo, principalmente na produção de texto e dependendo da profissão que eu escolher, já saberei como fazer uma entrevista”.

Ao seguirmos as concepções bakhtinianas acerca da língua como objeto, produção e concepção social, evidenciamos para o nosso aluno também que a língua não é neutra. Antes, pressupõe a visão que o falante/interlocutor tem de si e do mundo a sua volta. Sendo assim, a língua é um fenômeno histórico e social constituído pela intencionalidade, ideologias e interações de seus usuários em uma enunciação.

Outra metodologia adotada e que colaborou com o desenvolvimento da produção textual dos alunos foi a retextualização. Ao escreverem e reescreverem o próprio texto, os alunos tiveram a oportunidade de aprimorar a própria produção no sentido de melhor externarem as nuances da linguagem que os constituem. Para que houvesse essa melhor percepção, atendemos os grupos em contraturno para que analisássemos diversas situações do texto produzido, desde a concordância à estética textual e conseguíssemos orientar particularmente sobre o material a ser levado para o livro produzido pelos alunos, estabelecemos, portanto, “[...] propostas mais fundamentadas, suscetíveis de ajudar mais os alunos e ajudar nós mesmos [...]” (ZABALA, 1998, p. 19).

O glossário produzido mostrou-nos que, ao utilizarmos o diálogo entre os usuários da língua, como alunos, professores entrevistados e moradores, em diferentes abordagens, mesclando pesquisa e compartilhamento de conhecimento, simultaneamente, construímos saberes e promovemos a relação entre o sujeito aluno e a configuração conceitual linguística de sua história municipal.

Acreditamos que deixamos nossa marca e fomos marcadas durante a passagem que tivemos com os alunos na realização desse projeto. E o tempo? Não importa. O que realmente importa é o que ficou, o que deixamos de nós e o que levamos conosco de cada hora, cada minuto, cada segundo dessa passagem de nossa vida. Nesse sentido, decerto podemos afirmar que tudo ora realizado foi apenas uma gota no oceano ou um simples grão de areia e muito há ainda por ser feito. Avante!

## REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v.1, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com as palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ARAÚJO, J. C. **O internetês não é língua portuguesa?** Vida e educação, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abr. 2007.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. Loyola: São Paulo, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004. 173 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Língua e Discurso**: contribuição aos estudos semântico-sintáticos. São Paulo: Global, 1981.
- BENTES, Anna Christina. Linguagem oral no espaço escolar: rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coords.). **Língua Portuguesa**. Brasília: 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 19). p. 129-154.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, abril de 2002, n. 19, p. 20-28. **ISSN 1413-2478**

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição**: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002.

BORGES, Selma Zago da Silva. **Um estudo da arquitetura textual do gênero entrevista**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia/Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia/MG, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. BRASIL. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 26 maio, 2019.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha, São Paulo, Educ, 1999. 353 p.

CAGLIARI <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40140/1/01d16t05.pdf>  
ACESSO 09 JUN 2019

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcolínio. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coords.). **Língua Portuguesa**. Brasília: 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 19). p. 85-106.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português**: linguagens. 7º ano. São Paulo: Saraiva, 2015.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard, NOVERRAZ, Michéle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. (Tradução e Organização). **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011, p.125-155).

DUARTE, Nádia do Rosário. **Retextualização do Gênero Entrevista**: refletindo sobre os usos da língua materna. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais/Programa de Mestrado Profissional em Letras. Belo Horizonte/MG, 2016.

EISENKRAEMER, R. R. **Leitura digital e linguagem cifrada dos internautas**. Texto Digital, Florianópolis, ano. 2, n. 2, Dezembro/2006. Disponível em<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1381/1079>>. Acesso em 19 Jun. 2019.

ESCOLA ESTADUAL XV DE OUTUBRO. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Tesouro, 2018. Documento interno da escola.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 2011.

FEITOSA, Nilson (Org.). **Mato Grosso: 139 municípios e seus governantes**. 1. ed. Campo Grande: Graficom, 2003.

FERREIRA, Valdeli Forte; SILVA, Wilson Januário da. **Tesouro e sua história**. Cuiabá, MT: Edição do autor, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRANCISCO, Alves Filho. **Gêneros jornalísticos: notícias e carta de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

GADOTTI, M. **Escola Cidadã**. São Paulo: Cortez, 1999.

GAIGNOUX, Aline de Azevedo. **O texto narrativo nas aulas de produção textual**. Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_3/215.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/215.pdf)> Acesso em agosto de 2019.

GARRETT, Annette. **A entrevista: seus princípios e métodos**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1981.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Função dos tempos verbais no discurso. In: **VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia** (I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos), 2004, Rio de Janeiro. Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos - Questões de morfosintaxe. Rio de Janeiro: CIFEFIL - UERJ, 2004. v. VIII. p. 095-107.

Haidt, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 1994, p. 286-319.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOUAISS Conciso. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Moderna, 2011.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**: cidades@: Tesouro: MT. Triunfo: população do município. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/mt/tesouro/panorama>>. Acesso em: 19 out. 2018.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/tesouro.pdf> Acesso em: 9 jun. 2019.

KLEIMAN, Ângela; Silvia E. Moraes. **Leitura e interdisciplinaridade**. Tecendo redes nos projetos da escola. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999, - (Coleção Ideias sobre Linguagem).

KLEIMAN, Ângela. **Abordagens da leitura**. Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 1º sem. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5752/P.2358-3428>. Acesso em 24 dez, 2018.

KOCH, Ingedore. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore G. V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. V. e ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à Linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2015.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)]. Acesso em 05/06/2019

LIMA, José Leonildo. **O falar cuiabano**: a arquitetura morfossintática do gênero. Revista Ecos (Cáceres), Cáceres - MT, v. 1, p. 121-135, 2004. Disponível em <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1060/1157>> Acesso em 26/07/2019

LIMA, José Leonildo; PHILIPPSEN, N. I. **Diversidade e variação linguística em Mato Grosso**. 1. ed. Cáceres: Editora Unemat, 2018. v. 1. 228p. Disponível em <<http://portal.unemat.br/media/files/Editora/livro-diversidades-Linguisticas.pdf>> Acesso em 26/07/2019.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral, 2002.

LUCKESI, C.C. **Prática escolar: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude.** Ideias, São Paulo, n.8, p.133-40,1990. Disponível em<[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_08\\_p133-140\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p133-140_c.pdf)> Acesso em 19 jun. 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo.** São Paulo, publicado no caderno do Colégio Uirapuru, Sorocaba, estado de São Paulo, por ocasião da Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio 55 Uirapuru, Sorocaba, SP, 8 de outubro de 2005. Disponível em< <https://pt.slideshare.net/SimoneMontes/luckesi-art-avaliacao-entrevjornaldobrasil2000-67094710>. Acesso em 02 jan. 2019.

MACHADO A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, B.; MOTTA-ROTH (Org.). **Gêneros teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. MOITA LOPES, L.P. 1994. Pesquisa interpretativa em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. D.E.L.T.A. Vol. 10 /2.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Área de Linguagem.** Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

MORENO, Valdecina Ferreira de Souza. **Uma Rosa entre espinhos.** Campo Grande, MS: Editora Oeste, 2001.

MUSSALIM, Fernanda (Org.); BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.1. 5. ed.** São Paulo: Cortez, 2005.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES: área de Linguagens. Educação Básica. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Cuiabá: SEDUC MT, 2010.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. A organização interativa no gênero entrevista: uma abordagem heterogênea sobre as práticas discursivas e sociais. **Revista Ecos**, Cáceres – MT, Ano 5, n. 6, p. 81-87, 2007.

QUINTANA, Mário. O tempo não importa. <http://decarlicris.blogspot.com/2014/08/o-tempo-nao-importa-mario-quintana.html?m=1>>acesso em dezembro 2018.

RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos. Formação leitora e escritora: sujeitos que leem, contam e encantam na formação inicial e continuada. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, p. 1-6, 2019. Disponível em <periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/1529/1062> Acesso em 26/07/2019

RODRIGUES, H. R. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como Avaliar? Critérios e Instrumentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Nívea Rohling. **Gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valorização do discurso do outro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis - SC, 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1998.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

UNISINOS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 18. ed. São Leopoldo: Biblioteca da UNISINOS, 2018.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1994.

Vigotsky, Lev Semyonovich, 1869-1934. **A construção do pensamento e da linguagem** / L. S. Vigotski; Trad. Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000. - (Psicologia e Pedagogia)

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa — Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## ANEXOS

### ANEXO A – FOTOS DE DESENVOLVIMENTO DAS AULAS SOBRE O GÊNERO ENTREVISTA



FONTE: Arquivo pessoal.

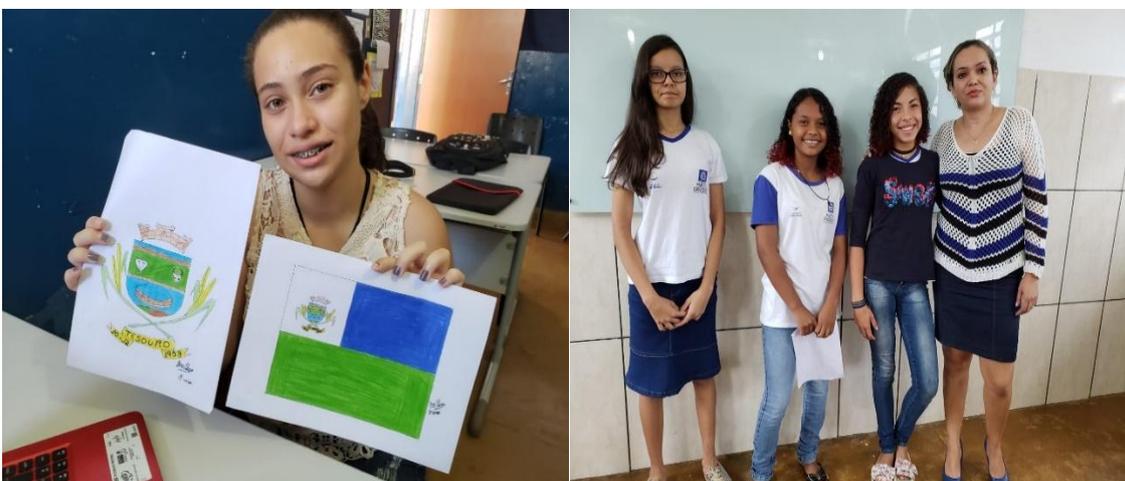
### ANEXO B – CONFEÇÃO DE CARTAZES SOBRE O GÊNERO ENTREVISTA E APRESENTAÇÃO NA SALA





FONTE: Arquivo pessoal.

### ANEXO C – TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM OS PROFESSORES DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA SOBRE A CIDADE DE TESOURO





FONTE: Arquivo pessoal.

## ANEXO D – TRABALHO DE CAMPO: REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS





FONTE: Arquivo pessoal.

### ANEXO E – TRANSCRIÇÕES, RETEXTUALIZAÇÕES E PRODUÇÃO DOS TEXTOS



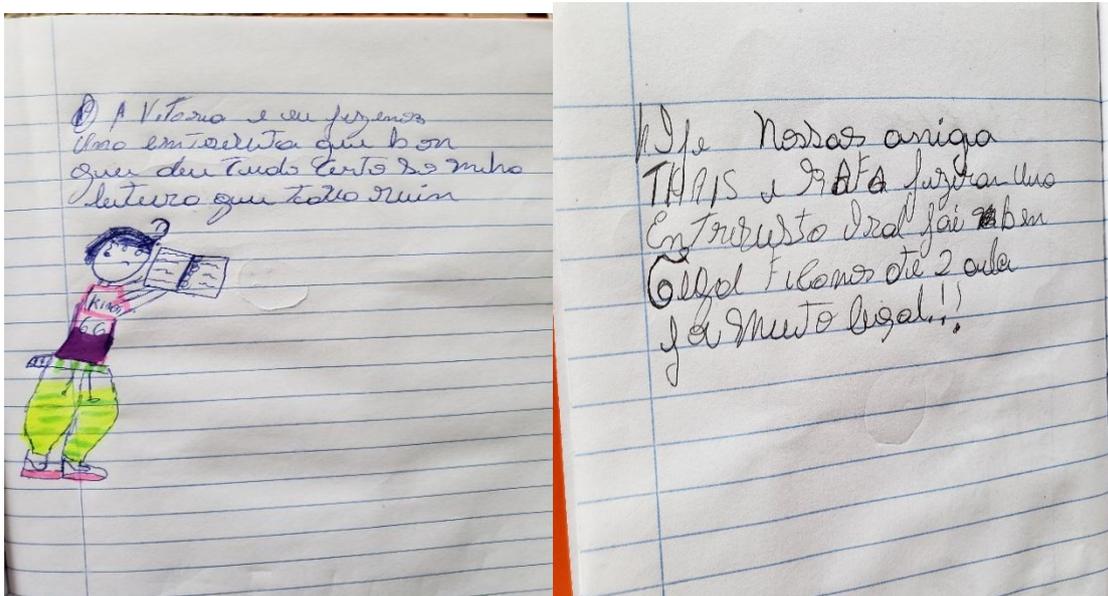
FONTE: Arquivo pessoal

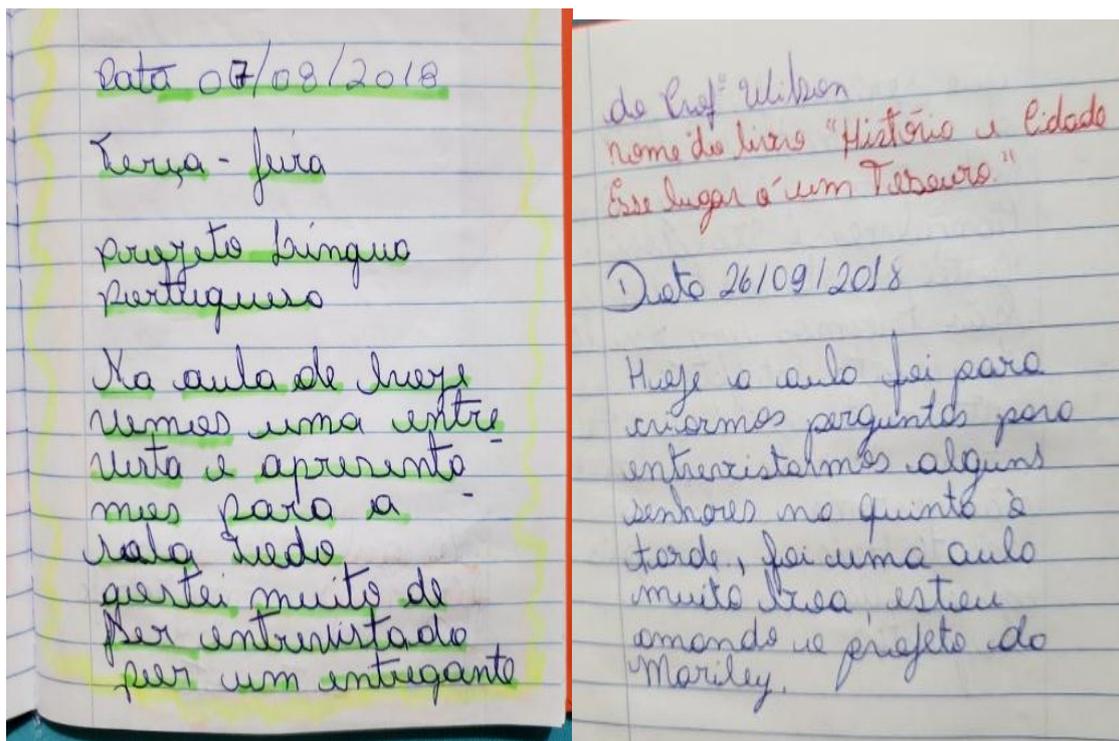
## ANEXO F – CORREÇÃO COLETIVA DOS TEXTOS FINAIS



FONTE: Arquivo pessoal.

## ANEXO G – ANOTAÇÕES NOS DIÁRIOS DE BORDO





FONTE: Arquivo pessoal.

#### ANEXO H – EVENTO DE DIVULGAÇÃO DO TRABALHO E PRODUTO FINAL – TARDE DE AUTÓGRAFOS





FONTE: Arquivo pessoal.

## ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA SALA

Entrevistado: Professor Wilson Januário da Silva

### **Como a família do senhor veio para Tesouro?**

- Eles vieram a pé gastaram 6 meses tanto o lado materno quanto o lado paterno, meus avós vieram nessas condições aqui, eles tinham que trabalhar em fazendas até chegar ao seu destino, minha mãe também veio de pé eles vieram assim, passando muito tempo eles chegaram aqui com aquela coragem para poder ganhar a vida, foi essa situação o sonho de enriquecer garimpando... vocês sabem como é o negócio né, lá tem muito diamante vamos pra lá logo, para enriquecer, lá em Tesouro, porque naquela época do nordeste o povo aceita muito gamo na região do nordeste do Brasil como agora foi a maior fome do nordeste então o povo daquela região todo mundo em toda a região formar pasto e fazenda, garimpo... inclusive o primeiro prefeito de Tesouro que é esse homem aqui (mostra no livro), chamado Epifânio Duarte Vilela, ele veio do Ceará correndo da fome ele veio a pé também mas a família dele chegou aqui foi trabalhar no garimpo e depois conseguiu ser eleito.

### **Você foi garimpeiro? Com que idade começou no garimpo e quanto tempo ficou por lá?**

- Sim; com 15 anos e fiquei por lá até os meus 19 anos, naquele tempo a maioria de nossos alunos era garimpeiro. Naquele período não tinha lei assim como tem hoje, lei das crianças e adolescentes, hoje você não pode trabalhar, tem que ir a escola, na minha idade você tinha que ajudar seus pais no garimpo se não fosse apanhava... depois que acabou o ensino médio ainda fiquei 2 anos lá no garimpo, depois que acabou o garimpo fui fazer faculdade inclusive para mim formar mesmo na época eu estava sem dinheiro o garimpo me ajudou, foi o que me ajudou a comprar terno, blazer e essas coisas.

### **Como se dava a relação entre patrões e garimpeiros?**

- O garimpeiro trabalhava, digamos assim... não tinha um salário fixo, ele trabalha 40% é do garimpeiro e 60% do patrão, o dono do garimpo dá alimentação, o garimpeiro trabalha se pega diamantes aí 40% do total é dividido pelos garimpeiros.

### **Conte-nos uma história trágica que aconteceu no garimpo?**

- Massacre de garimpeiros, massacre de Tesouro 1936 quando a polícia veio aqui e matou e enterrou 18 garimpeiros vivos, tá naquele cemitério em cima da pedra... tá escrito nesse livro isso foi há mais de 80 anos atrás. vocês vão ver porque aconteceu isso e as pessoas que eram para morrer não morreu nenhum, só morreu garimpeiros inocentes, também nesse livro está o conflito de Malbec e Carvalinho, foi conflito por causa de garimpo começou lá em Altaraguaia e veio terminar aqui em Tesouro em Bom jardim... foi esse esquema mas tem nesse livro aqui.

Nos anos 40 os garimpeiros veio da Bahia, dois irmãos foi trabalhar lá no garimpo do "Dain" de um poço que tem lá em baixo, eles pegaram muitos diamantes, era um barranco muito alto que eles estavam trabalhando em baixo dele ai eles voltaram lá e para levar o dinheiro para suas famílias, eles arrumaram tudo para irem embora de tardezinha mas um deles resolveu voltar para trabalhar mais um pouquinho e queria voltar de manhã cedo, quando ele foi para trabalhar, o barranco veio e cobriu os dois. Até hoje não se achou mais eles, foram enterrados com todo diamante que eles pegaram...

### **Teve alguma história que aconteceu no garimpo que foi bem engraçada?**

Têm várias, não lembro agora. Vocês podem olhar no meu livro.

### **Como é ser escritor, você se preparou para escrever seu livro?**

- Pois é, então, no primeiro livro eu saí a procura, na verdade quando eu estava escrevendo o livro, por simples fatos de eu ser garimpeiro, ter família pobre, por viver assim sem dinheiro, eu não sei se a comunidade estava acreditando em mim... tive muita dificuldade, a sociedade mesmo em si ela estava duvidando da minha capacidade, falava que eu era doido, que não ia conseguir nunca. Eu fiz um projeto lá em Cuiabá porque todo ano o governo do estado, ele tem um projeto cultural que ele dá verba para quem quer escrever um livro, fazer alguma coisa cultural como por exemplo a dança. Na época esse primeiro livro a Secretaria de Cultura me deu 12 mil reais para mim lançar este livro e fazer a festa de divulgação, tive apoio do governo e da sociedade e alguns garimpeiros que se deram bem na vida. Eu tô falando só os garimpeiros... mas Tesouro não foi fundado pelos garimpeiros ele foi fundado por um homem chamado João José de Moraes Cajango que ele veio de Goiás ele veio aqui para desmatar terras e criar gado essa história é até boa vocês ficarem sabendo, a história de Tesouro. Quando ele chegou aqui em Tesouro só tinha índio Bororo. Só que os índios falavam alguma coisa sobre mandi, e mandi na cultura indígena quer dizer diamante, pedra brilhante e ele foi entender porque eles falavam tanto em mandi, ai foi que os índios falou que viu uma pedra diferente das outras pedras que tem aqui em Tesouro e ele decidiu investigar isso. Junto com ele tinha um homem chamado João Cecílio, ele conhecia diamante quando a índia mostrou essa pedra... Sabe o que era? - um diamante! João era garimpeiro lá da Bahia quando ele viu que era diamante, ele resolveu perguntar para os índios e disse:

- Onde você pegou esse diamante?

- Foi ali no Cassununga.

Cajango fez uma **batei** ... Vocês sabem o que é batei? batei é... Parece uma bacia de madeira e João Cecílio foi lavar esse cascalho que os índios pegou. Esse diamante quando João Cecílio lavou o cascalho pegou tanto impressionado, eles voltou correndo pra Bahia para dar notícia que tinha achado. Por isso que Tesouro quer dizer uma coisa preciosa, ouro, muito valor, aí João disse assim:

- Gente cheguei em um lugar chamado Tesouro, lá é tão rico em tesouro mesmo ...

Aí os garimpeiros vinham para cá... Onde vocês vão? Estamos indo pra Tesouro... aí chegou aqui e foi achando diamante. Aí vocês sabem... a conversa espalhou de lá pra cá e a influência dos garimpeiros vim pra Tesouro. Aqui no meu livro tem a foto como era Tesouro naquela época. Aquela rua ali da Loja Calixto, antes a casa era tudo de palha, mas aí foi evoluindo. Então Tesouro não foi descoberto pelo garimpo, mas na verdade não foi pelo diamante e sim pelas terras. Foi João José Moraes Cajango... vocês sabiam que a família Cajango, família Vilela, Moraes e Luiz é uma família só? Era eles não aceitavam... Eles casavam entre eles mesmo para não repartir herança.

#### **Já aconteceu algum conflito por causa de diamante?**

- Aconteceu. Malbec e Carvalinho está aqui, depois eu vou contar uma história para vocês aqui. Esse aqui é José Malbec. José Malbec é pernambucano e o outro é paraense, os dois eram muitos amigos, só que esse governador aqui falou assim: todo garimpeiro deverá me pagar 20%, tipo assim, se você tem 100 reais de diamante 20 reais você tem que pagar a taxa e os garimpeiros não aceitava isso. O governador nomeou Carvalinho para ser delegado regional para poder prender garimpeiros que não pagasse a taxa. Malbec não sabia. Os dois foram para o Rio de Janeiro vender diamante e ficaram no mesmo quarto de hotel... assim no mesmo quarto com cama separada, quando chegou no Rio de Janeiro Malbec ficou sabendo lá que Carvalinho ia ser delegado regional. Malbec ficou insatisfeito ele se sentiu traído, tão traído como ele, ficou os garimpeiros e de lá para cá foi ficando inimigos, os dois ficaram inimigos, já não conversam mais... Vocês querem saber dessa história tem tudo aqui no livro. Então, os dois... Malbec foi preso lá em Poxoréo e Carvalinho fugiu para Jataí-GO e foi prefeito de Jataí. Outro conflito foi entre policiais e garimpeiros, chamado de chacina de 36, vou ler a história aqui no meu livro... (leu a história)

#### **Tem um novo livro chegando?**

- Tem... “O despertar de um bravo” nome do meu outro livro que retrata da vida do Manoelzinho cuiabano, ele foi um dos primeiros a chegar aqui em Tesouro, um dos primeiros de Marechal Rondon morava no Cassununga, foi o primeiro fazendeiro a ter uma escola rural aqui no município ele se preocupava muito com a educação, esse livro fala sobre Manoelzinho cuiabano e também fala muito de algumas coisa que eu não coloquei aqui nesse livro que não deu para colocar, então vou falar da primeira pessoa que chegou no morro da Santa Luzia foi em 1934 foram três jovens... vocês vão ver vai estar no livro eles subiram no morro chegou lá, já tinha a imagem da Santa Luzia... quando ele foi ver foi o garimpeiro que colocou, ele furou o olho e fez promessa a Santa Luzia, que curou ele e aí ele colocou a santa lá, isso para fazer promessa para a Santa Luzia, aí começou a peregrinação para o morro de Santa Luzia, que tem até hoje.

#### **Eu queria saber como foi sua infância aqui e a gente leu que você foi inspirado a escrever o livro pelo seu pai, ele contava muitas histórias para você?**

- A minha infância foi como a de vocês, só que eu era... não foi infância, naquela época vocês sabem que não era igual aqui, né? Hoje já tem transporte escolar, hoje tem ar condicionado. Porque naquela época tinha que trabalhar, tinha que estudar, só no oitavo ano reprovei dois anos. O primeiro ano mesmo, eu reprovei por causa de meio ponto de português, no segundo ano eu reprovei por causa de um ponto, fiquei com raiva daquele professor. Ainda bem que ele saiu daqui e não voltou mais, não conseguia olhar para ele, quando ele chegava na sala de aula, eu ficava assim ó, ficava tremendo.

#### **O senhor é professor de que?**

Sou professor de Biologia, Ciências Biológicas. Nessa escola ano passado dei aula de Sociologia, Filosofia, Biologia no Ensino Médio. Agora estou fazendo uma segunda Graduação, de História e Pós-graduando em História Moderna e Contemporânea e já sou Pós-Graduado em Educação ambiental.

#### **Que pessoas você indica para nós entrevistarmos para conhecermos mais a história de Tesouro?**

\_ A professora Valdecina, o padre (ele foi garimpeiro, vocês sabiam?) (NÃO), tem muitas pessoas aqui que são cheias de histórias... O Sr. Aldemir Magalhães, a Dona Baiana (Maria Neves), mãe do Guilhermando, o José Morães, o Pedro Taveira, esse pessoal mais idoso, não sei se eles têm ainda paciência...

**Glenda:** Em nome da turma do oitavo ano, eu quero agradecer ao Senhor por ter aceitado o convite, desejamos sucesso não só na sua carreira de escritor como de professor. Com certeza aprendemos muito hoje com sua palestra e entrevista. Muito obrigada!

**Wilson:** Eu que agradeço, me sinto elogiado por ser lembrado e do meu livro também, já dei entrevista para a TV Centro América, fiz uma matéria para o site do G1... isso aí começou do nada e vai crescendo... quero agradecer a vocês também, por estar aqui, ano passado dei aula para o oitavo ano nessa escola, tenho muita afinidade com meus alunos, gosto de brincar e quero pedir a vocês que se empenhem bastante nos estudos, a educação é a base de tudo. Não desistir, lutar sempre por seus ideais. A história de Tesouro é muito rica, muito bonita. Muitos garimpeiros conseguiram mandar seus filhos pra fora para estudar, outros que foram garimpeiros, como eu, se formaram, conseguiram ser alguém na vida, através do diamante. Hoje vocês têm toda facilidade para estudar, livros de graça, estrutura. Muito obrigado! Vou deixar aqui com a professora Mariley cinco livros meu para ser doado a vocês.

**Entrevistada: Valdecina Ferreira de Souza Moreno**

“Queridos alunos, Bom dia! É um prazer enorme estar aqui hoje junto com vocês... a gente aposentada, fica sempre em casa, meio esquecida, aí de repente, vem um convite desses... a gente fica muito alegre”.

**1. Sou o Heitor... Professora, como foi a vinda de seu pai da Bahia para Tesouro?**

- É interessante ele tinha 18 anos de idade, quando veio da Bahia. Naquele tempo lá era um lugar como muitos lugares lá na Bahia lá é lugar de seca, falou seca, *você* já viu onde tem seca o que acontece, a vida se torna difícil, e foi o que aconteceu comigo. Ficou lá a família que muitas vezes não tinha o que comer porque como ia plantar sem ter o que molhar, todos conhece a história da Bahia determinadas parte como são. Eles contavam pra nós que muitas vezes. Ele falava, olha minha mãe eu não tenho como ficar aqui, não tem mais condição... eu vou pra Mato Grosso. Aí surgiu a história de que no garimpo tinha muito diamante. E com a mochila nas costas saiu da Bahia a pé, naquele tempo para vim da Bahia não tinha como, não tinha condução naquela época, ou eles pegavam carona pau-de-arara outra hora ele vinha a pé e parava na estrada. Ele tinha 18 anos de idade na época ele chegou aqui e foi parar nesse lugar inclusive era um lugar alugado pelo Governo, está sentado em cima de uma pedreira de Poxoréo no Rio das Pontas, eu tinha essa foto aqui de 1924, ele guardou essa foto, então dessa forma que ele ia pela necessidade que ele tinha. Ele tinha necessidade de vim e a família toda ficou na Bahia e mais ainda que ele dizia para nós, eu vou e vou na intenção de um dia eu voltar aqui e levar toda a minha família para onde encontrar recursos, encontrar uma vida digna para dá a minha família e indo. Ele veio em 1918 quando foi em 1944 eu tinha tudo e tenho foto ele foi e voltou para Bahia para buscar o povo dele, eles vieram quase 30 pessoas a pé inclusive aqui tem 2 sobreviventes que vieram da Bahia, quem quiser entrevistar porque já fica em aberto para entrevistar é a Diva, a mãe do Don Don, ela é minha prima ela veio e o pai trouxe a Ornelina, também veio a pé da Bahia.

**2. Sou a Rafaela. Apesar de termos lido seu livro fale um pouco mais sobre ele? Sobre o título?**

- É... sobre o título, eu vou dizer porque coloquei esse nome “Uma Rosa Entre Espinhos”... Porque para mim em particular a rosa é uma das flores mais lindas do mundo, quando eu vejo uma rosa eu já paro não sei por que ficou isso na minha cabeça com certeza eu tinha que fazer uma história e colocar esse título. Você sabe que tudo tem sua rosa entre espinhos como em todo decorrer da história vocês podem ver que existiu essa rosa e ela desabrochou, um dia ela mocho e os espinhos foram aparecendo com forme diz a história então eu quis nomear a essa história como rosa entre espinhos porque a rosa é uma flor maravilhosa, para mim foi um palco de maravilhas de um lugar onde eu achava que não existia nada de ruim tudo era bom depois foram aparecendo uma coisinha daqui outra daqui os espinhos foram encostando onde eu adquiri a idade brotava era uma rosa mais uma rosa entre espinho muitas coisas foram maravilha. E nomeia a fazenda Tesourinho e hoje lá pertence à família, inclusive doei para todos os meus sobrinhos, cada um tem um pedacinho de terra. Adquirimos de volta e hoje minha casa vai ficar pronta... não tenho presa é pra família.

**3. Sou a Ana Clara Leão. Por que você estudou em Guiratinga e não aqui em Tesouro? Aqui não tinha escola?**

Tinha só até a quarta série e antes de você ir pra fora você tinha que fazer um cursinho chamava-se exame de administração. Meu sonho era ser professora e na época tinha sempre um lugar. Aí eu fui pra lá porque aqui não tinha. Lá eu fiz o primeiro Grau, agora tem até o terceiro ano... a Raimunda e eu estudamos 4 anos juntas no primeiro Grau. Naquela época não falava primeiro Grau Normal era o primeiro Ciclo. Você tinha que fazer Admissão pra ir pro ginásio, então a gente estudava ali da mesma forma lá internato Salesiana tinha uma varanda eu que tomava conta de lá cada uma tinha sua tarefa depois do café da manhã uma ia limpar a sala de aula outra o pátio e o meu serviço a vida toda era a varanda eu e uma colega minha. Não sei se ela vive hoje. Naquela época eu tinha 18 anos de idade hoje eu tenho 72 anos, Mas é uns 72 anos bem vivido, graças a Deus... É com muita força, com muita luta, mas estou de pé, graça a Deus que me sustenta... então até o piso é o mesmo, lá era o colégio Dom Aquino. Na época que eu estudei lá, nós eram em 86 alunos inclusive em Barra do Garças encontrei uma amiga minha esses dias, uma colega da época que eu... que eu... estudei até uma um tempo, vocês quiser até uma hora ir visitar lá é histórico.

**4. Meu nome é Thiago tem como à senhora nos contar uma lenda daquela época?**

Contar uma lenda... Eu posso constar uma lenda, porque os garimpeiros é muitos cheios de histórias. Logo depois da Casa Grande tem uma curva e ali se chama Apertado da Hora, lá tem uma Serrinha e uma Grotinha,, é um lugar bem estreito aí quando a gente passava diz que tacava coisas... Sabugo de Milho, pedra. Como na época não tinha carro, a agente passava montado a cavalo ou de a pé. Então, ali recebeu o nome de “Apertado da Hora” por causa disso. Eu tinha uma foto de lá, inclusive eu até pensei em trazer os 33 pontos históricos mais aí eu pensei... mais não vai dar tempo. Vou contar melhor essa história quando chegavam a noite os garimpeiros falavam pra não passar lá de noite porque você ia ver coisas, se você passasse era um desastre... jogavam milho, tudo quanto é coisa te jogavam. Si você passasse montado a cavalo, disse que montava uma coisa na garupa e quanto mais você corria mais ele grudava. E não soltava mais.

**5. Mas é verdade mesmo?**

Era o que eu ouvia dizer, eles contavam... não passa no apertado da hora de noite. Se você passasse você ia ver qualquer coisa ou pedra rolando ou alguma coisa você ia ver.

#### **6. Meu nome é Bia alguém já passou e viu pra contar?**

Lenda você sabe... eles cotam, lenda é uma coisa, como diz... é uma coisa que niquem viu mais conta que é uma realidade, também falava que ali na casa tinha uma enorme cobra eu comprei lá e inclusive eu tinha todas as fotos de lá, quando eu reformei lá, tinha sempre uma cobra enorme lá, agora muita gente diz que já viu essa cobra lá.

Esses dias eu vi uma cobra enrolada em um cachorrinho eu fiquei desesperada e eu fui encima dela pequei um pau comecei socar nela e o pau estava podre quebrou e o cachorrinho se estrebuchando quase morrendo eu fui e pequei outro pau comecei a socar nela ai eu pequei e cai ai a menina pegou e gritou - Ela vai te morde sai daí ai. – Aí eu falei ela não vai porque ela tá enrolada no cachorro aí eu batendo, batendo, até que ela soltou. Mais ela era dessa grossura... (mostra com as mãos)

Então... é esse tipo de coisa que ele conta, mas eles cotavam né um medo sabe. Então tem muita coisa inclusive eu estou querendo lançar o segundo livro só estou esperando a oportunidade para ver se eu consigo lançar. Esse segundo livro, inclusive o nome dele é “Nas trajetórias da vida”, eu comecei a escrever em 2001 a 2015. Uma Rosa entre espinhos, eu tenho muitas fotos, muita coisa sobre isso daí.

#### **7. Meu nome é Audrey você foi a primeira professora de Tesouro a entrar na Universidade e como foi?**

Não, eu não fui a primeira a entrar na universidade, vou voltar a história desde começo da história do meu pai. Meu pai criou um sobrinho chamava Deoclesiano, hoje ele vai fazer 91 anos de vida ele mora em Barra do Garça ele foi o 1º dentista de Tesouro ele fez um trabalho, até hoje eu tenho uma obturação que foi ele que fez mais ele saiu do posto pra ter sua clínica e ele fez essa obturação há 15 anos, porque meu dentes são todos naturais só um que tinha uma broquinha que ele falou bem assim pra min. – você não vai ficar com essa broca no dente, vem cá eu vou fazer uma perereca.(risos) é verdade, o nome era perereca. Hoje é prótese, mas naquela época era perereca. Então ele foi o primeiro dentista formado de Tesouro e eu e a Raimunda fomos as primeiras professoras a ser formada em professoras da família e muitas outras mais da família, só foi eu e ela mais agora a primeira professora formada aqui em Tesouro foi eu. Tinha muitas professoras boas competentes a professora Ezília era uma delas tinha uma letra maravilhosa a dona Branca que faleceu esses dias, tem mais tem mais não vou falar são muitas.

#### **8. Meu nome é Audrey como foi entrar na Universidade Federal?**

Foi até interessante essa história mudei pra Cuiabá tinha esse sonho de ser professora eu me casei lá, eu morei 25 anos uma determinada época meu esposo vinha cá e eu lá ele queria mexer com garimpo e eu não deixei, ele queria vim pra cá e ele veio. Aí eu vim pra cá e fiquei e ele sempre querendo que eu fizesse faculdade e eu fiz o 1 ciclo quando eu fiz lá em Cuiabá. Aí eu vim pra cá e ele sempre pegando no meu pé pra mim fazer faculdade, ai eu fiquei meia assim né, ai eu falei eu não quero estudar eu já fiz o primeiro grau, ai ele falou você vai fazer, aí depois eu pensei e vi que eu ia fazer mais eu não falei nada pra ele né . Ai quando ia ter vestibular ele ia correndo me avisar... Eu fui morar em Cuiabá em 65 e só comecei faculdade em 82 então é muito tempo e eu sempre enrolando, aí nos foi pra Cuiabá e bem nessa data tinha um vestibular então ele foi lá e me inscreveu. Aí eu fiz primeira opção que era engenharia ai eu pensei...gosto mesmo é de ser professora, gosto não se discute, né? aí eu peguei, eu fui fazer faculdade de professora que era o meu gosto. Passei, mais foi uma luta porque era muito longe e aí tinha que pegar ônibus... Graças a Deus preparou um carrinho pra nós, a desculpa e o carro aí ele falou hoje você passa lá no meu serviço. Ai eu sai e passei lá ai eu falei o que você quer? eu ti chamei porque o menino não veio e é pra você ficar aqui, aí quando pensar que não, chega um carrinho da Alta Escola e buzinou, aí ele corre ,corre e pegue a chave do seu carro .Então ele me ajudou bastante. Quando eu conto essas histórias assim... eu falo, teve muitas provas muitas lutas, ele era um companheiro nota 10 faculdade, carteira de trabalho Graça a ele que me incentivou.

#### **9. Meu nome é Rondielly... Fale um pouco da fazenda Tesourinho.**

Nossa! Agora você me pegou... a fazenda Tesourinho foi um sonho, eu não nasci na fazenda Tesourinho foi no “Pião”, ainda não tinha a fazenda ali... aí como o meu pai tinha aquele sonho de trazer toda sua família da Bahia aí surgiu aquele pedacinho de terra a fazenda Tesourinho com a área de 124 ectarias então ele comprou. Hoje a casa minha, foi da minha irmã que morreu eu dei a fazenda pro meu irmão e a outra metade pra minha irmã só que ela morreu e nós teve que entrar em um acordo. Em 1975 a maioria que ele trouxe da Bahia ficou lá... gente, se for contar pra vocês da fazenda Tesourinho... esse dia eu fui lá fazer uma visitinha. Quando nos vinha de lá do Córrego da Loura de a pé, eu, minha irmã e meu irmão, durante três anos... esses anos foram os melhores da minha vida. Lá no livro conta que cada mulher tinha o seu ofício, ficou assim gravado em uma parte da história. Ali foi o começo de muita alegria uma família maravilhosa era a Ferreira, tinha esse respeito era muito bom... quando meu pai morreu a fazenda foi vendida, aí eu não queria que vendesse eu vivi 25 anos maravilhosos. Voltei pra cá novamente meu esposo já tinha morrido, depois de 10 anos que eu estou aqui, a casa estava caindo aos pedaços, então eu consegui a fazenda Tesourinho de volta e reformei a casa né, montei um museu com muitas peças de pessoas da família ,inclusive eu tenho um pote, tenho ainda uma talha, que antecedeu o filtro,

porque antes tem a cabaça, a moringa, o pote e a talha, ela é inteira com torneirinha... Tenho uma relíquia, a jaqueta que meu pai usou em 1938 e tocou o carnaval em Cuiabá, ele era o terceiro pistonista da banda que tinha aqui em Tesouro, a Banda Filarmônica 13 de maio (mostra uma foto do pai na banda com o piston e a jaqueta que ele usou em 1938)...**ouve muitos murmurinhos na sala...(Algum aluno diz: Caráca, mano, que manero...tá muito conservada, e parece de policial)**

Tem coisas que se eu for contar do garimpo... meu pai era garimpeiro, ele fez o rego da água durante seis meses do Córrego da Loura, que hoje é a água do assentamento Córrego da Loura, inclusive eu estou com essa água, que meu próprio pai fez o rego, eu hoje uso daquela água, eu trago água de lá pra mim beber. Quando meu pai abriu esse rego eu tinha dois anos de idade. Hoje estou construindo a casa encima do alicerce da casa da minha avó, que faleceu com 96 anos... eu estou deixando com a mesmas características.

#### **10. Meu nome é Thais como foi realizar o sonho de ter a fazenda Tesourinho de volta?**

Foi o que eu acabei de dizer... eu fui embora pra Cuiabá e está escrito como foi de montar o Centro Histórico, então aquilo ficou na minha cabeça as andanças de lá pra cá agente trazia uma leiteira de leite pra fazer a merenda e a agente e meu pai sempre dizia sempre, eu quero que estude de manhã porque a tarde era muito quente. Então partindo daí, tive uma vida maravilhosa que eu tive minha vó morreu no quarto que eu durmo lá. Muita gente nem sabe que lá se chama fazenda Tesourinho e nem sabe, é ...conhecida de “Córrego da Loura”, aí a partir daquilo eu lembro de quando eu e minhas amigas brincavam de bonecas. Eu tenho uma pasta de brincadeiras, com todas as brincadeiras que nós brincávamos naquela época... cozinhar no fogão que minha mãe me ensinou a cozinhar, no fogão de lenha, tenho muito orgulho da minha família e tá contando tudo isso... ter a fazenda de volta... Meu irmão de 91anos descobriu uma cachoeira onde as mulheres tomavam banho e lavava roupa, chama poço do tio cada uma tinha um ofício eu ajudava minha mãe e minha mãe ajudava os outros e foi por causa dessa simplicidade.

#### **11. Meu nome é Beatriz, é muito bom ter a senhora aqui... a senhora tinha o museu qual era o nome dele.**

Foi na intenção de resgatar a história. Eu fui a São Paulo atrás de uma família perdida e achei... se eu for contar pra vocês como foi. Eu tenho escrito como foi a ideia. Por causa disso que o “Centro Histórico Cultural Melchiades Ferreira Lima” (nome do meu pai), foi criado porque o centro histórico não é assim um museu por causa do nome dele, é pra resgatar a história da família, ele funcionou de 2001 a 2015. Muito tempo de luta de sofrimento, muito sacrifício porque eu morava aqui e tinha que ir pra lá, estava estragando tudo, aí eu desisti. Hoje lá é o Centro Histórico da família.

#### **12. Meu nome é Júnior, nos conte uma história de garimpeiro?**

Meu pai tinha um cachorro e meu pai vendia diamante e ele pegava esse diamante e colocava dentro do picuá era uma vasilhinha de guardar diamantes... e ele pegava e colocava o picuá no chão, aí ele falava sentido para o cachorro que ficava em sentido. Aí meu pai falava quem conseguir pegar esse picuá é dono de todos os diamantes que estão dentro. O cachorro não deixava niquem triscar... ele era um cachorro bem adestrado.

#### **12. Meu nome e Vitória, a última pergunta conta um pouco mais sobre o seu segundo livro a ser lançado e quem a senhora indica pra nós entrevistar?**

É eu já falei que tá prontinho só a falta a oportunidade de passar pelo mesmo processo do outro.

#### **A senhora tem mais histórias pra contar pra gente?**

La perto de casa tinha um rio, meu irmão Valdomiro, ele chegou correndo falando que ia matar uma cobra catou essa espingardinha e foi matar essa cobra, ele gritou que tinha um enorme chocalho e eu voltei correndo, quando chega lá ele falou: eu matei a cobra.

Vou contar uma pior... o meu pai tinha uma rosinha do outro lado do rio e tinha chovido o rio estava meio cheio não estava muito, ai minha irmã já tinha atravessado eu sempre fui, mais medrosa, aí ele falou monta nas minhas costas, na hora que eu montei ele abaixou e minha irmã gritando: não faz isso! me afogando... quase me matou afogada, ele enfiando minha cabeça na água. Mas ele quase apanhou, mas na hora que eu sai ele levou muita pedrada. Adolescente é bom porque tem uma vivacidade, uma energia.

#### **13. Mariley. Vocês vinham a pé para cá para estudar, eu queria que você constasse um pouco de como você vinha da fazenda até aqui.**

Sim a gente trazia a vasilha de leite pra tia fazer uma merenda pra nós, era uma escola particular... e também no externato. São sete quilômetros até a frente da escola, a gente vinha de lá a pé todos os dias pra estudar e era brincando. Na época da fruta a agente vinha comendo. Eu sempre fui mole, toda vida eles vinham brincando de esconde esconde etc. mas teve uma vez eu chegando entrei dentro de casa quase morrendo de cansada, minha mãe disse: da próxima vez que você chegar assim, você sabe a surra que você vai levar. Hoje, os alunos tem transporte escolar e não querem ir pra escola...

**Fala da professora Mariley:** -Professora Valdecina de 2001 pra cá, quando foi lançado o seu livro tem muito tempo, até eu tinha esquecido, devido ao projeto e tudo mais agora, aí eu reli seu livro e tem muita coisa que eu não lembrava, aí eu fiquei feliz porque tem o nome do meu pai e ele foi muito amigo do meu pai, tem uma página onde você cita amigos do meu pai e lá está o nome do meu pai. E também o meu, do meu marido, meu irmão e as pessoas que te apoiaram no decorrer da escrita do seu livro. Lá diz muitas pessoas contribuíram no decorrer do

resgate da Bela Rosa e cita o nome da s pessoa né: André, Tutinha Terezinha, doutor Luiz, Luciana, Simião, Mariley e outros, então é muito bom, e assim fica pra história.

**Valdecina:** Sim, seu pai e o meu foram muito amigos, vieram da Bahia, foram garimpeiros e depois compradores de diamante e fazendeiros... muitas coisas em comum. No final também eu falo muito dos meus alunos e no fim eu escrevi aquela música do Tesourinho. Eu adorava cantar a música “Terra de Rondon” com meus alunos. Então, **a História é dinâmica. Estava estática, porém, no momento em que você leu e lembrou, ela deixa de ser estática, ficou dinâmica. Por isso, esse trabalho é de uma importância muito grande, porque está resgatando novamente nossa história.**

Outra coisa interessante era que lá da fazenda Tesourinho eles ou nós, sabiam quando nasciam uma criança em Tesouro, vou contar a vocês, gente muito interessante isso... era costume das Baianas! lá tinha umas prima e todas elas tiveram muitos filhos, uma teve 11,12 e 16 e nós quando uma ficava grávida não tinha ultrassom não tinha nada mas nós vínhamos para Tesouro era 11 horas, até que nós escutamos o povo dizer que ela já estava passando mal. Quando a gente ia descendo escutamos dois foguetes, quando soltava 2 era menina e quando soltava 3 era menino... todos os que nasceram passaram por esse processo. Lá na fazenda tinha um curral, lá tem um irmãozinho enterrado! Em uma caixa de sapato então, a gente vendo aquele movimento da minha tia pessoas correndo no quarto meu pai saiu daquele quarto abaixou porque a gente era pequeno, eu sempre fui medrosa, mas conversadeira e disse:

- Ai que coisinha bonitinha, é um bebezinho né pai? dá ele para nós brincar.

- Minha filha ele morreu.

Aí que nós caiu a ficha que ele morreu, era tão pequeno mas perfeito, isso era o espinho. Que falo no título do livro.

#### **15. Thaís. Tinha uma história que sua mãe deu uns tiros?**

Eu tinha uma banda de música, tocava acordeão e aí a gente cantava música ao luar, eu e três amigas, primas... e aí minha mãe gostava demais de ver eu tocando e cantando, aí nós pegou e foi tocar... ela dava liberdade para nós tocar, aí nós ficamos na calçada da fazenda Tesourinho e começamos a tocar e eu cantar, como se estivesse disfarçada da música sabe, aí minha mãe pegou o revólver 44 e atirou pro auto. Mas foi de felicidade... como se estivesse nos aplaudindo... (risos) Levamos um susto grande, corremos e escondemos embaixo da mesa... então minha mãe diz:- de tanta felicidade resolvi atirar! Rimos muito...

Teve uma vez que a gente banhou no rio tanto, mas tanto aí teve uma hora que fui pescar e joguei o anzol no meu irmão, que ficou dependurado, aí meu primo foi lá e tirou, quando chegamos em casa contamos pra mãe, ela falou que da próxima vez ela me bate.

#### **15. Meu nome é Ana Clara Leão tem uma rua na cidade com o nome de seu pai, como se sente?**

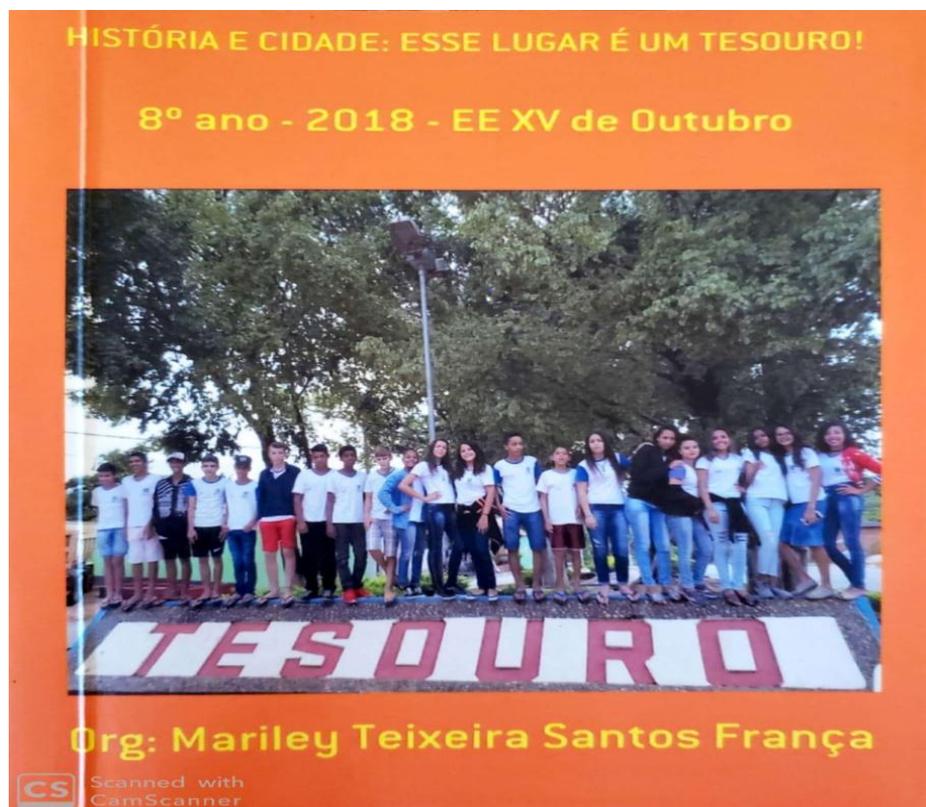
Orgulhosa, claro. É a Rua Melchiades Ferreira. Lima. Então, foi porque o meu pai fez alguma coisa, é um orgulho porque em Tesouro tem muitos Ferreira. Meu pai ajudava muito as famílias de Tesouro, todo muito que pedia ajuda ele ajudava então ele foi homenageado tendo uma rua com o nome dele.

#### **16. Glenda. PROFESSORA, OBRIGADA POR QUERER PARTICIPAR DO NOSSO PROJETO. FOI UMA HONRA E UMA AULA INESQUECÍVEL. OBRIGADA.**

**VALDECINA:** Eu que agradeço, esse dia ficará marcado em minha vida, nunca vou esquecer.

**Quero parabenizar a professora Mariley, que está fazendo esse trabalho, que estou vendo, é de muita importância. Fico feliz porque está resgatando novamente a nossa história e a gente está disposta a ajudar.**

## ANEXO J – PRODUTO FINAL: LIVRO - HISTÓRIA E CIDADE: ESSE LUGAR É UM TESOURO!



### APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado do Projeto de Intervenção Pedagógica Gênero Entrevista: conhecendo a cidade de Tesouro – MT segundo o olhar de seus moradores, apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras / Unemat – Cáceres – MT, realizado com os alunos do 8º ano, da Escola Estadual XV de Outubro, sob a orientação do professor Dr. José Leonildo Lima.

O baixo índice de aproveitamento em produções de textos da maioria dos alunos nas séries finais do Ensino Fundamental é grande. Isso decorre, em parte, da falta do hábito da leitura como também da maneira como ainda são trabalhadas as produções textuais. Tendo o desafio de garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo escolar adequado, surge este projeto, que, por meio do gênero entrevista, tem como objetivo desenvolver as competências linguísticas e discursivas dos alunos.

Assim, contribuímos com a produção de leitura e de escrita dos alunos com o desenvolvimento do projeto que foi organizado através de etapas que seguiram uma metodologia livre, com leituras, pesquisas, análise de diversos tipos de entrevistas, aulas de campo, vídeos, palestras, produções de textos, assistir e ler entrevistas veiculadas na TV, em revistas, blogs, jornais e rádios, com a finalidade de levar os alunos a conhecer o gênero, sua constituição e funcionamento.

É de suma importância trabalhar a leitura e a escrita, de forma que desperte o prazer nos alunos, explorando a oralidade, e nos momentos oportunos refletir sobre as regras gramaticais dentro das produções de seus próprios textos escritos. Para esse fim, utilizamos o gênero textual entrevista, trazendo uma importante interação com a comunidade, utilizando os espaços, que não o escolar, e planejando situações nas quais os conhecimentos linguísticos e discursivos com os quais o sujeito opera nas práticas sociais, mediadas pela linguagem, resultem em sua finalidade maior que é o ensino.

Por fim, com as pesquisas realizadas e os relatos e histórias dos entrevistados, os alunos fizeram a retextualização da fala para a escrita e escreveram narrativas que contam suas histórias e a história do município de Tesouro, e dessa forma, puderam conhecer, visitar e registrar as memórias relatadas por seus moradores para compor esse livro “História e Cidade: esse lugar é um Tesouro!”.

Aos alunos minha gratidão por aceitarem o desafio de participarem desse projeto. Sinto-me honrada em apresentar aqui os textos criados por eles, a partir de pesquisas e das entrevistas realizadas. Este é o resultado de meses de trabalho árduo de ambas as partes, porém maravilhoso. Um caloroso abraço e boa leitura!

*Professora Mariley Teixeira S. França*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, por nos capacitar e dar forças para realização deste trabalho.

Aos queridos alunos, minha gratidão por não medirem esforços para o desenvolvimento deste projeto e sempre me receberem com um sorriso no rosto.

A diretora da escola XV de Outubro Ana Paula Ribeiro Messias, pelo apoio total e incentivo.

A Coordenadora Daniele Soares Lima Torres pelo incentivo de sempre e especial ajuda com os alunos e pais a fim do sucesso desse trabalho.

A todos os professores e funcionários da escola, que colaboraram direta ou indiretamente para o desenvolvimento das atividades.

Aos professores de geografia, Mídiã Ferreira Góes e de história, Agnaldo Sodré que aceitaram prontamente em participar comigo deste projeto, trabalhando interdisciplinar através de pesquisas com os alunos para coleta de dados sobre o município.

Em especial, à professora Áurea Batista Neta Oliveira, professora regente da turma que muito me ajudou: com os alunos, na diagramação do livro e com incentivos nas horas difíceis usando sua frase inesquecível: “Vai dar certo!”.

A professora Dra. Sandra Raquel Cabral Hayashida que ministrou a disciplina de Ensino da Escrita, Didatização e Avaliação e generosamente ajudou-me a pensar o projeto e colocar no papel toda a ideia, do início ao fim, minha eterna gratidão.

Às coordenadoras do Mestrado Profissional em Letras – Profletras/ Unemat – Cáceres, Prof<sup>as</sup>. Dra. Vera Regina M. e Silva e Prof<sup>a</sup>. Dra. Maristela Cury Sarian, que sempre acreditou em nosso trabalho e apoiou nas horas difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Leonildo Lima, por ter me auxiliado e orientado no decorrer de todo o processo.

Aos entrevistados: Wilson, Valdecina, Valdomiro, Eudes, Arleny, Guilherme, Dimas, Lourivaldo, Valter, Tutinha, João Ayres, Gelmary, Jovanildo, Jonas, José Moraes, Dona Maria, Almerindo, Aldemir Magalhães e Padre Wender que muito contribuíram com suas histórias para a realização desse trabalho.

À SEDUC, que me concedeu a licença para qualificação profissional.

Aos meus filhos Leonardo Teixeira França e Lorenza Teixeira França, pelo apoio, incentivo e compreensão nos momentos difíceis.

Ao meu esposo, Simião dos Santos França, pela grande paciência, tolerância, compreensão, colaboração e estímulo.

Aos meus irmãos Marízia Teixeira dos Santos e Jonaldo Teixeira dos Santos, que me apoiaram em todos os sentidos, inclusive financeiramente.

Ao meu pai Jonas Santos Silva, que me ajudou sempre com suas orações e dizia: “Não se esquece de vir me dizer que vai viajar para estudar, porque fico orando por você até que retorne”.

A minha mãe Iracy Teixeira da Silva (em memória), minha maior incentivadora, heroína e orgulho em toda a vida.

## **ALUNOS DO 8º ANO**

ANA CAROLYNA MOURA DOS REIS

ANA CLARA FERREIRA LEÃO

ANA CLARA SOUZA RIBEIRO SILVA

AUDREY BEATRIZ OLIVEIRA ROCHA

BEATRIZ FERREIRA SILVA

CARLOS LEONARDO RODRIGUES SILVA

CAUÃ GARCIA PINTO

CRISTYAN DA SILVA MORAES

DANIELLE DE FREITAS CASTRO

DHENIFFER NAIELLE RIBEIRO

FELIPPE DE CASTRO LEÃO

GABRIEL MARTINS DE LIMA

GABRIEL SILVA COSTA

GLENDA JAYNE ALVARENGA SOUZA

HEITOR AMORIM CAMPOS

JOAMIR RODRIGUES REZENDE JÚNIOR

LEOMARCOS ROCHA JANUÁRIO DA CRUZ

LUAN HENRIQUE FERNANDES

LUAN RODRIGUES GONÇALVES

RAFAELA DA SILVA SANTOS

RAHI SILVA DALLA COSTA

RONDYELLY PEREIRA DA SILVA CAMPOS

THAÍS FERNANDA GUIMARÃES BARBOSA

THIAGO DA SILVA SANTOS

VITÓRIA CAROLINY MORAES BARBOSA

## CAPÍTULO 1

### HISTÓRIA DE FUNDAÇÃO

A região onde se localiza o município de Tesouro era ocupado pelos índios bororos e o homem branco, antes da colonização. O grande sertanista Antônio Cândido de Carvalho que era um Bandeirante vocacionado, tornou-se amigo do povo indígena da nação bororo que o ajudou na sua jornada ao desconhecido Sertão do Leste de Mato Grosso.

Por volta de 1897, Cândido esteve nessa região, mas não ficou por muito tempo, mesmo assim atraiu para esta região seringueiros, fazendeiros e garimpeiros.

Na década de 1980, Cajango mudou-se para uma fazenda nas Cabeceiras do Rio Garças e sonhou em descobrir uma jazida diamantífera que aumentaria a receita de sua fazenda. Em 1909 Cajango recebeu algumas orientações de um índio chamado de André. Combinaram uma expedição para o Rio Cassununga, essa expedição foi constituída por várias pessoas.

Quando estava a ponto de desistir ocorreu uma coisa curiosa Joana Francisca uma das pessoas que foram na expedição lavava os pratos e utilizou um prato para cavar o cascalho que aparecia no riacho achou umas pedras com um brilho maior, era diamante.

Os primeiros diamantes foram negociados a troco de comida por Cezilos que foi vender seus diamantes em Cuiabá, mas foi preso pela polícia cuiabana suspeito de ter roubado os diamantes, um tempo depois foi libertado e Cezilos conseguiu vender os diamantes por um conto e trezentos mil reais. A procura de diamantes aumentou progressivamente com a vinda de garimpeiros. Surgindo assim a corrutela de Tesouro.

O garimpo não foi o único meio de sobrevivência, existindo paralelamente a pecuária e a agricultura, cultivavam milho, arroz, mandioca e a cana-de-açúcar. “A povoação prosperou. Até que em 1953 pela lei nº 664 de 10 de dezembro de 1953 de iniciativa do então Deputado Clóvis Hugney, foi desmembrado no município de Lajeado, atual Guiratinga no Mandato do prefeito Dr. Humberto Marcílio e incorporando-se como mais uma célula do Estado de Mato Grosso” (Plano Municipal Tesouro 2018).

Heitor, Felipe, Ana Clara Souza e Rondyelly

### ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Denominação dos habitantes- Tesourenses

População: 3.682 habitantes (Estimativa IBGE/2018)

Eleitores: 2.540(09/2018)

Distrito: Batovi.

Limites: General Carneiro, Guiratinga, Poxoréu e Pontal do Araguaia.

Extensão Territorial: 4.206,06 km<sup>2</sup>.

Localização Geográfica: Mesorregião do Sudeste Mato-Grossense, Microrregião de Tesouro.

Relevo: Depressão Araguaia, calha do Rio Garças.

Formação geológica: Cobertura não dobradas do fanerozóico. sub-bacia ocidental da Bacia do Paraná.

Solo: Cambissolo (Cambissolo Tb álico A moderado textura média, relevo suave ondulado).

Bacia Hidrográfica: Grandes bacias do Prata e Tocantins.

Clima: Tropical quente e úmido. Precipitação anual de 1.750 mm, com intensidade máxima em dezembro, janeiro e fevereiro. Temperatura média anual de 24 °C, sendo maior máxima 40 °C, e menor mínima 0°C.

Principais Atividades Econômicas: Agricultura (soja e milho), Pecuária (com grande número de gado de cria e corte)

Altitude: 408 metros de altitude.

Coordenadas geográficas decimais: Latitude: -16.0786, longitude: -53.5563.

Coordenadas sexagesimais: Latitude 16, 4,43 Sul Longitude: 53 33,23 Oeste.

Heitor, Felipe, Ana Clara Souza e Rondyelly

## **ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL**

O povoado de Tesouro passou a ser sede do município, através da Lei de autoria do Deputado Estadual Clovis Hugney, de 10 de dezembro de 1953, ficando como prefeito interino por um ano o Senhor José Nelson que foi escolhido pelo juiz da Comarca de Guiratinga por ser o juiz de paz.

1º José Nelson (nomeado)

De 28/01/1954 até 06/02/1955

2º Epifânio Duarte (PSD)

Vice: Carisvaldes Cabral

De 1955 até 1959

3º Milton Lopes (PTB-PSD)

Vice: Justiniano Carvalho Moreno

De 1959 até 1963

4º José Ferreira Leite (PSD)

Vice: Jerônimo Dias da Silva

De 1963 até 1967

5º Edmundo Vilela de Moraes (ARENA II)

Vice: Guilhermino Rodrigues da Silva

De 1967 até 1970

6º João Moreno Lima (ARENA I)

Vice: Justiniano de Carvalho Moreno

De 1970 até 1973

7º Milton Lopes (ARENA II)

Vice: Zani Alves Carvalho

De 1973 até 1977

8º Hélio Duarte Vilela (ARENA II)

Vice: Dimas Lopes Gonçalves

De 1977 até 1983

9º Leandro Alves Feitosa (PDS)

Vice: Carleth Castro e Silva

De 1983 até 1989

10º João Antônio Ribeiro (PFL)

Vice: José Batista de Moraes

De 1989 até 1993

11º Leandro Alves Feitosa (PTB-PFL)

Vice: Sebastião Vilela Filho

De 1993 até 1997

12º Luiz Fernando Marques Pereira (PDT-PMDB)

Vice: Jonas Santos Silva

De 1997 até 2000

13º Luiz Fernando Marques Pereira (PDT-PMDB)

Vice: Antônio Leite Barbosa

De 01/01/2000 até 19/05/2004

Com a morte do prefeito Luiz Fernando Marques Pereira, assume o vice Antônio Leite Barbosa

Com mandato tampão de 19 de maio de 2004 a 31/12/2004

14º Antônio Leite Barbosa (PMDB-PP-PSDB)

Vice: Ilton Ferreira Barbosa

De 2005/2008

16º Ilton Ferreira Barbosa (PP-PMDB)

Vice: James Teixeira dos Santos

De 2009/2012

17º Ilton Ferreira Barbosa (PP-PMDB)

Vice: James Teixeira dos Santos

De 2013 a 2016

18º Antônio Leite Barbosa (PMDB-PSDB)

Vice: José Moraes Filho

De 2017/2020

Thaís Fernanda, Rafaela, Ana Carolina e Dhenyfer

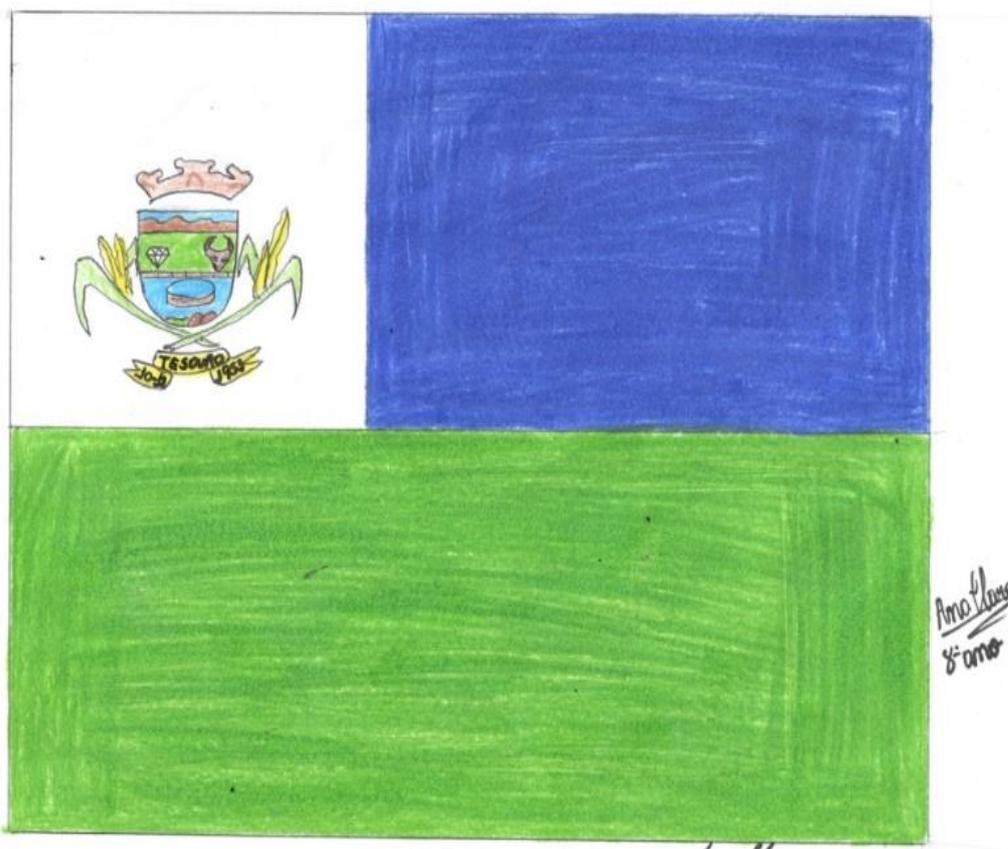
## SÍMBOLOS DE TESOIRO

O município de Tesouro – MT tem dois símbolos oficiais: A Bandeira municipal e o Brasão. Ainda não tem hino.

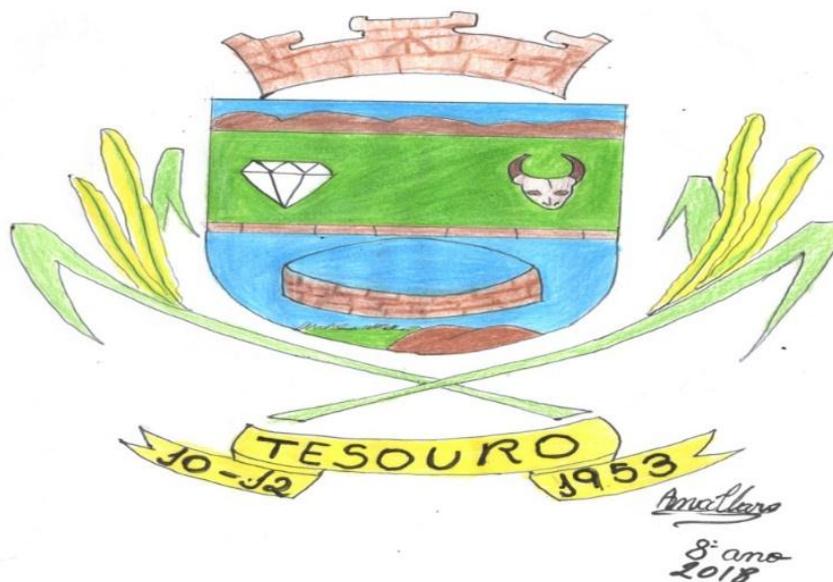
A criação da Bandeira foi sancionada pela Câmara Municipal e aprovada pela Prefeitura através da Lei municipal número 31/82 de 21 de janeiro de 1982. Suas características são:

- a) Dimensão oficial das bandeiras municipais;
- b) Cores: Verde, Branco e Azul;
- c) O esquema artístico baseia-se nas características do município (garimpo, diamante, gado e outros fatores)

### BANDEIRA DE TESOIRO



### BRASÃO DE TESOIRO



## ATIVIDADES ECONÔMICAS

As principais atividades econômicas do município de Tesouro – MT são: a agricultura (soja), pecuária (cria, recria e corte). Além de algumas hortas e lavoura de subsistência, se tem também culturas mecanizadas: soja, milho, algodão, arroz e também fruticultura. Apesar de em menor escala do que antes, há ainda a atividade extrativa (garimpo).

Beatriz, Ana Clara Leão

## EDUCAÇÃO

O município, conta com três escolas estaduais, sendo duas urbanas e uma rural no Distrito de Batovi e duas escolas municipais, uma de ensino infantil e uma de ensino fundamental I.

### ESCOLA ESTADUAL XV DE OUTUBRO

A escola foi fundada em 1996 como EEPSPG XV de Outubro. As reuniões para a divisão da Escola Dr. Arnaldo aconteceram em 1995, o diretor na época responsável pela divisão foi o Prof. José Filho, e a sugestão do nome da Escola se deu pela enorme briga para batizar a escola nova, e o nome foi por um consenso, homenageando assim, todos os professores. Hoje foram abolidos do nome da escola as modalidades de ensino, ficando somente EE XV de Outubro.

O maior número de aluno se deu por volta do ano 2000, de lá para cá, a quantidade de alunos vem caindo ano após ano. Desde 2016, a escola conta com aproximadamente 200 alunos.

A escola neste ano conta com 26 funcionários, sendo 11 servidores administrativos e 15 professores. A equipe gestora da escola é formada por 01 técnico na função de Secretário Escolar e 02 professores, 01 como Coordenador Pedagógico e 01 com Diretor Escolar.

Com 04 salas de aula, a escola funciona no período matutino e vespertino com a última série do ensino fundamental II (6º ano), ensino fundamental III (7º ao 9º ano) e ensino médio.

**Números de matrículas na escola nos últimos quatro anos:**

2º ciclo: 6º ano

2015: 36 alunos

2016: 40 alunos

2017: 38 alunos

2018: 35 alunos

3º ciclo: 7º, 8º e 9º ano

2015: 101 alunos

2016: 124 alunos

2017: 113 alunos

2018: 126 alunos

Ensino Médio: 1º, 2º e 3º ano

2015: 144 alunos

2016: 98 alunos

2017: 118 alunos

2018: 117 aluno

### **ESCOLA MUNICIPAL SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**

O nome da escola é Escola Municipal de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus. Ela foi fundada em dois de fevereiro no ano de 1991. Esse nome foi escolhido pelo prefeito Sr. João Antônio Ribeiro, ele é devoto de Jesus e colocou esse nome devido a sua fé.

Ao todo, a escola conta com 16 funcionários, sendo 07 professores e os demais funcionários são da limpeza e da cozinha.

Esse ano de 2018, a escola conta com 48 alunos matriculados. Ao longo dos anos esses alunos foram diminuindo, uma vez que teve muitas transferências. O maior número de alunos na escola foi em 2003, com 107 alunos matriculados e frequentes.

A área total do espaço da escola é de 4.491.6m, e a área construída dela é 519. 51m.

#### **Números de matrículas na escola nos últimos quatro anos:**

2015: 97 alunos

2016: 90 alunos

2017: 75 alunos

2018: 66 alunos

### **PRÉ - ESCOLA CRIANÇA ESPERANÇA**

A Pré-Escola Criança Esperança foi fundada em 30 de junho de 1999. O nome foi escolhido pelo prefeito Dr. Luis Fernandes Marques Pereira. Hoje tem um total de 15 funcionários que trabalham na escola.

Em 2016 foi o ano que mais teve alunos matriculados, no total de 86 alunos. Em 2018, a escola tem 68 alunos frequentes, divididos em Pré I (04anos de idade) e Pré II (05 anos de idade).

O espaço físico da escola: secretaria, biblioteca, sala de informática, sala dos professores, 04 salas de aula, cozinha, refeitório, 04 banheiros e área de serviço.

**Números de matrículas na escola nos últimos quatro anos:**

2015: 76 alunos  
 2016: 86 alunos  
 2017: 60 alunos  
 2018: 68 alunos

**ESCOLA ESTADUAL FILINTO MÜLLER**

A escola Estadual Filinto Müller está localizada no distrito de Batovi, foi fundada em setembro de 1973 e recebeu esse nome em homenagem ao senador de mesmo nome. A escola funciona como Escola do Campo com salas multisseriadas: Uma sala com alunos do 1º ao 3º ano, uma com alunos de 4º e 5º ano, uma sala com alunos do 6º e 7º ano e uma com alunos do 8º e 9º ano.

Após terminarem o Ensino Fundamental, os alunos se deslocam diariamente cerca de 36 quilômetros até Tesouro para estudarem o Ensino Médio no período vespertino, na escola XV de Outubro.

A escola tem oito funcionários no apoio, cinco professores e um diretor. O nome da escola ia mudar, chegou a fazer votação com a comunidade e foi escolhido o nome em memória da professora Valdeti de Souza Vieira Oliveira, porém, o atual governador que solicitou a mudança, para cumprir a lei estadual que pede mudanças dos nomes de escolas que tenham vinculação com a Ditadura Militar, impediu a mudança. Tem 55 alunos matriculados em 2018 e a cada ano está diminuindo esse número. Na década de noventa teve o maior número de alunos frequentes.

**ESCOLA ESTADUAL DR. ARNALDO ESTEVÃO DE FIGUEIREDO**

A Escola Estadual Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, foi criada pelo decreto nulo 318/47 de 16 de junho de 1947. É, portanto a escola mais antiga da cidade, com 71 anos de existência. As suas modalidades de ensino são a EJA (Educação de Jovens e Adultos), ciclo de formação humana do 5º ao 9º ano e o ensino médio que são realizados em dois anos e o Ensino Fundamental I, do 1º ao 3º ano e Ensino Fundamental II, do 4º e 5º ano.

No ano de 2018 a escola tem 106 alunos matriculados. Os funcionários são 05 professores, diretora, secretário, coordenador pedagógico, bibliotecária, multimeio didático, um professor do laboratório de aprendizagem (apoio pedagógico), 03 merendeiras, 04 da limpeza e 03 vigilantes. No espaço físico tem uma secretaria, uma biblioteca, 03 salas de aula, laboratório de informática, laboratório de aprendizagem, refeitório, uma cozinha, 02 banheiros (05 em cada individual), sala dos professores. Tem também um anexo com 04 salas, sendo uma delas cedida para o município onde funciona a EJA (alfabetização) no período noturno. Ao longo dos anos tem aumentado o número de alunos.

**Números de matrículas na escola nos últimos quatro anos:**

1º ciclo: 1º, 2º e 3º anos

2015: 71 alunos

2016: 61 alunos

2017: 71 alunos

2018: 76 alunos

2º ciclo: 4º e 5º anos

2015: 45 alunos

2016: 48 alunos

2017: 40 alunos

2018: 38 alunos

Modalidade educação de jovens e adultos – EJA

Fundamental:

2015: 36 alunos

2016: 32 alunos

2017: 47 alunos

2018 33 alunos

Médio:

2015: 50 alunos

2016: 69 alunos

2017: 70 alunos

2018: 58 alunos

Beatriz, Ana Clara Leão e Cauã

## **ESPORTE E LAZER**

A Secretaria de Esporte vem contribuindo muito com as atividades esportivas, com a aquisição de materiais esportivos. Nesses dois anos adquiriu a maior compra de material (de alta qualidade) e foi repassado para as escolas a fim de suprir as necessidades dos jovens.

Conta também com dois técnicos para ajudar na prática esportiva. As modalidades que tem: Futsal masculino categorias A, B e C; Vôlei feminino categorias A e B e Futebol de Campo. Teve um campeonato na modalidade de futsal, esse ano, que foi realizado e finalizado. Período da realização: 21 de março a 28 de julho de 2018 com 09 equipes participantes.

Está sendo idealizando um campeonato de futebol *society*, planejado um torneio para o dia 15 de novembro/18, categoria sub17 no recinto da praia, bem como de voleibol, futebol de areia e uma gincana. Ainda tem em vista, futuramente, junto com a Guarda Mirim abrir uma escolinha de futebol com aulas de futsal, futebol de campo e voleibol.

Se tratando de lazer, os investimentos direcionados para essa área são: Futuramente a tão sonhada reforma e ampliação do ginásio de esportes; aquisição de duas academias ao ar livre para a prática esportiva e aquisição de um ônibus para a Secretaria de Cultura Esporte e Lazer. Os locais para praticar esportes e lazer em nosso município são: Ginásio de Esporte Padre Sebastião Arantes; Quadra da Escola Estadual XV de Outubro; Quadra da Casa Santo Antônio e Campo de futebol na COHAB e os espaços para lazer são pouquíssimos, sendo a Praça Getúlio Vargas (um dos locais mais frequentados pela nossa juventude) e a Praça José Gonçalves de Brito.

Audrey, Beatriz e Vitória Moraes

## **TURISMO E CULTURA**

O município de Tesouro - MT conta com morros, serras e lindos mirantes. Além de um exuberante potencial hídrico, colocando a disposição de sua população lindas cachoeiras ideais ao lazer e ao turismo. São paisagens naturais e antrópicas pouquíssimas exploradas. Além do lindíssimo rio das Garças, as cachoeiras mais conhecidas e visitadas pela população são: Cachoeira do Paulo Afonso, Cachoeira da Fumaça, Cachoeira do Borá, Cachoeira Três Irmãos e Cachoeira do Cipó.

Como cultura, tem no município algumas festividades que se tornaram tradicionais:

- O Festival de Praia, com duração de cinco dias, encerrando-se no terceiro domingo de agosto, sempre com apresentações musicais de renome nacional;
- A Festa do Menino Jesus de Batovi, que acontece há décadas no início do mês de agosto;
- A Festa de Santa Terezinha, padroeira da cidade, que ocorre no mês de outubro, com missas, procissão, leilão, comidas típicas e muita moda de viola;
- As tradicionais Festas Juninas escolares e da Bela Idade na igreja Católica;
- O Carnaval do Chuveirinho;
- A Expedição do Rio das Garças, que ocorre na Semana Santa, saindo da cidade de Alto Garças - MT até Tesouro, com duração de oito dias de navegação, chegando à cidade na quarta feira de cinzas;
- A Folia de Reis, que se inicia em novembro, encerrando no dia 06 de janeiro, com baile, danças típicas e almoço gratuito à população.

Glenda, Joamir, Carlos, Thiago e Luan Rodrigues

## **SAÚDE**

O município conta com dois locais para atender a saúde da população, um Hospital Municipal com atendimento 24 horas e 100% SUS e uma USB, Unidade Básica de Saúde com atendimentos de segunda a sexta, das 07h às 11h e das 13h às 17h. No Hospital e Maternidade São Lucas de TESOURO MT, tem 10 leitos, 04 auxiliares de enfermagem, diretora administrativa e 01 médico plantonista. É realizado uma média de vinte atendimentos por dia.

Na Unidade Básica de Saúde (UBS) com o nome de Maria José de Sá Araújo, tem 01 médico da família, 01 enfermeira, 01 farmacêutica, 01 dentista, 05 agentes Comunitárias de Saúde e faz 30 consultas/dia, curativos, vacinas, exames preventivos como papanicolau, do pezinho, teste

rápido HIV, Glicemia, distribuição de medicamentos básicos e atendimento odontológico com uma média de 16 por dia

Há também um Posto de Saúde no distrito de Batoví, com atendimentos básicos preventivos e atendimento médico uma vez por semana no local, nas quartas-feiras.

Glenda, Joamir, Carlos, Thiago e Luan Rodrigues

## **RELIGIOSIDADE**

De um modo geral, a população do município de Tesouro professa o Cristianismo. As denominações religiosas presentes no município são:

- Igreja Assembleia de Deus Missão (COMADEMAT) Convenção dos Ministros da Igreja Assembleia de Deus do Mato Grosso, Fundada em 1992 em Tesouro. Tem aproximadamente 45 membros.
- Igreja Assembleia de Deus Madureira: Foi fundada no município de Tesouro no ano de 1953, ano de emancipação do município. Atualmente com 25 membros.
- Igreja Católica Santa Terezinha do Menino Jesus: Fundada no ano de 1950, com 1000 membros atualmente. (95% dos tesourenses denominam ser católicos)
- Igreja Presbiteriana do Brasil: Fundada no município no ano de 1952, com 20 membros atualmente em Tesouro.
- Igreja Congregação Cristã do Brasil: Fundada em 1943, a mais antiga da cidade, atualmente com 200 membros.

Vitória, Audrey Beatriz, Danielle, Luan Henrique e Gabriel

## **CAPÍTULO 2**

### **TESOURO SEGUNDO O OLHAR DE SEUS MORADORES**

#### **DE TESOURO PARA O EGITO**

Nasci em Tesouro, estou completando 81 anos, o primeiro registro do Cartório Civil de Tesouro é o meu. Saí para estudar em Cuiabá - MT e depois fui para Uberlândia-MG, fui para Campinas-SP para fazer meu curso de contabilidade, voltei para Tesouro - MT e depois para a cidade do Rio de Janeiro para procurar emprego.

Quase ninguém sabe disso aqui em Tesouro, mas, eu fui para o Egito, fui membro das Nações Unidas, entrei no batalhão do Rio Grande do Sul e fui o único de Mato Grosso a trabalhar na Faixa de Gaza. Também já fui tabelião, diretor de escola e boiadeiro, ajudando meu pai.

Meu pai veio da Bahia e minha mãe do Maranhão. Naquele tempo aqui em Tesouro era uma cutela de garimpo. Eles se conheceram lá no Buriti, e se casaram em Alcantilado. Minha mãe casou com 15 anos, e meu pai era dez anos mais velho, com vinte e cinco anos. Já que minha mãe era muito nova ela teve que alterar o documento para se casar, para poder ter mais idade.

Chegaram em Tesouro e moraram em um rancho de palha que não tinha nem porta. Meu pai tinha um monomotor, toda semana ele ia para as fazendas, todas as fazendas tinha um campo de pouso de avião. Ele descia e fazia as compras dos diamantes, além daqui, ele ia para Poxoréo - MT também. Ele não levava passageiro porque era um avião de um lugar só, mas no porta-malas às vezes trazia carona.

Ana Clara, Beatriz, Rahi e Cauã

### **FECHA NUNCA...**

Nasci em Tesouro, no dia oito de janeiro de 1939, portanto, tenho quase oitenta anos. Meu pai veio do norte da Bahia e minha mãe de Goiás. Ele era garimpeiro e minha mãe cuidava da casa. Meu pai veio da Bahia para Tesouro, andando, cerca de quinhentas léguas, ou seja, três mil quilômetros.

Fui alfabetizado em uma escola de Guiratinga - MT, no ano de 1948. Estudei o curso de admissão no ano de 1953 em Diamantino - MT. Me alistei e servi o exército durante três anos. Quando saí do exército, retornei para Tesouro, indo morar na corrutela de “Cassununga” e fui ser professor do primário. Tempos depois, já na sede do município em Tesouro, fui vereador por seis anos, presidente do Mobral, chefe de gabinete, secretário geral e inspetor de alunos. Em todas as funções que exerci, nunca cheguei atrasado ao serviço.

Um dos momentos que não esqueço, é do tempo em que morei no Cassununga. Hoje, lá só tem um morador e antigamente tinha milhares. O comércio era grande; as mercadorias vinham de Uberlândia - MG; tinha tudo lá; água encanada, sorveteria, padaria, escola, luz elétrica, cartório, campo de futebol, banda de música e principalmente o diamante. Os garimpeiros se divertiam muito em um local reservado das mulheres que tinham “carta branca”, o funcionamento era dia e noite. Esse lugar se chamava “Fecha Nunca”.

Glenda, Thiago, Joamir, Luan e Carlos

### **PROFESSOR ERA CHAMADO DE MESTRE**

A história dos meus pais é a seguinte: meus pais são baianos, vieram a pé da Bahia até Mato - Grosso. Vieram diretamente para o córrego D’Antas, daí para Tesouro, não saíram mais e aqui sobreviveram até o seu final.

Meu pai era muito bem visto na sociedade. Ele tinha uma forma muito bonita de tratar as pessoas, e havia crença da sociedade nele. Por ser professor, bem inteligente, naquela época ele chegou para cá e estudou um pouco, ele se aplicou, trabalhou em escola particular, e engrenou na vida, por ser educador, era chamado de “Mestre”, porque naquela época, a educação não é igual hoje.

A educação mudou demais, uma palavra chamada castigo, devia ter até hoje, não tem e está fazendo muita falta. Antigamente todo mundo estudava, não ia para cadeia e não tinha Conselho Tutelar para ir à escola igual hoje.

Sobre a política de antigamente, quando, por exemplo, eu comecei a votar aos meus dezoito anos, era política da guerra, política severa. Hoje a política é do celular, são as fontes sociais que direcionam tudo hoje. As marchinhas a gente mesmo fazia, tinha muita possibilidade para escrever, toda vida eu fui cabeça boa para música.

Heitor, Ana Clara Souza, Felipe, Rondyelly e Cristyan

### **AS FESTAS DE TESOURO**

Tenho 75 anos e sou filho de Tesouro. Meu pai é baiano e minha mãe cearense. Cada um veio com suas famílias para morar na região. Minha mãe era irmã do segundo prefeito de Tesouro o Sr. Epifânio Duarte e como meu pai tinha muito entrosamento com o prefeito, meus pais logo se conheceram, casaram e ficaram morando no Pião.

Mais ou menos em 1958, meu pai comprou a fazenda Tesourinho, mas o bom mesmo era as festas que aconteciam naquela época. As pessoas vinham em busca do diamante nos garimpos e gostavam muito de festejar. Algumas festas duravam mais de cinco dias, as famílias caminhavam vários quilômetros para chegarem ao local. Todo dia dez de junho, meu pai fazia uma grande festa em

comemoração as suas conquistas, o dia escolhido foi a data que ele conseguiu terminar de construir a igreja na fazenda Tesourinho.

O passado de tesouro tem muitas histórias, outra coisa muito forte e importante naquela época era o esporte. Tinha uma seleção muito boa de futebol e toda a cidade iam assistir aos jogos. Naquele tempo, não tinha estrada para Guiratinga, então, o carteiro vinha a cavalo entregar as correspondências uma vez por semana.

No povoado de Cassununga, tinha uma banda de música chamada 13 de maio e meu pai fazia parte dela, se apresentaram até na capital Cuiabá - MT. Todo dia trinta de cada mês tinha um baile onde as mulheres só entravam de roupa social e os homens de terno e gravata. Um dia, um advogado quis entrar de bermuda, achando que só porque era autoridade podia entrar daquela forma, mas não deixaram ele entrar de jeito nenhum.

Aqui tinha várias corrutelas como: Pinhão, Maranhão, Monchão Dourado, Cassununga, Batoví e Tesouro. Todos esses lugares eram locais de garimpo.

O sonho do meu pai era buscar sua família na Bahia, algum tempo depois de casado, eu era criança, ele viajou levando minha mãe e eu. Chegando lá comprou vinte burros e vinte pessoas vieram montadas e outras vinte a pé, todos eram da família e gastaram uns quatro meses de viagem até aqui.

Trabalhei como golfeiro no garimpo e depois fui tomar conta da draga do meu sogro. Certo dia, fui tomar café no vizinho de garimpo e ele disse que tinha um recado do prefeito Milton Lopes, ele estava me chamando para ser o tesoureiro dele. Aceitei e comecei a trabalhar, trazia dinheiro de Guiratinga em um saco grande para fazer o pagamento dos funcionários da prefeitura.

Essa Belina, ano 78 que eu tenho, naquele tempo eu podia ter umas quatro fazendas com o preço dela.

Ana Carolyn, Rafaela, Thais, Dheniffer e Leomarcos.

## **HISTÓRIA DE UM POLICIAL**

Sou filho de Tesouro, nasci no dia 25 de junho de 1947, tenho 75 anos, hoje sou aposentado pela Polícia Civil e trabalhei 31 anos e 24 dias na polícia. Também fui garimpeiro, trabalhava no golfo no canal do rio, casei com 17 anos, tenho uma filha, três netos e cinco bisnetos. Trabalhar no garimpo com golfo significa você atravessar um varão no rio e mergulhar com um ralo e encher de cascalho para garimpar.

Meus pais vieram da Bahia, a cidade onde eles nasceram eu não sei. Eles vieram para Mato Grosso e foram morar no Pinhão, foi garimpeiro e depois eles mudaram para Tesouro, meu pai comprou umas terras, e ele trabalhou muito como açougueiro, também mexeu com cavalo de cancha (cavalo corredor). Essas corridas eram movimentadas, participava muita gente, eram muitos cavalos de cancha, vinham cavalos de Guiratinga para correr com os daqui e as apostas eram grandes, naquela época era muito dinheiro, hoje não, pelo valor de hoje é pouco, mas naquele tempo 10 conto, 20 conto era muito dinheiro. Outra coisa mais difícil naquele tempo era você ter um rádio, só quem tinha condições financeiras podia comprar um rádio na década de 60.

Eu era policial, quando aposentei não gostava de ficar parado, aí eu comprei um barraco na beira do Rio Garças e lá eu fico pescando com minha esposa, todos os dias, desde 2010 quando aposentei, é muito difícil o dia que eu não vou para lá, hoje, estou em casa, porque não tenho estado bem de saúde esses dias.

O maior caso de extrema gravidade que já teve aqui em Tesouro quando trabalhava na polícia, foi quando invadiram a delegacia, 04 homens de São Paulo, estavam em um bar da cidade e em uma discussão mataram um rapaz filho de Tesouro. Nós, policiais, conseguimos prender esses 04

caras, era 01 pai e 03 filhos, parecia tudo tranquilo e resolvido, porém, uma base de dez a onze horas da manhã, grande parte da população tesourense invadiram a delegacia e mataram 03 rapazes que já estavam presos. Foi a própria população de Tesouro revoltada que invadiram a delegacia fazendo um buraco na parede e mataram três lá dentro, o outro, que era o pai, conseguimos tirar vivo de lá, isso aconteceu em 1988 ou em 1989 eu não me lembro com certeza o ano...

Até hoje eu tenho paixão por ser policial, nunca pensei em desistir. Quem trabalha com serviço público, quem é professor, quem dedicou a vida a servir, não é enxergado quando aposenta, todo mundo esquece de você, eu me sinto feliz quando chega uma pessoa assim que lembra da gente e quer saber a nossa história. Eu trabalhei em Tesouro, Guiratinga, Poxoréo e em Primavera do Leste.

Eu nunca vi um prefeito, um vereador chamar um policial para um churrasco, só para ficar de guarda na festa.

Glenda, Joamir, Luan, Carlos e Thiago

### **A CHACINA DE 36**

Em 1936 houve em Tesouro uma chacina de garimpeiros cometida por policiais. Naquela época, o sargento que pertencia ao destacamento policial de Lajeado, hoje Guiratinga - MT apaixonou-se por uma prostituta durante suas vindas aos finais de semana para dar plantão no povoado de Tesouro.

Certo dia, chegando ao povoado, encontra sua amante com um garimpeiro e no dia seguinte, cheio de ciúme espanca a mulher enquanto atirava para o alto. Os garimpeiros procuraram o sargento para lhe dar uma surra, mas este conseguiu fugir.

Em nove de junho de 1936 os policiais invadem os dois cabarés do povoado e matam inúmeros garimpeiros, atirando em todos que viam pela frente e assim mataram muitos, uma vez que os locais estavam cheios de garimpeiros festando. Como era muita gente para abrirem cova e enterrarem os mortos, os policiais abriram uma única cova bem grande onde os corpos foram jogados amontoados e enterrados.

Alguns garimpeiros conseguiram escapar, fingindo de morto e fugindo quando os policiais saíam para pegar mais corpos. Os policiais perceberam que os corpos estavam diminuindo na cova e desconfiados, passam a esfaquear e quebrar os pescoços destes, antes de jogarem no buraco.

Tudo isso foi feito com muito deboche e algazarra. A história chegou a ser contada por um jornal do Estado de Mato Grosso.

Ana Clara, Beatriz, Rahi e Cauã

### **UM JOVEM IDEALIZADOR**

Sou professor da Educação Básica, com formação em matemática, atualmente trabalho no CEFAPRO - MT (Centro de Formação de Professores) e faço Mestrado em Educação e Formação de Professores e Políticas Educacionais na Universidade Federal de Rondonópolis - MT. Sou de Tesouro, na verdade nasci em Guiratinga, mas me criei em Tesouro.

Os meus avós paternos vieram da Bahia na época em que houve uma grande migração dos nordestinos para a região Leste e Sul de Mato Grosso, com uma esperança de que pudessem enriquecer, por causa da fama do diamante, que era uma região diamantífera e teve uma grande explosão de notícias falando sobre essa região. Por isso, meus avós paternos vieram da Bahia, eles envelheceram, morreram e foram sepultados em Tesouro. Minha avó paterna era parteira, pegou muita criança por conta daquela época não ter médico e meu avô era garimpeiro, com um sonho de ter uma

vida melhor porque na Bahia a seca castigava e como não oferecia tantas condições eles vieram para Tesouro e fixaram raízes aí.

Quanto aos meus avós maternos, minha avó veio de Goiás, ela era de Santa Rita do Araguaia e minha bisavó de Pernambuco, meu avô veio do Maranhão com 13 anos por conta também da explosão de notícias sobre a zona diamantífera que Tesouro, Guiratinga, região Leste e a região Sul propagava. Eles foram sepultados em Tesouro

Meus pais nasceram em Tesouro, fixaram residência, constituíram família, foram criados e moram até hoje em Tesouro. Minha mãe foi muito tempo costureira, meu pai foi garimpeiro e pedreiro, hoje é aposentado, mas trabalha ainda como pedreiro.

Durante toda a minha vida, a história que me deixou mais intrigado e que eu já ouvi, foi uma revolução entre garimpeiros e policiais que teve um grande número de mortos e que pessoas foram enterradas vivas. Então, eu acho isso, uma história que marcou um período de Tesouro, e eu acho interessante e sempre quis saber o porquê dessa revolta entre garimpeiros e policiais.

O interesse por política, eu tenho desde criança. Sempre fui muito observador e meus pais me contavam muitas histórias da política que tinha na época da ditadura militar que era um bipartidarismo entre a arena I e a arena II, era uma rivalidade muito grande entre esses partidos e meus pais cantavam as marchinhas e desde criança eu gostava de assistir o horário político. Acho meio complexo, dizer que eu tenho uma ideologia de esquerda ou direita, eu acho que para você defender algum partido, tem que entender quais são os projetos societários de uma nação, que é o que eu defendo muito, até porque não posso negar a minha condição enquanto trabalhador, então, eu defendo uma ideologia que prima pelo trabalhador

O que me levou a interessar pelas marchinhas políticas da cidade, já que não é uma coisa da minha época, foram meus pais. Eles sempre cantaram... Nós sentávamos a noite para conversar, eu ia gravando e sempre gostei de conversar com pessoas idosas, porque elas tinham muitas experiências, mais eu lembro que eu sempre gostei de uma marchinha que falava do pai da professora Mariley e outra marchinha que eu acho interessante é a "onde foram os quase 30 milhões durante os dois mandatos desse povo no poder". A que eu mais gosto é uma história entre dois candidatos Milton Santos e Milton Lopes e o pai da professora o Jonas, ele era de uma determinada denominação religiosa (mesma dos meus pais), era o dirigente e não podia se envolver com política e apoiou um candidato chamado Milton Santos e pela posição dele eclesiástica da igreja fizeram a música assim:

“O Jonas crente me falou a pouca hora,  
Que o Milton Santos já ganhou a eleição,  
Não sabe ele que o careca é muito fraco,  
E Milton Lopes já ganhou a eleição,  
Nossa Senhora que mentira descarada,  
Acreditei pra não perder o camarada.

*Jonas crente procura o seu lugar,  
Você não tem direito de politicar,  
Está trocando sua primogenitura,  
Por um prato de manjar.”*

Heitor, Felipe, Ana Clara Souza, Rondyelly e Cristyan

### **JORNADA DA BAHIA PARA MATO GROSSO**

Meu pai veio da Bahia com dezessete anos, veio a pé com uma turma de dezoito pessoas, incluindo minha avó, meu avô e meus tios. Aquele tempo não tinha estrada, a viagem era tudo com cargueiros e bruacas. Ele teve malária durante a viagem e foi carregado uns quatro meses nas costas da minha avó, era tão magrinho que parecia uma criança de cinco anos.

Minha mãe veio algum tempo depois da mesma cidade que meu pai, junto com dois irmãos, um mais novo e outro já era mais velho. A mãe e o pai dela morreram quando ela tinha cinco anos de idade. Nessa época já vieram um pouco de caminhão e um pouco de trem.

Os dois vieram do mesmo lugar, chegando em Tesouro um foi trabalhar longe do outro, depois começaram a se encontrar e deu certo o casamento dos dois. Meu pai veio em 1947, o povo fala que quando ele chegou aqui a enchente de quarenta e dois do Rio Garças já tinha passado.

Um dos meus tios foi assassinado aqui nas regiões de garimpo, em um lugar que se chamava Invernadinho, perto do Estrela. Ele bebia muito e envolvia facilmente em brigas, então, uns caras ficaram escondidos e mataram meu tio.

Minha família veio da Bahia por causa das dificuldades que eles tinham lá. Mato Grosso era região de muito garimpo e tinha fartura. “Mato Grosso chove e na Bahia não chove”, então, vieram por causa disso. Lá estava naquela crise brava de chuva, necessidade de alimento e a fama daqui do Mato Grosso era que tinha muito garimpo e muito lugar para plantar, esse foi o motivo deles virem para cá.

Hoje, eu e meu primo somos pescadores profissionais, pertencemos à colônia Z17 de Tesouro. O garimpo fracassou, tinha muito peixe que dava para sobreviver e hoje está muito fraco de peixe, mas nós vamos tentando sem pensar em desistir

Heitor, Ana Clara Souza, Felipe, Rondyelly e Cristyan

### **O SUSTO**

Tudo começou por causa de uma banda de música, eu tocava acordeom e à luz do luar, na fazenda Tesourinho com três amigas estávamos a cantar... Minha mãe gostava muito de música e nos dava liberdade para tocarmos e cantarmos na calçada. Naquela noite, quando começamos a tocar e cantar alegremente, minha mãe disfarçadamente pegou o revólver 44 e atirou para o alto, descarregando a arma de tanta felicidade.

Quando escutamos os tiros, desesperadas e assustadas, corremos para debaixo da mesa e das cadeiras. Então, minha mãe voltou sorrindo e disse:

- De tanta felicidade resolvi pegar o revólver e atirar. Eram aplausos para vocês!

Nossa! Que susto levamos. Mas a noite terminou com muitas gargalhadas.

Vitória, Audrey, Luan Henrique, Danielly, Gabriel Martins

### **UMA VIDA DEDICADA A EDUCAÇÃO**

Ontem completei 59 anos de idade, sobre minha história, sou filho de Tesouro, sempre estive aqui, mas fui embora com idade de 16 anos, deixei meus pais e fui para Goiânia, conclui o curso de Contabilidade e em 1979, eu voltei para Tesouro e não sai mais.

Comecei minha trajetória na educação em 1979 quando iniciei no magistério com 19 anos de idade, eu só tinha Contabilidade, não tinha formação específica e comecei a trabalhar. Quem me incentivou a ser professor, em primeiro lugar foi minha mãe, quando eu cheguei ela que já era professora, pediu uma vaga para mim a diretora da escola Arnaldo, ela me deu então essa vaga, e as duas disciplinas História e Geografia que a diretora ministrava, então ela cedeu e passou para mim e ficou só na direção. Agradeço a ela por me ensinar, me instruir a entrar na sala de aula, a lidar com os alunos e a questão da disciplina que isso antigamente era muito priorizado.

A primeira sala de aula que eu entrei, antigamente falava 8ª série e tinha minha irmã que aposentou junto comigo, ela foi uma das minhas primeiras alunas, então aquilo chamou muita atenção e graças a Deus eu conseguir lecionar História e Geografia sem formação e foi assim que eu comecei o meu trabalho.

No primário, aqui em Tesouro eu estudei no antigo externato, eu fui alfabetizado com a minha tia, ela era professora de Admissão, e em casa, minha mãe é claro me ajudou bastante, foi meu primeiro contato com a sala de aula, depois estudei com o Padre Sebastião na escola Dom Bosco que era particular e era da igreja. Também exigia muita leitura e eu fiz o primeiro, segundo, terceiro e quarto ano na escola Dom Bosco, depois fiz o curso de Admissão para então ingressar na quinta série no ginásio, e assim foi minha trajetória. Aqui em Tesouro quando eu terminei os quatro anos do ginásio e não tinha ensino médio, fui obrigado a me ausentar de meus pais com 16 anos, em 1976, 1977.

Fui para Campo Grande fiz dois anos de Teologia, que me dava direito a lecionar no ensino médio, então, passei a ser uma referência na escola com as aulas de ensino religioso. A superintendente educacional me deu um belo tapa e falou:

- Você menino! Tem que estudar! Você gosta da educação?

Eu falei: - Gosto.

Quer continuar nela?

Eu falei: - Quero.

- Então estuda e faça uma faculdade.

Eu enfrentei e comecei a fazer a faculdade de férias em Alto Araguaia - MT, fui interrompido com o casamento exatamente em 1984, eu casei e parei de estudar mais continuei trabalhando na escola como professor e só vim me graduar em 1998, com curso de pedagogia feito pela faculdade de Rondonópolis- MT extensão Guiratinga - MT.

Muitos professores me ajudaram, como eles diziam: você já tem muita experiência em sala de aula agora é buscar a teoria, e venho buscando até hoje com dificuldade, mais estou buscando. Quando estava trabalhando no Vale Rico eu fiz especialização, em 1999 eu passei no concurso e efetivei no estado de Mato Grosso. Tornei professor efetivo em 2001 no concurso do município e continuo trabalhando no município como professor.

Eu vim conhecer uma escola moderna, uma escola nova agora recentemente, mas a minha prática como educador, foi de um professor que manteve o tradicionalismo no sentido da questão da disciplina, toda minha vida eu priorizei e priorizo até hoje, porque eu aprendi com os meus pais e minha mãe principalmente. Para você aprender, é preciso ouvir, prestar atenção, respeitar o colega, respeitar o professor, a autoridade, a escola em si, eu aprendi isso a duras penas no começo, porque naquele tempo eu cheguei a aprender a tabuada apanhando de palmatória, era assim na escola tradicional, você era obrigado a aprender e quem sabia mais batia em minhas mãos, então, eu ficava de

castigo de braços abertos e de joelho em cima de milho... Essa era a forma de educar e era permitido inclusive pelo estado, pela federação.

Dessa forma, eu também usei do tradicionalismo e de formas enérgicas, suspendi alunos também porque era tradicional e as mudanças foram ocorrendo porque é necessário, até porque estamos no século XXI e tem que haver mudanças, é claro que elas trazem consequências, mais nunca tive aquele saudosismo e nunca enalteci a escola tradicional, eu sempre gostei de inovar e sempre gostei das mudanças. Dentro das mudanças é você como professor ir estudando, você vai se adequando e eu procurei sempre me relacionar bem com os meus alunos, é só você se adequar para realizar um bom trabalho.

Uma história marcante na minha vida, foi uma punição que eu fiz a um aluno, eram aproximadamente 32 alunos na sala, e eu toda minha vida fui rígido com a disciplina, eu sempre entrei na sala, fazia minhas orações. Então, eu entrei na sala de aula e em cima da mesa estava desenhado uma caveira. Eu como autoridade, quando vi aquilo perguntei: - Quem fez isso aqui? Feito a pergunta para todos eles: - foi você? Foi você? Teve um deles que eu pulei, que era o aluno mais danado da sala (já achando que tinha sido ele), depois, eu fui para o quadro passar conteúdo, foi quando um aluno disse: - Professor fui eu... Então, eu assustei, porque era um menino bem conceituado e quieto, mesmo assim, eu o suspendi por três dias, para manter minha autoridade, mas isso me marcou, porque me fez refletir e a não ficar julgando.

Nunca pensei em desistir da profissão de ser professor, mas eu chegava chateado em casa era quando entrava o papel de minha mãe. Teve um ano que eu fui trabalhar na draga no garimpo e quando eu estava trabalhando pegando Carumbé pesado e chegava em casa cansado. E dizia:

- Mãe, pra que adianta estudar... Têm colegas meus analfabetos e ainda ficam tiram sarro de mim, falando: estudou pra que? Pra ficar carregando Carumbé? Minha mãe falava:

- Meu filho, não importa onde você esteja trabalhando, em qualquer lugar, você é um professor!

Se eu não fosse professor, eu brincava com minha mãe falando que queria ser padre porque se o Padre Sebastião naquela época tivesse me dado oportunidade, como foi dada a alguns outros, eu teria sido padre mesmo, mas também eu queria ser jogador de futebol ou cantor, mas sou feliz com a função que exerço. Em Tesouro eu já exerci o cargo de diretor na escola Sagrado, fui secretário de educação e garimpeiro.

Eu quero parabenizar o trabalho de vocês, eu tinha vontade de fazer um mestrado, mas eu quero parabenizar a professora por essa iniciativa, pela coragem de enfrentar o mestrado no mundo atual e porque será a primeira mestra em Tesouro, ainda mais em letras.

Vê-se a diferença do menino para menina, sempre eu vi isso na sala de aula, nós meninos é porque temos preguiça de ler e nós perdemos para elas porque são mais atiradas na leitura, mas isso a gente pode corrigir e eu quero dizer que é vocês que nos substituirão, que farão nosso trabalho, porque “os pais querem bons professores para seus filhos, mas não querem que seus filhos sejam professores”.

Joamir, Glenda, Luan, Carlos e Thiago

## **ORAÇÃO PODEROSA**

Aqui em Tesouro eu garimpei seis anos e onze meses, tenho as três matrículas de garimpo daquela época. Depois fui ser mascate, eu comprava em São Paulo na Rua Vinte e Cinco de Março e no Braz, vendia mercadoria brasileira boa, todas de primeira qualidade.

Fiquei muito tempo comprando diamante e vendendo mercadoria. Fui vereador e vice-prefeito. Passamos muitas dificuldades. Eu não pude estudar, mas aprendi a negociar desde pequeno. Eu vendia pirulito na rua, doce, cocada, doce de leite, etc.

Lá no Batovi, quando eu comecei a dirigir os cultos, alguns garimpeiros eram valentões e acabaram com o culto várias vezes, o povo todo corria pelo fundo da casa, quando eles chegavam armados e gritando.

Quando eu já tinha batizado, eu e mais treze pessoas, certo dia, o grupo dos três valentões acabaram com o culto mais uma vez armados com os revólveres, então, eu fiz uma oração na porta da casa... Eu fiz a oração no meio deles. O chefe deles, o mais valentão, com oito dias nós enterramos ele.

Teve que enterrar enrolado com uma rede porque não coube em nenhum caixão, deu uma doença nele lá no garimpo, uma febre e uma dor de cabeça, ele morreu e foi inchando, inchando e inchando... O homem que fazia caixão do Batovi não deu conta de fazer um caixão que coubesse ele, então costumamos duas redes e o enterramos. Ninguém mais importunou os crentes na hora dos cultos.

Ana Clara, Beatriz, Rahi e Cauã

### **MARCHINHAS E RIVALIDADE POLÍTICA**

Eu nasci em Tesouro no ano de 1947. Meu pai era do Maranhão, e minha mãe era do Norte do Goiás, que hoje é Tocantins. Eles vieram para cá no princípio de 30, já se conheciam de lá, e aqui se casaram e tiveram dez filhos.

Em Tesouro fui professor, instrutor de fanfarra, secretário de educação, e chefe de gabinete, fiquei por uns tempos na secretaria de saúde, trabalhei na Cemat, como auxiliar e como subchefe, ainda fui vice prefeito e prefeito por uns dias. O trabalho que mais gostei de exercer foi na educação, porque na época eu tinha mais vocação na área da educação. Por algum tempo, fiquei travado, mais tenho alguns livros e estou despertando! Não importa viver ou morrer, o que importa é você lutar pelos seus ideais até o fim! Eu estou tentando, terminei o Ensino Médio há pouco tempo, por exemplo! E estou resgatando a mente com leitura. Porque a pessoa que lê muito... De acordo com vocês adolescentes, não querem saber mais de ler, se vocês adquirirem o hábito da leitura, é muito importante isso. A leitura é a luz da vida e quem lê muito, com certeza sabe muita coisa.

Meus pais já se conheciam lá do Tocantins, eles vieram para cá justamente pela influência do Garimpo. A notícia desse garimpo corria léguas e léguas, então vieram para Tesouro. Eles vieram para cá nos bitelões, eram canoas muitas grandes, passavam mais ou menos um mês e pouco vindo neles e foram morar no povoado do Cassununga. Meu pai era um homem destemido e minha mãe era mais calma.

Minha influência na política veio de geração a geração, meus pais sempre tiveram envolvidos na política antes mesmo de virem para Mato Grosso. Então desde muito novo eu militava na política, assim em prol de alguns amigos e outros. Depois até que nós abranjamos na política também. As marchinhas eram algo muito forte, especial nas campanhas e tinham vários compositores, me lembro de alguns como: O Carioca, a Eva, a Valmira, a Almira, a Terezinha, o Almerindo, o Nelsinho e a Adinair. Os militantes dos partidos, por exemplo, faziam as marchinhas e depois saíam nos caminhões pelas ruas da cidade, ficava cantando e fazendo propaganda do seu candidato e às vezes acusando o outro nas marchinhas, nelas podiam falar o nome das pessoas ou candidatos e trocavam acusações, hoje em dia é proibido. Vou citar uma marchinha que me lembro bem: o Irani era morador do Biongo e lá tinha até bastante eleitor, a turma queria condenar lá e dizia assim:

“Hélio Vilela lá nos montes,  
Dimas Gonçalves no horizonte,  
Coitadinho do João Moreno,  
Apagaram seus pecados!  
Vamos eleitores, vamos!

*Vamos unidos votar,  
Na dupla do progresso,  
O seu nome sufragar!*

O Iran não é daqui,  
Nem também do Batovi,  
Ele é apenas do Biongo,  
Lugar que passa fome.”

Outra que gosto muito é:

“João Antônio é o candidato que o povo escolheu,  
É homem honesto e também trabalhador,  
Tem seu vice que é o Zezé, que todos já conhecem!  
Vamos eleger os nossos vereadores,  
Mato Grosso já deu o seu alô,  
Que o ilustre Jaime Campos será o governador.”  
E a minha preferida é a do Jonas crente:

“Jonas crente procura o seu lugar,  
Você não tem direito de politicar,  
Nós sabemos do seu interesse,  
Pra João Moreno você trabalhar,  
Chegou em Tesouro como sapateiro  
Já tem C-10 e é fazendeiro”.

Ana Carolyn, Rafaela, Thais, Dheniffer e Leomarcos

## MORBECK E CARVALHINHO

José Morbeck era baiano e veio para região de diamante 10 anos antes do Carvalhinho que era pernambucano. Os dois moravam em Santa Rita do Araguaia - MT e eram amigos.

Morbeck migrou para zona diamantífera em Mato Grosso, no ano de 1912 e Carvalhinho em 1922. O primeiro tinha grande número de trabalhadores do garimpo ao seu lado que depositou nele toda confiança e logo se tornou um líder. O governador do estado da época, Pedro Celestino instituiu uma taxa para os garimpeiros de 20% e nomeou Carvalhinho como Delegado Regional para prender os

garimpeiros que não pagassem a taxa. Morbeck se sentiu traído por Carvalhinho seu amigo e os dois se tornaram inimigos.

Morbeck e seu bando, cerca de 300 pessoas, de madrugada cerca e ataca a residência de Carvalhinho que tinha em seu poder 18 homens, ele e alguns homens conseguiram fugir se jogando no rio Araguaia. Esse episódio ficou conhecido como o dos Morcegos e dos Cai n'Água. O povo de Morbeck ficou com apelido de morcegos porque só andava a noite para atacar e o de Carvalhinho ficou conhecido como cai n'água porque caíram na água para fugir, sendo que alguns deles rodaram rio abaixo. Carvalhinho foi para Bahia buscar reforço e com muitos homens ao seu comando e apoio do governador, atacaram a turma de Morbeck na serra da Arnica, município de Tesouro. O ataque ficou conhecido como o Fortim de Cassununga.

Ana Carolyna, Rafaela, Thais, Dheniffer e Leomarcos.

## **CAPÍTULO 3**

### **ESSE LUGAR É UM TESOURO**

#### **CAJANGO E A DESCOBERTA DO DIAMANTE**

Tesouro não foi fundado pelos garimpeiros, mas sim pelo homem chamado João José de Moraes Cajango. Ele veio de Goiás para desmatar terras e criar gado. Quando chegou aqui, só tinha índios da etnia Bororos e eles lhe falavam repetidamente alguma coisa sobre mandi, mandi... que na cultura indígena, significa pedra brilhante.

Cajango decidiu investigar e chamou um de seus trabalhadores, um seringueiro que já conhecia diamante lá na Bahia. Quando o índio, chamado André, mostrou a pedra que brilha, logo ele conheceu que era diamante e perguntou onde havia encontrado. André disse que tinha sido no Rio Cassununga. Cajango fez uma batei e junto com seus trabalhadores pegaram muitos diamantes.

O seringueiro João Cecílio, impressionado, voltou para a Bahia para dar a notícia da grande descoberta da zona diamantífera. A notícia se espalha e começa a migração de baianos, maranhenses e goianos para essas terras.

Glenda, Joamir, Luan e Thiago

#### **TRÊS PEDRAS DE DIAMANTE E UM SONHO.**

Nasci em Baliza - GO e hoje tenho 82 anos, tive 06 filhos e um casal morreu. Meu pai veio de Goiás e minha mãe do Maranhão. Ele foi garimpeiro por muito tempo em Poxoréo - MT e morreu novo com 53 anos de idade.

Quando me mudei para Tesouro, fui morar no povoado da Avoadeira e comecei a garimpar junto com meu marido e filhos. Eu achei duas pedras de diamantes, uma de 51 quilates e a outra de 25 quilates e algum tempo depois peguei outra pequena, de quatro quilates, já em Tesouro no garimpo da Dona Benedita.

A pedra de 25 quilates era muito linda, tinha a cor verde, da cor de palha de cana, era comprida e grossa. Essa pedra era pra ser do meu filho, mas, desencantado e cansado, ele não quis mais mexer e saiu, eu fiquei e foi só tirar um emburrado e o diamante estava embaixo.

Era para eu ser a pessoa mais rica de Tesouro, mas minha família é muito simples, eu não sei ler e confiamos facilmente nas pessoas. Nas três vezes entreguei as pedras para outra pessoa vender e fui enganada e a única coisa que me restou foi essa casa onde moro, que compramos com o dinheiro da primeira pedra. As pessoas contam uma história que eu achei uma das pedras de diamante no meio da rua em Tesouro, mas é mentira, nas ruas nunca achei nem um xibiu, quanto mais pedra.

Na Avoadeira, as pedras que eu peguei foram na peneira. Eu estava surucando, quando o diamante apareceu, o trabalho é pesado, precisa passar o cascalho de três a quatro peneiras. A peneira fina é para tirar a terra, a grossa para tirar o bugaião e na suruca para o bugaião ficar mais fino, por último passa o cascalho na peneira mais fina para tirar a areia e ficar só o esmeril para lavar. É um trabalho muito difícil.

Tudo isso faço sozinha até hoje, continuo trabalhando no antigo garimpo da Dona Benedita que faleceu há algum tempo. A distância da minha casa até lá, dá uns três quilômetros, sempre fui

caminhando e garimpo sozinha, mas já não estou aguentando essa viagem, então minha filha me leva e meio-dia vai me buscar.

Já era para eu ter pegado outro diamante grande, porque lá já tem muita piçarra limpa. Estou na fé de pegar um diamante, já acostumei a garimpar, se eu parar vou ficar doente, então, fico lá sossegada, só tenho medo de cachorro e de vaca, mas o gado está longe e cachorro não tem mais, o dono da terra não se incomoda com meu garimpo. Só vou parar quando pegar outra pedra. Está difícil, mas acredito em um milagre e também porque o cascalho queima! Como queima!

**OBS:** Em pesquisa realizada com um comprador de diamantes, verificamos que a pedra de 51 quilates, hoje valeria vinte milhões de reais.

Beatriz, Ana Clara Leão, Cauã e Rahi

### **O MILAGRE DA PEDRA PRECIOSA**

Conheci a lenda do diamante dessa região, quando ainda morava na Bahia, mais ou menos em 62, 63 eu vim para Tesouro e fui garimpar no Distrito de Batovi. Fiz minha casa sozinho, depois trouxe minha família, mulher e três filhos que tinham ficado para trás, trabalhei durante seis anos e onze meses no garimpo de Batovi, juntei de grão em grão um milhão de cruzeiros novos e fui ser mascate e comprar diamante, ganhei um dinheiro e comprei um pedaço de terra e tive mais cinco filhos.

Quando juntei um milhão de cruzeiros novos mudei do Batovi para Tesouro e tinha essa ideia de fundar a igreja Congregação Cristã do Brasil que era à base da minha fé. Então, de 69 a mais ou menos 72, os cultos eram na minha casa, mas quando não couberam as pessoas, aluguei num salão na rua marechal Rondon para poder caber o povo que já tinha batizado e os que já estavam assistindo os cultos. Em 77 resolvi construir a igreja e deu certo, em 79 no final do ano ela foi inaugurada, e até hoje considero o melhor prédio de Tesouro, na benfeitoria como no valor.

Para a construção da igreja, eu trouxe um crente de Barra do Garças - MT que era mestre de obra e ficou dentro da minha casa trabalhando e ganhando. O nosso dinheiro acabou e a construção da igreja iria parar, então, eu profetizei que ia aparecer uma pedra lá naquele cascalho que já tinha sido lavado pelos garimpeiros.

Quando os pedreiros foram usar o último saco de cimento, no cascalho que pegaram para fazer a massa, encontraram uma pedra de 3.9 quilates. Fui para São Paulo vender o diamante, com o dinheiro terminamos toda a igreja e fizemos a maior festa de inauguração, matamos seis vacas, setenta galinhas e foi feito 39 marmitas para crianças que as mães mandaram pedir e o dinheiro da pedra milagrosa ainda sobrou.

Beatriz, Ana Clara Leão, Cauã e Rahi.

### **O POTENCIAL TURÍSTICO DE TESOURO**

Meu avô e minha avó vieram da Bahia, ele foi professor e vereador. Meu pai nasceu em Tesouro, foi fotógrafo, policial civil e garimpeiro.

Nasci em Paranatinga - MT, nem gosto de mostrar minha identidade, porque sempre digo que sou tesourense. Tesouro é uma cidade acolhedora, as pessoas se preocupam em acolher uns aos outros e também quem chega ao município. É uma cidade que aos poucos se desenvolveu, teve o auge do garimpo nas décadas de 70 e 80, porém, nos anos 90 teve uma grande saída da população com o fechamento do garimpo por questão ambiental e os jovens saíram em busca de estudo.

Sou fotógrafa, fui secretária de esporte e lazer e fiz treinamento como monitora de turismo no município, acredito muito no turismo, porque nossa região tem bastante possibilidades turísticas e locais para prática de esportes radicais, porém, essa questão precisa ser trabalhada com os governantes para o bem da nossa cidade.

A região de Tesouro é bem rica, é um potencial turístico natural. Nós temos o rio Garças, tem o rio Batovi, também que são ricos em cachoeiras. Mais próximo daqui eu conheço, a cachoeira do Paulo Afonso, a menos de dois quilômetros. Temos também a cachoeira do Cipó, também dois quilômetros mais ou menos de distância. Para o lado do rio Cassununga, temos a cachoeira do Borá e o próprio Cassununga com histórias antigas da cidade.

No Rio Batovi temos a cachoeira Três irmãos, que tem a usina. Tem a cachoeira da Fumaça, que é uma das mais belas com 75 metros de altura, temos a cachoeira do Jacu e o Escorrega. Se formos explorar, temos bastantes locais.

Eu acredito no lema “É preciso conhecer para cuidar”, só se cuida daquilo que a gente conhece, então, precisamos conhecer para preservar e cuidar do nosso município. Os governantes devem se preocupar em ajudar a desenvolver o município, largar a política de lado e dar oportunidade para quem tem qualidade.

Ana Carolyne, Rafaela, Thais, Dheniffer e Leomarcos.

## **A FÉ RELIGIOSA**

Desde os 06 anos de idade, comecei a trabalhar vendendo salgadinhos, rosquinha e também trabalhando na roça com o meu pai, eu e os meus irmãos fizemos um pacto de estudarmos para não passar mais as dificuldades que estávamos passando. Tive uma vida normal como qualquer outra pessoa. Com 17 anos de idade abri minha primeira empresa em Poxoréo - MT, desde 09 anos eu frequento a igreja Católica, aos 18 anos fui pra Alto Garças - MT e me formei em antropologia vocacional, fiz um curso chamado CCM, sou filósofo, teólogo, logoterapeuta, analista existencial e missionariedade.

Hoje sou responsável pela juventude do Estado de Mato Grosso e ajudo também um trabalho em Brasília na CNBB com a juventude e também na CPI de mutilações e suicídio, já fui também garimpeiro até meus 14 anos de idade. Há 07 anos estou em Tesouro e aqui sou pároco da igreja Santa Terezinha e responsável pela casa Santo Antônio, onde atendemos mais de 100 crianças, a casa Santo Antônio tem mais de 20 anos em Tesouro, coordenada pelas irmãs Salésias que vieram da Itália e atendem mais de cem crianças todos os dias, com alimentação, aulas de reforço, recreação, atividades musicais, de arte, entre outras,

A festa de Santa Terezinha tem mais de 60 anos aqui na cidade de Tesouro, porém, a festa mais antiga é a de São Sebastião

que acontece na igreja do Cassununga, há mais de 60 anos e então e a Santa das Rosas que é a Santa da Proteção.

A festa de Santa Luzia surge a partir de um senhor que está com problema de vista e ele faz uma promessa que se ele fosse curado subiria no morro Santa Luzia para agradecer, ele foi curado, subiu o morro e a partir daquele dia se tornou o morro de Santa Luzia, porque a Santa Luzia é a padroeira da visão. A capela do morro Santa Luzia foi construída por moradores de Tesouro, que foram ajudando levando água, cimento e outros materiais de construção levados para o morro nas costas, também vieram voluntários da Itália para ajudar a construir.

A festa do Bom Jesus tem mais de 90 anos, foi trazida pelos baianos para Batovi.

Finalizo dizendo que o trabalho de vocês é muito importante para não deixar a história da nossa cidade morrer. A cidade de Tesouro é uma cidade antiga, pequena e parada. É uma região riquíssima em turismo, porém, não é explorada. Infelizmente Tesouro é mais conhecido pelo Festival de Praia, mas quero mudar isso. Quero que fique conhecido mais pela fé, por isso, estamos querendo investir na peregrinação religiosa.

Vitória, Audrey, Luan Henrique, Danielly, Gabriel Martins

### **FOGUETE! É MENINO OU MENINA?**

Vivi momentos marcantes na minha infância, um deles é que morávamos na fazenda Tesourinho, uns quatro quilômetros da cidade e vou contar a vocês... Isso é muito interessante e era costume dos baianos. Lá da fazenda nós sabíamos quando nascia uma criança em Tesouro e se era menino ou menina.

Eu tinha umas primas que moravam na fazenda também e todas elas tiveram muitos filhos, uma teve onze, outra doze. Quando ficavam grávidas, não tinha ultrassom, não tinha nada, mas escutávamos os mais velhos dizerem que elas estavam passando mal para ter os bebês. Nossa atenção dobrava e quando vínhamos para a escola a pé, eu, minha irmã e meu irmão, escutamos o estouro de dois foguetes... Já gritamos: É menina!

Quando nascia uma criança e soltavam dois foguetes, era menina e se soltasse três, era menino. Lá da fazenda também escutávamos os foguetes. Todas as crianças que nasceram passaram por esse processo.

Glenda, Joamir, Luan e Thiago

## **CAPÍTULO 4**

### **HISTÓRIAS DE GARIMPEIROS**

#### **A LENDA DO APERTADO DA HORA**

Na fazenda Tesourinho, logo depois da casa grande tem uma curva e uma grotinha que é bem estreita, ali recebeu o nome de apertado da hora.

Os garimpeiros sempre recomendavam para não passar naquele lugar a noite, porque alguém ou alguma coisa jogava milho e pedra nas pessoas que passavam por ali a pé. Se fosse montado a cavalo, montava alguma coisa na garupa e quanto mais você corria, mais ele grudava e não soltava mais. Então, ali recebeu o nome de apertado da hora e eu mesma ouvia os garimpeiros recomendaram:

- Não passe no apertado da hora de noite! É perigoso.

Heitor, Ana Clara Souza, Felipe, Rondyelly e Cristyan

#### **VIDA DE GARIMPEIRO**

Com 10 anos de idade, deixei meus pais em Guiratinga - MT e fugi para Tesouro - MT sozinho. Comecei a garimpar em 1981 (tenho apenas 37 anos de garimpo), na época tinha 22 anos, agora estou com 59 anos.

No meu tempo de menino, não tive a oportunidade de estudar, comecei a trabalhar muito cedo aos dez anos de idade, por esse motivo não estudei durante muitos anos. Com o sucesso no garimpo (virei comprador de diamante) comprei um carro velho e uma moto e para poder tirar a minha habilitação precisei aprender a ler e a escrever. Naquela época minha mente era boa, estudei da 1ª a 4ª série em um ano só e tudo com nota boa. Depois concluí meus estudos na EJA (Educação de Jovens e Adultos) e ainda sonho em fazer uma faculdade de Biologia.

O diamante de Tesouro não acabou simplesmente ficou mais difícil de você extrair ele, na época em que não havia fiscalização era tudo mais fácil. Hoje, a única máquina que está sendo liberada nessa região é a balsa. Continuo com o Garimpo, tenho uma balsa, onde três pessoas trabalham para mim e assim como eram antigamente, pago 40% do valor do diamante para eles, livre das despesas, a esse tipo de trabalho chamamos de meia praça.

O Garimpeiro normalmente quando ganham 1.500 reais, ele vai e gasta 1.700 reais e fica devendo 200, pensando que pode gastar além, porque está acertado no diamante, e pode não estar... não tem como saber. O que aprendi durante esses anos no garimpo, em Tesouro é que “O garimpeiro quer muito pegar o diamante, mas quando pega o diamante, não quer mais ele, quer o dinheiro e quando pega o dinheiro, você não quer mais ele, você já quer outra coisa”. Isso é muito engraçado!

Vitória, Audrey, Luan Henrique, Danielly e Gabriel Martins

### **O CACHORRO PROTETOR DE DIAMANTE**

Eu me lembro bem, meu pai veio da Bahia para Tesouro, foi garimpeiro e depois comprador de diamantes.

Um dos momentos marcantes que eu adorava presenciar na fazenda Tesourinho, onde vivíamos era quando meu pai chamava seu cachorro de estimação e então, pegava muitos diamantes e colocava dentro de um picuá, fazia uma roda de garimpeiros, colocava o picuá no chão e falava para o cachorro ficar em sentido e proteger os diamantes, e dizia aos garimpeiros em volta:

- Quem conseguir pegar o picuá, será o dono do picuá e de todos os diamantes que estão nele.

Era aquele alvoroço... E várias tentativas... Como o cachorro era bem adestrado e muito companheiro do meu pai, o seguia por toda parte, não deixava ninguém encostar no picuá, nunca ninguém conseguiu pegar os diamantes.

Sinto saudade daquela época.

Vitória, Audrey, Luan Henrique, Danielly e Gabriel Martins

### **O GARIMPO E SUAS RIQUEZAS**

Eu nasci no Batovi, em 19 de março de 1943. Meu pai veio do Maranhão e minha mãe da Bahia, se encontraram nos garimpos da região.

Cada um de nós tem uma vocação, a minha era ser piloto de avião ou mecânico, eu queria casar, porque eu já era mecânico, eletricitista e consertava aviões, era motivo de já ter uma família. Eu tinha que trabalhar e trabalhei demais. Em Guiratinga – MT, o médico pediu para eu sair da mecânica, passei 15 dias pescando, fomos para o Batovi e abriu um espaço para eu trabalhar no garimpo, tudo que eu tenho hoje, agradeço ao garimpo.

Sai do Batovi e vim para Tesouro trabalhar com garimpo e tive dezessete dragas, comecei com 10 homens, passei para 40, quando fui ver já estava com 80, depois com cento e pouco e cheguei a ter 345 homens trabalhando comigo, 331 homens e para completar 345 o resto foi mulher. Fiz muita amizade e não morreu nenhum garimpeiro comigo.

Aqui na nossa região nós tínhamos diamante que eram mercadorias finas, uma draga produzia 1.200 cabeças de diamantes, uma só. 17 máquinas produziam mais de 10.000 cabeças.

O governo foi quem tirou o incentivo do garimpo, porque o garimpo foi o maior empregador da nação, o governo com o petróleo tirou a vida do garimpeiro. Os tipos de diamantes que tinham em Tesouro eram: *indústria, a fazenda fina, chip, o diamante 3 por 1, o diamante 2 por 1*, sendo que o diamante mais fraco é a indústria. Então, na época do presidente José Sarney, foi a melhor época do garimpo. O governo congelou tudo, o petróleo, a alimentação, a gasolina, tudo ficou congelado por um ano, só não congelou o dólar, nessa época o quilo do diamante era vendido por dólar.

Eu vendia os diamantes retirados na semana e tirava a parte dos garimpeiros meia praça que era de 35%. Então, o IBAMA proibiu trabalhar nos rios, mas hoje já está liberado, só que para você trabalhar no canal do rio onde está o diamante, é muito caro e se não acertar nele, dá prejuízo. Quando a produção era fraca eu dava todo o dinheiro da venda dos diamantes para os garimpeiros, para as despesas deles, e quando não pegava nada, eu dava 10 reais para os solteiros e 20 reais para os casados.

As melhores coisas que aconteceram comigo foi pegar muito diamante e criar meus oito filhos, casei todos eles, dei uma casa para cada um e tenho uma boa fazenda. Hoje vivo tranquilo, graças ao garimpo.

Beatriz, Ana Clara Leão, Cauã e Rahi

### **SONHO INTERROMPIDO**

Nos anos 40, dois garimpeiros vieram da Bahia, eram dois irmãos e foram trabalhar no garimpo do Daim em um grande poço no rio Garças. Eles pegaram muito diamante, o local onde garimpavam era um barranco muito alto e sempre cavando mais.

O sonho, dos irmãos era voltarem para a Bahia e levar o dinheiro para sua família. Arrumaram as malas para partirem, já era a no final da tarde, mas um deles convenceu o outro e resolveram voltar para trabalhar mais um pouco e então viajariam na manhã seguinte, com um pouco mais de diamante na mala. Quando eles retornaram e começaram a cavar, o barranco caiu e cobriu os dois.

Até hoje, nem seus ossos foram encontrados. Ficaram enterrados com todo o diamante que já haviam pegado.

Ana Carolyne, Rafaela, Thais, Dheniffer e Leomarcos

## **CAPÍTULO 5**

### **HISTÓRIAS DE PESCADORES**

#### **AS CURVAS DO RIO GARÇAS**

Uma vez eu fui fazer minha habilitação em Guiratinga - MT e tinha muita gente na minha frente, aí eu disse bem assim para o professor:

- O rapaz! Você podia fazer a minha primeiro!

Tinha tido muita chuva e eu estava de moto e a estrada cheia de lama...

- Me passa na frente da turma?

Aí ele olhou nos meus documentos e falou assim:

- Você é pescador?

Eu falei: Sou.

- Então, se você me contar uma mentira boa, eu faço a sua prova primeiro.

E eu falei: Não, eu não sei contar mentira!

E ele falou: Conta uma só.

- Vou contar uma só, mas não é mentira não.

- Você conhece Tesouro?

- Não.

- Mas tem gente aqui que conhece. Por quê?

- Lá, o rio Garças, para baixo da ponte é tudo cheio de curvas.

Ele falou: - Uai! Mas geralmente todo rio tem curvas. Eu falei: - Mas o rio Garças, antigamente era certo, eu peguei um peixe tão grande, tão grande, que quando o peixe ficou mexendo e se debatendo na linha, o rio foi entortando, entortando e fez todas aquelas curvas lá.

Ele falou: - Me dá seus papéis aí! Os outros alunos ficaram com raiva porque ele me passou na frente. Até hoje não entendo o motivo!

Heitor, Ana Clara Souza, Felipe, Rondyelly e Cristyan

### **COLÔNIA Z-17 DE PESCADORES**

O Rio Garças na década de 70 tinha muitos peixes. Vinham pessoas de diversos lugares para pescar, principalmente de São Paulo, chegando a ter seis ônibus de turistas na cidade e levavam uma média de dez frízeres cheios de peixes. Muitos garimpeiros que conheciam bem o rio abandonaram o garimpo para pescar com os turistas, deixando de ganhar 25 cruzeiros por dia no garimpo, para ganharem 80 cruzeiros no auxílio da pesca. Porém, essa fatura não durou muito, devido ao controle com as leis da pesca.

Cerca de dez anos depois, muitos pescadores se tornaram membros da colônia Z3 de Rondonópolis- MT. Em 2007 começaram montar a colônia de Tesouro- MT dando-se o nome de colônia Z17 de pescadores profissionais, atualmente com 99 membros. Durante a piracema, um período de quatro meses, eles recebem um salário mínimo do governo por não poderem pescar nessa época. Hoje, o peixe no rio Garças está acabando devido à seca, o uso desordenado de máquinas no garimpo antigamente e do veneno utilizado nas lavouras próximas ao rio.

“Pescadores não acaba com os peixes, são as lavouras e os venenos. Hoje em dia os peixes estão escolhendo as iscas...”, disse o presidente da colônia de pescadores profissionais de Tesouro, a Z-17.

Vitória, Audrey, Luan Henrique, Danielly e Gabriel Martins

### **A SUCURI, O ABOTOADO E EU**

Tenho muitas histórias de pescador, todas são verdadeiras e aconteceram comigo. Uma delas é que várias vezes peguei dois peixes em um anzol só e até pesquei uma cobra Sucuri no anzol. Um dia falei para a turma assim:

- Rapaz! Eu peguei uma sucuri na linha e o cara disse:
- Nunca! Onde já se viu uma Sucuri pegar na linha de pescar! Então eu afirmei:
- Eu peguei sim.

Não contei para eles como aconteceu, na verdade eu amarrei uma linha grossa no galho da árvore e a Sucuri passou e fisgou bem no meio. Era uma Sucuri enorme, de uns cinco metros. O mais interessante é que a Sucuri tinha engolido um peixe chamado abotoado (ele é preto e tem umas serrilhas do lado) e as serrilhas ficaram para fora da cobra, porque a sucuri engoliu o peixe vivo.

Estavam comigo uns turistas de Campinas - SP e não deixaram eu matar a Sucuri. Então, com um alicate cortei a linha bem no pezinho e soltamos ela.

Heitor, Ana Clara Souza, Felipe, Rondyelly e Cristyan

### **EMOÇÕES DE UM PESCADOR**

Nasci em Tesouro no dia nove de dezembro de 1958. Sou pescador já faz quinze anos, comecei a pescar a pé, depois em canoa de zinga, com o tempo as coisas foram melhorando e comprei um barco com motor. Adrenalina dói muito quando a gente pesca um peixe grande, a vara dobrando e a gente vai puxando, mas, não pode puxar muito se não o peixe escapa. Quando isso acontece chego na cidade e falo para meu primo:

- Derramou a gasolina...
- O que foi moço? O tambor virou?
- Sim, deixei escapar um Pintado que devia ter seis quilos. Agora fiquei no prejuízo e quem vai tampar a dispensa?

O peixe maior que eu já peguei foi um Pintado que pesou doze quilos e oitocentas gramas. Quando joguei o peixe no barco, fui vibrar porque tinha pegado um peixe bem grande, o barco mexeu e eu vupi, cai na água, indo de prancha no rio... Molhei, mas molhei contente. A maior quantidade de peixes que eu peguei em um dia, (porque a gente não pesca nem de rede nem de tarrafa), foi vinte e cinco Pintados na linha. Meu primo pegou oitenta e quatro peixes, um atrás do outro, quase não dava tempo de amarrar a linha. O maior peixe que ele pegou foi um Jaú, há muito tempo atrás, pesou cento e quarenta e oito quilos, agora quando você pega um, já é muito. Nos últimos três anos, o maior peixe que peguei tinha quarenta e seis quilos, antigamente de noventa quilos era normal.

Antes de ser pescador profissional, trabalhei em fazenda, em sacaria, comprei uma tropinha com burros e cavalos e fui transportar gado durante uns quinze anos. Meu primo, antes da pesca trabalhou vendendo coisas. Foi engraxate, e trabalhou na olaria fazendo tijolo e por último no garimpo. Hoje levo uma vida bem sofrida, a gente vai pescar e tem vez que não tira a despesa, mas eu gosto muito... Gosto tanto que abandonei minha casa na cidade para morar aqui na beira do rio Garças. Quando não pego peixe, fico olhando o rio, ontem mesmo, vi passando um Pintado. Quando vou a cidade encontrar a turma tenho muita história pra contar, e digo assim:

- Rapaz! Hoje eu fiz uma pescada boa. Hoje eu to muito contente.
- O que você pegou?
- Peguei peixe até de um zói só.
- De um zói só! Por que é cego?
- Não. Porque ele tinha um olho bem no meio da testa.
- Então, foi o que eu vi, eu ia descendo de barco e o motor desligado, na água rasa, dei uma olhada, tinha um pintado de uns quinze quilos, ele tinha um olho só e tava olhando para mim.
- Rapaz! Então foi esse o Pintado que eu peguei.

Heitor, Ana Clara Souza, Felipe, Rondyelly e Cristyan

### O CACHORRO PESCADOR

Sou pescador há mais de quinze anos e já vi muitas coisas nessa beira de rio. Até meu cachorro é pescador e já ferrou peixe no anzol.

Eu tinha um cachorrinho e certo dia, procurei ele e não achei, então, fiquei pensando...

- Cadê meu cachorro?!

Eu tinha amarrado várias linhas na beira do Rio Garças para fisgar peixe e o cachorro tinha saído para nadar atrás do barco e o anzol fisgou na pata dele. Fiquei com muita pena, quando cheguei do outro lado do rio e o meu cachorrinho estava perto de um galho e ficou com a mãozinha para cima, pois estava fisgado pela mão. Tive muito trabalho para tirar o anzol da patinha dele.

Quando vi de longe meu cachorrinho com a mãozinha para cima e a linha dentro d'água, falei:

- Puta merda, será que meu cachorro tá é pescando?

Heitor, Ana Clara Souza, Felipe, Rondyelly e Cristyan

### GLOSSÁRIO

**Balsa:** plataforma que fica no meio do rio utilizado para garimpar.

**Batei:** bacia de madeira.

**Barraco:** casa feita de barro e coberta com palha.

**Bruacas:** sacos grandes de couro usado nos animais para transporte de cargas.

**Bugaião:** cascalho grosso.

**Cancha:** corrida de cavalos.

**Cargueiro:** mulas que traziam os alimentos, roupas e cargas dos viajantes.

**Zona diamantífera:** local de grande potencial na descoberta de diamantes.

**Carumbé:** tacho de ferro usado para carregar pedras e cascalho no garimpo.

**Cascalho que queima:** cascalho mentiroso; é bonito, mas não dá diamante.

**Chip:** pedaço branco de diamante que aproveita para fazer jóias.

**Conflituação:** conflito; briga.

**Derramar a gasolina:** ter prejuízo.

**Dois por um:** quando dois diamantes pesam um quilate.

**Draga:** motor que fica fora do rio destinado a retirar água do fundo dos rios no garimpo.

**Emburrado:** pedra grande

**Entrosamento:** amizade.

**Esmeril:** cascalho mais fino onde procura o diamante.

**Fazenda fina:** tipo bom de diamante que deve ter o peso de cinco a vinte pontos.

**Golfeiro:** mergulhador que retira cascalho do fundo do rio para garimpar.

**Golfo:** atravessar um varão no rio e mergulhar com um ralo e encher de cascalho para garimpar.

**Indústria:** tipo de diamante sem muito valor e serve para fábrica de ferramentas.

**Meia praça:** garimpeiros que o patrão dá a despesa, material e depois divide o lucro do diamante da semana em uma porcentagem combinada, geralmente, 35% a 40%

**Muiezada:** muitas mulheres juntas.

**Ofício:** trabalho, ocupação.

**Piçarra:** final do cascalho, onde o diamante costuma estar.

**Picuá:** recipiente onde se guarda diamantes.

**Pizero:** bagunça.

**Quilate:** corresponde a cem pontos.

**Sarro:** fazer piada, gozação.

**Surucano:** sacudir a peneira para tirar as pedras maiores.

**Três por um:** quando três diamantes pesa um quilate.

**Xibiu:** apelido do diamante pequeno que não pesa um ponto.

**Zinga:** vara comprida usada para empurrar a canoa no rio.